

## Combate dos trabalhadores intensifica-se em Maio

Com a direita no poder, e conhecidas que são as suas propostas na área laboral, este 1.º de Maio abre novas perspectivas de luta. Esta a opinião



de Amável Alves, dirigente da CGTP que, em entrevista ao *Avante!*, considera que os trabalhadores saberão responder à ofensiva

Págs. 5, 6, e 7

# Lutar com firmeza!



## 25 de Abril sempre! E o povo saiu à rua...

Centrais

Entrevista com Di Lello

### Um combatente *antimafia*

Giuseppe Di Lello foi um dos magistrados que promoveram os processos de Palermo. Hoje deputado independente pela Refundação Comunista, fala ao *Avante!*, sobre realidade do seu país.

Págs. 24 e 25

Há 28 anos

### Nasceu um país livre

«Vinte e oito anos depois do 25 de Abril, há quem, usando mal a liberdade que Abril lhe restituiu, esteja a fomentar o esquecimento.» Um artigo de Duran Clemente.

Págs. 18 e 19

A Alemanha política

### O descrédito da social-democracia

O «camarada dos patrões», como é designado o chanceler Schröder, e o seu gabinete executam uma política contra os direitos dos trabalhadores. Um artigo de Rui Paz.

Pág. 15

**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNE-VOS!

PROPRIEDADE  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Gago Coutinho  
121/A700 Lisboa  
Capital social:  
€ 125 000.  
CRC matrícula: 47058.  
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

Director  
José Casanova

Chefe de Redacção  
Leandro Martins

Chefe Adjunto  
Anabela Fino

Redactores  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Custavo Carneiro  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lúcia Calapez  
Margarida Folque  
Miguel Inácio

Grafismo  
José Araújo

Fotografia  
Jorge Caria  
Jorge Cabral

Secretaria de Redacção  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 923 99 21  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B L. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS\*  
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL  
(Continente e Regiões  
Autónomas)  
50 números: 9 000500  
44,90 euros  
25 números: 4 600500  
23,00 euros

EUROPA  
50 números: 23 000500  
114,75 euros

EXTRA-EUROPA  
50 números: 33 000500  
164,60 euros

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



Greve dos trabalhadores da Carris

## Resumo

### 23 Terça-feira

Carvalho da Silva, secretário-geral da CGTP, condena a proposta do Governo de extinguir a Comissão do Trabalho para a integrar na Comissão dos Assuntos Sociais na Assembleia da República. Os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa manifestam-se frente ao Fórum Lisboa, para protestarem contra a eventual extinção de organismos municipais. A Federação dos Sindicatos do Comércio emite um pré-aviso de greve para 1 de Maio para que os trabalhadores dos supermercados se possam recusar a trabalhar neste feriado. O Partido Trabalhista israelita e a Fatah palestina acordam em Madrid realizar dentro de oito semanas uma conferência de paz. Os ministros da Economia, da Produção, do Interior e da Presidência do governo da Argentina apresentam a sua demissão ao presidente Eduardo Duhalde.

### 24 Quarta-feira

Os trabalhadores dos Transportes Sul do Tejo reúnem-se em plenário; a empresa propôs aumentos globais de cerca de 3 por cento, traduzidos, nalguns casos, numa redução de salário, em especial para os funcionários das transportadoras «Belos» e «Covas e Filhos». O primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, não permite a entrada da missão da ONU em Jenin. O presidente do Egipto, Hosni Mubarak, acusa Israel de ter ultrapassado «todos os limites», por cercar a Igreja da Natividade e ao «violiar atrocemente» os Direitos Humanos nas cidades palestinianas. O exército israelita mata dois activistas palestinianos, entre eles um destacado dirigente do Hamas, na aldeia de Bani Nain, no distrito cisjordano de Hebron.

### 25 Quinta-feira

Milhares de pessoas saem à rua em Lisboa e no Porto para festejar os 28 anos do 25 de Abril. Uma delegação de 19 deputados do Parlamento Europeu que viajou a Israel e aos territórios palestinianos denuncia os crimes de guerra que, segundo ela, cometem as autoridades israelitas contra a população palestinianas. O parlamento argentino aprova uma lei favorável ao sector bancário que coloca entraves ao levantamento do dinheiro das contas a prazo. Mais de 150 mil pessoas saem à rua em várias cidades francesas para se manifestar contra o líder da Frente Nacional, da extrema-direita francesa, Jean Marie Le Pen.

### 26 Sexta-feira

Os sindicatos dos bancários realizam o bloqueio de 60 caixas

Multibanco em protesto pelo impasse nas negociações salariais com o patronato. Os trabalhadores da construção civil suspendem, durante um período de meia hora, as suas actividades em memória dos que morreram em acidentes de trabalho. George W. Bush apela a Israel para que «complete a retirada» da Palestina e arranje «soluções não violentas para Ramallah e Belém». O exército israelita volta a entrar na cidade autónoma palestina de Qalqúlia, no norte da Cisjordânia.

### 27 Sábado

Os trabalhadores do bingo do Estrela da Amadora distribuem panfletos para alertar os clientes para a situação laboral irregular em que se encontram. Mais de cem mil pessoas desfilam nas ruas de Paris, para protestarem contra a Frente Nacional, partido de Jean-Marie Le Pen. Membros da oposição no Azerbaijão são presos em Baku durante uma manifestação que exigia a demissão do presidente Heydar Aliiev. O ministro do Interior italiano, Claudio Scajola, declara-se «próximo da polícia napolitana» horas depois da detenção em Nápoles de oito polícias, acusados pela Procuradoria de Justiça de excesso de violência contra manifestantes antiglobalização.

### 28 Domingo

Os sindicatos do comércio denunciam a insistência dos supermercados Intermarché, Ecomarché e E. Leclerc de não fecharem no dia 1 de Maio. Yasser Arafat aceita uma proposta dos EUA que pretende restituir-lhe a liberdade, no entanto, condiciona a sua resposta à resolução do cerco na igreja da Natividade em Belém. As autoridades israelitas voltam a travar a viagem da delegação da ONU encarregue de investigar o que aconteceu em Jenin durante a ofensiva militar das Forças de Defesa de Israel. Cerca de 12 pessoas são mortas num ataque de um grupo muçulmano contra duas aldeias cristãs a Sul de Ambom, na Indonésia. O Sporting sagra-se campeão nacional de futebol, com a vitória do Benfica sobre o Boavista.

### 29 Segunda-feira

Os trabalhadores da Carris realizam a sexta greve do ano para reivindicarem aumentos salariais superiores a 3 por cento. O exército israelita faz uma incursão na cidade cisjordana de Hebron, matando sete palestinianos. Um palestiniano de cerca de 30 anos é assassinado por um tiro disparado por militares israelitas quando se encontrava entrincheirado na basílica da Natividade. O jornalista Fernando Pessa falece no Hospital Curry Cabral, em Lisboa.

## Aconteceu

### Inscritos e votantes em Lisboa não batem certo

O número de eleitores inscritos para as últimas autárquicas em Lisboa não é o mesmo nos diversos documentos oficiais eleitorais, situação que Fátima Mendes, secretária da CNE,

República» de 27 de Março e mais recentemente distribuído.

Segundo o documento, no município de Lisboa, o número de eleitores inscritos foi de 568 267 para a Assembleia Municipal e de 568 087 para a Câmara, uma diferença de 180 a mais na Assembleia.

«O número de eleitores inscritos tem de ser sempre o mesmo para a Assembleia e para a Câmara», disse a responsável, que se mostrou «perplexa» perante os dados.

No acerto do apuramento geral, registaram-se alterações relativamente aos dados da noite das eleições: na Assembleia a lista PS/CDU perdeu 29 votos e a do PSD/PPM ganhou 419, enquanto para a Câmara o PS/CDU perdeu 911 e o PSD/PPM 41.

A vitória de Santana Lopes, pela coligação «Lisboa Feliz» (PSD/PPM) foi confirmada com uma diferença para João Soares, à frente da coligação «Amar Lisboa» (PS/CDU), de 1726 votos.



considera uma «discrepância inexplicável».

Originário da Comissão Nacional de Eleições (CNE), o mapa oficial do resultado das eleições autárquicas de 16 de Dezembro de 2001 foi publicado em suplemento ao «Diário da

### Simões de Almeida paga caução de 8 mil contos

O presidente da empresa intermediária no aluguer dos navios-hotel da Expo-98, Simões de Almeida, saiu na passada quinta-feira em liberdade, após um interrogatório que durou toda a noite, mediante uma caução de 40 mil euros (8 mil contos).

A detenção de Simões de Almeida foi a última prevista pela PJ, no âmbito da operação «Barca Bela II», desenvolvida para investigar a alegada corrupção e gestão danosa no aluguer de três navios-hotel, que terá lesado o Estado em cerca de 25 milhões de euros

(cinco milhões de contos). A operação policial foi conhecida a 18 de Março, quando a PJ deteve o responsável pelos negócios de alojamento na Expo-98, Januário Rodrigues, e o então vice-presidente do Sporting, Godinho Lopes, suspeito de ser o angariador dos navios.

Godinho Lopes e Januário Rodrigues foram ouvidos em tribunal a 19 de Março, tendo saído em liberdade mediante o pagamento de cauções de 50 mil euros (10 mil contos) e 30 mil euros (6 mil contos), respectivamente.

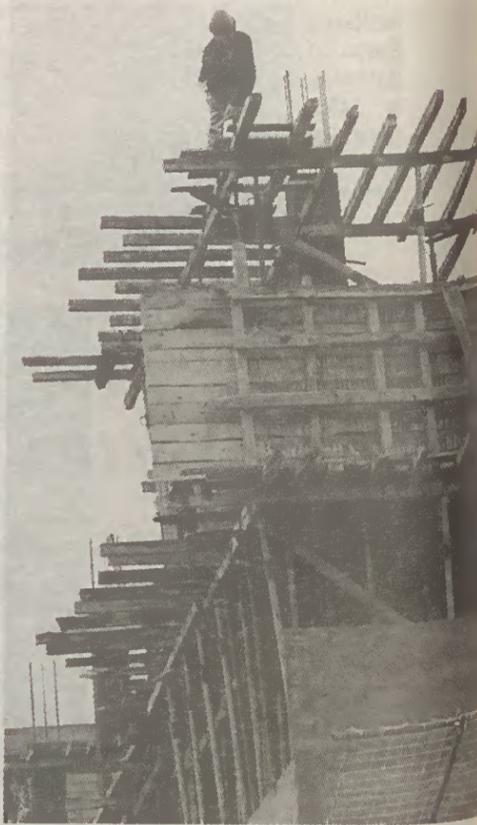
### Sporting campeão nacional

A vitória deste domingo do Benfica sobre o Boavista permitiu que o Sporting pudesse festejar antecipadamente o título de campeão. A uma jornada do final do campeonato, os «leões» garantiram o 18.º título da sua história.

Os «encarnados», que já por duas vezes adiaram os festejos «leoninos», foram domingo os «responsáveis» pela celebração do 18.º campeonato do Sporting, sem que os «leões» preci-



### Trabalho mata 5 mil por dia



Estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontam para cinco mil mortos por dia devido a acidentes e doenças resultantes do trabalho. Os números foram apresentados domingo e apontam para valores elevados de mortos em resultado do trabalho, que ultrapassam largamente as vítimas mortais da guerra.

Por ano, segundo as estimativas da OIT, morrem quase dois milhões de pessoas na sequência de acidentes e doenças ligadas ao trabalho. Por comparação, as guerras causam 650 mil mortos. Só em acidentes de trabalho, morrem 350 mil pessoas por ano. As vítimas mortais que trabalham com substâncias perigosas são 340 mil por ano e as do amianto são cerca de 100 mil.

A OIT aponta a prevenção como a prioridade para evitar um número tão elevado de mortos e adianta que a presença de sindicatos reduz consideravelmente o número de acidentes e de problemas de saúde no trabalho.

Dados da Inspeção-Geral do Trabalho e da CGTP referem que ocorrem em Portugal cerca de mil acidentes por dia útil, um dos quais mortal. Em 2001, morreram 280 pessoas no local de trabalho (sem contar as que morrem em casa ou no hospital em consequência de acidentes de trabalho), 156 das quais na construção civil.

### Adeus a Fernando Pessa

O decano dos jornalistas portugueses, Fernando Pessa, morreu, segunda-feira, no Hospital Curry Cabral, em Lisboa, onde estava internado desde 25 de Março. O jornalista, que completou cem anos no dia 15 de Abril, não resistiu a uma infecção bronco-pulmonar.

Fernando Luiz de Oliveira Pessa nasceu em Aveiro, na freguesia de Vera Cruz, a 15 de Abril de 1902, tendo dedicado toda a sua vida ao jornalismo.

«E esta, hein!», frase com que encerrava as suas crónicas na televisão na RTP sobre os problemas da cidade de Lisboa, marcou a fase final da sua carreira de repórter.

Pessa iniciou a sua carreira de jornalista na rádio e na Emissora Nacional já depois dos anos 20. A II Guerra Mundial apanha-o em Londres, na BBC, em cujos microfones anuncia a vitória dos aliados. Ao regressar a Portugal, em 1947, encontra fechadas as portas da Emissora Nacional. Vira-se depois para a televisão, embora só em 1976 tenha entrado para os quadros da RTP.

Entre os numerosos prémios que Fernando Pessa recebeu ao longo da carreira, contam-se a Ordem do Infante, em 1981, e a distinção de Grande Oficial da Ordem de Mérito, atribuída dez anos mais tarde.

## Crónica Internacional

• Albano Nunes

### Contra a extrema-direita, fortalecer os partidos comunistas!

Não é a primeira vez que na segunda volta das eleições presidenciais em França está ausente um candidato de esquerda. Isso aconteceu em 1969, curiosamente nas primeiras eleições presidenciais após o Maio de 68, e quando falar de esquerda era fundamentalmente falar do grande Partido Comunista Francês e não do PSF, então estilhaçado pelo oportunismo. Nessas eleições, o comunista Jacques Duclos, grande dirigente operário e da Resistência, alcançava mais de 21% dos votos sem entretanto conseguir passar à disputa final. Mas que um candidato de extrema-direita atinja um tal *score* eleitoral e passe à segunda volta é um acontecimento inédito perturbador do qual há que tirar com urgência lições.

Não, estes resultados e a sua inquietante expressão política não traduzem a real vontade do eleitorado e do povo francês. Basta, aliás, atender no generalizado sobressalto popular antifascista que nestes dias varreu a França, com presença destacada da juventude, para ver que os franceses rejeitam e combatem a extrema-direita racista e fascizante e não se revêem num sistema político que possibilita uma tal caricatura de democracia. É, aliás, encorajador verificar que a viragem à direita e o avanço da extrema-direita na Europa tem dado lugar a grandes movimentos de opinião, nomeadamente na Áustria após a entrada do partido de Heider no governo, na Itália contra a política repressiva e as leis antipopulares do governo de Berlusconi, e agora na França. Centrais sindicais de diferente orientação que estavam de costas, partidos e correntes políticas confrontados

em pontos centrais de orientação, movimentos e personalidades dos mais diversos quadrantes, aparecem agora, inquietos com o avanço da reacção, a convergir na acção, a estabelecer pontes de diálogo, mesmo a especular com uma «regeneração da esquerda».

É positivo que um tal sobressalto unitário e antifascista aconteça e tenha uma real expressão de massas. Trata-se de um dos elementos mais significativos da presente conjuntura europeia e mundial. É, porém, absolutamente necessário para que tal sobressalto se não perca, ir às raízes da viragem à direita que aí está, e não escamotear o facto – aliás, historicamente cíclico – de que forças que hoje se mobilizam contra a extrema-direita têm as maiores responsabilidades no seu ascenso. Só assim se evitam ilusões geradas por posições e alianças ao sabor da conjuntura. O *abc* do marxismo-leninismo ensina que para combater um fenómeno é necessário eliminar as suas causas socioeconómicas e ideológicas. Esta não é uma tarefa fácil. Cruzam-se e entrecruzam-se elementos comuns e específicos de país para país, no que respeita ao sistema político (que cada vez mais expulsa a participação dos cidadãos), à política económica e social (de qualquer modo sempre determinada pelos interesses do grande capital), aos factores culturais e ideológicos (revisão histórica, banalização da violência e da guerra, fomento do medo e da irracionalidade), arrumação das forças sociais e político-partidárias (geralmente com a social-democracia a trair as expectativas do eleitorado e a realizar a política do capital) e tantos outros factores.

Uma coisa é, porém, certa: tanto os partidos de direita como a social-democracia, revezando-se no governo e coincidindo na natureza de classe das respectivas políticas, não estão em condições de dar satisfação aos problemas e aspirações dos trabalhadores e dos povos. As profundas transformações democráticas, económicas e sociais requeridas pela crise do capitalismo exigem partidos profundamente identificados com a classe operária e o mundo do trabalho em geral, com convicções fortes e determinação revolucionária. A mais ampla unidade na acção contra o fascismo tem ampliar-se à luta contra o imperialismo e a guerra. E isso exige, mais do que nunca, não a descaracterização e diluição, mas o fortalecimento dos partidos comunistas.

É positivo que um tal sobressalto unitário e antifascista aconteça

## Editorial

# MAIO ESTÁ NA RUA

Dia dos Trabalhadores, o 1.º de Maio assume sempre, por isso mesmo, características muito particulares e muito específicas. Sendo uma jornada de festa é também, e essencialmente, uma jornada de luta («A luta é a festa dos trabalhadores» - dizia um personagem de «Capitães da Areia»), um espaço de confraternização e reencontro, de convívio e de alegria; um dia de balanço de lutas realizadas e de definição das lutas a concretizar no futuro imediato; um momento de afirmação colectiva da consciência de uma classe portadora da firme determinação de lutar, todos os dias e sempre, pela justiça social, pelo progresso, pela conquista dos direitos a que todo o ser humano, pelo simples facto de existir, tem direito; um colectivo *Echelon* para as batalhas que a situação exige e nas quais a classe operária e os trabalhadores desempenham um papel determinante e insubstituível.

Assim tem sido nos últimos anos, assim será, mais uma vez, este ano – em Lisboa e em todos os outros locais do País, onde, respondendo ao apelo da sua Central Sindical – a CGTP-IN – milhares e milhares de trabalhadores encherão as ruas de festa e de luta. De Maio.

Aliás, este ano, com as acrescidas razões decorrentes da situação que se vive no nosso país,

“Vamos, então, para a rua, viver Maio em festa e em luta”

em que um Governo formado por elementos da direita e da extrema-direita se prepara para desencadear uma forte ofensiva contra os direitos e interesses dos trabalhadores portugueses, do povo e do País.

Afluência popular às comemorações do 28.º aniversário do 25 de Abril constituiu um sinal que anuncia um grande 1.º de Maio. Porque Abril e Maio estão ligados, não apenas por razões de calendário, mas essencialmente pelo significado político de ambas as datas e pelo que elas representam para os trabalhadores e o povo! A multidão que, por todo o País, comemorou Abril voltará à rua no Dia dos Trabalhadores e conferirá as estas comemorações o carácter e o conteúdo positivos que imprimiu às múltiplas manifestações de quinta-feira passada.

Menos positivas foram, no entanto, outras comemorações...

É sintomática a rejeição dos cravos vermelhos por parte dos deputados do PSD e do CDS/PP, na sessão realizada na Assembleia da República – atitude que só confirma os engulhos que a Revolução de Abril continua a causar a muitos deles. Mas, por muito que lhes custe – e custa –, Abril existiu, pôs termo à ditadura, restituiu a liberdade ao povo português e iniciou, no nosso país, a construção do futuro. E se é verdade que os que hoje rejeitam os cravos de Abril tudo têm feito, fazem e continuarão a fazer para apagar definitivamente todos os sinais da Revolução dos Cravos

e prosseguem a política de direita (que é a política da contra-revolução, do passado, do retrocesso, da intensificação da exploração), não é menos verdade que milhares e milhares de portuguesas e portugueses, milhares e milhares de homens, mulheres e jovens, identificados com os ideais de Abril, persistem na luta por esses ideais com a confiança, a determinação e a serenidade de quem sabe o que quer e não desiste de lutar pelo que quer, de quem sabe estar a lutar pelo futuro.

Como se esperava, a questão do sistema político e das suas reformas foi mais uma vez tema em foco. É óbvio que o sistema político pode e deve ser melhorado; que só o será se as necessárias reformas políticas se processarem no espírito de Abril; e que será piorado se, como alguns insistem, o sentido das reformas for o da rejeição dos cravos de Abril.

Ouvindo alguns desses *Echelon*, dir-se-ia que a intensificação da exploração dos trabalhadores; os constantes e crescentes ataques aos seus direitos e interesses; a acentuação das desigualdades; a degradação e encarecimento dos serviços públicos; os espessos muros que fecham aos jovens as portas do futuro; a crescente (total) dependência do poder político face ao poder económico; a rasteira subserviência dos vários governos aos ditames dos donos da Europa e do Mundo, e muitos outros e gravíssimos problemas que afectam a maioria dos portugueses... só existem por falta dessas *Echelon* e só serão resolvidos pelas sempre invocadas *Echelon*. Dir-se-ia que os muitos e gravíssimos problemas existentes no nosso país não são resultantes da política que PS, PSD e CDS/PP (sozinhos ou agrupados de acordo com os interesses de momento dos grandes grupos económicos) têm vindo a levar à prática há mais de duas décadas.

Dir-se-ia, enfim, que as *Echelon* que povoam os sonhos da maioria dos que as defendem, não têm como preocupação essencial a aplicação de mais umas quantas e graves machadadas em Abril e nos seus ideais.

Aliás, que *Echelon* se podem esperar de uma maioria absoluta de deputados de direita na Assembleia da República? Deputados que, lembre-se, fogem dos cravos de Abril como o Diabo foge da cruz.

Abril continua, tal como Maio, tal como a luta.

É certo que a política de direita, com o seu específico conteúdo de classe, prosseguirá. É certo que os actuais detentores do poder político continuarão a tudo fazer para bem servir os interesses dos grandes grupos económicos e, por isso, a fazer recair sobre quem trabalha e vive do seu trabalho o peso pesado das consequências dessa política. É certo que forças políticas que deveriam envolver-se na luta contra a política de direita, continuarão muito mais empenhadas em substituir por gente sua a gente que hoje está no Poder – para, conseguido esse objectivo, praticarem, em nome da esquerda, a mesma política de direita.

Mas os trabalhadores portugueses saberão assumir as responsabilidades que lhe são exigidas.

Vamos, então, para a rua viver Maio em festa e em luta.

## Actual

A coisa é isto (como diria Camilo): decidi a comunicação social dominante (csd) - que é propriedade e, por isso, defende os interesses dos donos do país - dividir os comunistas portugueses em dois grupos distintos: os **bons** e os **maus**. Decidiu, ainda, a dita csd baptizar de «renovadores», os primeiros e de «ortodoxos», os segundos. Concluiu a prestimosa csd que aqueles a que chama «renovadores» defendem um PCP forte e com grande influência eleitoral e que os chamados «ortodoxos» não pensam noutra coisa que não seja enfraquecer o PCP e reduzir a sua expressão eleitoral.

Por tudo isto decidiu, a isenta, plural, independente e imparcial csd tomar partido pelos primeiros e contra os segundos.

Assim, como poderá constatar qualquer consumidor da dita csd, todos os chamados «renovadores» são apresentados como pessoas recheadas de inteligência, de saber, de modernidade, de humanismo, de canduras, de virtudes éticas, enfim, de um conjun-

to vasto de qualidades raras - qualidades que, presume-se, são de aquisição recente, já que, antes de lhes atribuir a designação de «renovadores», a csd nunca lhes descobriu tais atributos, antes pelo contrário.

Por tudo isso, a csd trata os seus «renovadores» com os maiores carinhos e atenções e dá-lhes, e às suas qualidades, abundantes primeiras, segundas, terceiras... páginas de jornais, telejornais, noticiários e colunas sociais.

Quanto aos denominados «ortodoxos», esses, segundo a mesma csd, são ignorantes, incultos, boçais, antiquados, desumanos, cheios de ódio, intolerantes a ponto de *excluírem, expulsarem, purgarem* qualquer opinião minimamente discordante - aliás, a acreditar na dita csd, o número de «renovadores» vítimas das *exclusões, expulsões e purgas* dos «ortodoxos» é elevadíssimo, mesmo tendo em conta que vá-

rios deles já foram *excluídos, expulsos e purgados* duas, três, quatro vezes...

Por tudo isso, a csd, trata os referidos «ortodoxos» abaixo de tudo: insulta-os, calunia-os, deturpa e subverte as suas opiniões, julga-os e condena-os (por delito de opinião) a prisão maior e medidas de segurança por tempo indeterminado - e os resultados de tal tratamento só não tiveram ainda mais trágicas consequências porque o armamento utilizado pela csd contra os «ortodoxos» não tem o poder mortífero que têm as bombas que o Sharon lança sobre os palestinianos.

Esta opção assumida pela csd de apoiar os que, segundo ela, defendem um PCP eleitoralmente forte e tentar esmagar os que, sempre segundo ela, defendem um PCP eleitoralmente fraco é, no mínimo, curiosa. E, de duas uma: ou a csd, propriedade dos grandes grupos económicos, virou comunista, ou... aqui há gato.  
Miau!...



## Palavras

• Leandro Martins

Já aqui escrevemos sobre o valor das palavras, o significado delas, os enganos em seu redor ou no seu próprio cerne. Ocorre-me voltar ao tema, desta vez a propósito das eleições francesas. As eleições são terreno fértil para enganos, não apenas «a montante», quando as palavras se desdobram em promessas que não são para cumprir, como, a «jusante», se esparramam em explicações de resultados.

Não segui muito atentamente a campanha eleitoral galesa, mas ainda assim não deixei de olhar com algum interesse e desgosto os rumos que em França a política vem tomando. Sobretudo desde que, há poucos anos, visitante da Festa do *Humanité*, assisti a uma enorme vaia saída dos peitos de numerosos trabalhadores que escutavam o secretário-geral do PCF dizer-lhes que o governo, onde o seu partido participava, se preparava para privatizar mais uma grande companhia de capitais públicos. Robert Hue apressou-se a garantir aos assistentes que o PCF não apoiaria tal medida...

De então para cá, o governo de «esquerda», em França, tem prosseguido alegremente a tarefa da direita, dando de barato aos monopolistas o que retira aos bolsos dos trabalhadores. Como explicar então «la tristesse et la colère» - a tristeza e a cólera - com

que Hue assinalou a passagem à segunda volta de um par de candidatos da direita? Com quem poderá zangar-se?

Le Pen, que certamente perderá face a Chirac, não deixa de ter as suas razões quando se ri por ver que a esquerda, que ainda ontem apelidava Chirac de ladrão e desonesto, se vê obrigada a votar nele, engolindo não apenas um sapo mas um dinossauro inteiro. O actual presidente terá uma contraditória maioria esmagadora - não para esmagar a esquerda mas para esmagar a direita - a apoiá-lo.

Vamos a ver se, desta feita, a reflexão da «esquerda» se não limita aos votos contados, mas também conta - e sobretudo - com o movimento avassalador de protesto contra o fascismo que assoma às cadeiras do poder.

Cólera contra quem? Contra os eleitores que já não acreditam nesta esquerda que já não se limita a gerir o capitalismo mas vai a correr à sua frente lançando-lhe a passadeira vermelha? É uma palavra tão vazia como aquela que, no 25 de Abril por cá vimos, de cidadãos franceses menos responsáveis por este desastre. Diziam eles que tinham vergonha de ser franceses.

É preciso substituir palavras tão imprecisas. Cólera por luta. Vergonha por firmeza.



## Regresso à censura

• Anabela Fino

O novo presidente da Assembleia da República, Mota Amaral, inaugurou uma nova era na vida da instituição que é suposto ser o paradigma da própria democracia: deu à luz um despacho que é uma tentativa de regresso às trevas da censura.

Em nome da moralização da actividade dos deputados e da necessidade, como disse à TSF, de acabar com a imagem de «mordomia do Parlamento», Mota Amaral quer obrigar os parlamentares a dar-lhe conhecimento prévio das intervenções que pretendam efectuar em deslocamentos ao estrangeiro.

A justificação é no mínimo esdrúxula. Por mais voltas que se dê à imaginação não se percebe como é que a submissão das intervenções ao duto parecer do presidente da AR pode, seja de que forma for, «dignificar» a actividade parlamentar sem

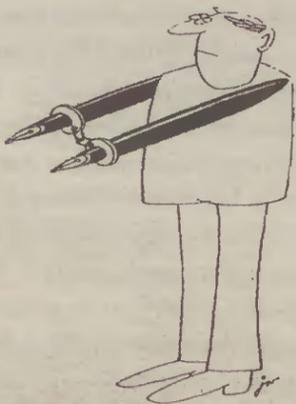
se transformar num efectivo acto de censura. O próprio líder da bancada parlamentar do PSD, Guilherme Silva, tentando desdramatizar a situação, acabou por ajudar ao «enterro» de Mota Amaral ao afirmar que «a ideia era obter intervenções relevantes» (Público, 30.4.2002), negando embora haver qualquer «intuito censorio» na iniciativa.

A questão que se coloca é simples: como daria Mota Amaral «relevância» às prestações parlamentares no estrangeiro? E que autoridade tem Mota Amaral para decidir o que é e o que não é relevante?

Deixemo-nos de subterfúgios. De alegadas boas intenções está o inferno cheio. Que o presidente da AR pretenda tornar obrigatório o exame prévio, seja a que pretexto for, é uma prepotência inadmissível

num país que se afirma democrático. Que o mesmo presidente entenda que os parlamentares só devem viajar para países cuja língua dominem - outra inovação constante do despacho - é uma evidente manobra para coarctar a capacidade de intervenção no estrangeiro dos eleitos pelos diferentes partidos.

Curiosamente, o primeiro a rebelar-se com as decisões de Mota Amaral foi o líder da JSD, Pedro Duarte, que se sentiu ofendido pelo seu parceiro de partido. Seguiu-se uma deputada do PS, Rosa Maria Albernaz. Ambos deviam participar, no âmbito da delegação da União Interparlamentar, numa reunião em Nova Iorque organizada pela Unicef e pela ONU sobre os direitos das crianças. Indignados com a suspeita de que viajariam em passeio, ambos optaram por ficar em terra. Mota Amaral não se incomodou. Dizendo-se embora disposto a discutir as novas regras em conferência de líderes parlamentares, o novo inquisidor arvorou a bandeira da moral para flagelar a democracia. É assim que começa a ditadura.



## Frases

“Os americanos podem, sozinhos, ganhar a guerra no Afeganistão e, exceptuando a China, também poderão ganhar uma guerra contra qualquer país do mundo. Mas não poderão controlar o planeta”

(Eric Hobsbawm, historiador britânico, Diário de Notícias, 29.04.02)

“A tragédia da primeira volta das presidenciais [francesas] não foi a subida em si do eleitorado de Le Pen, foi tê-lo colocado no centro do tabuleiro político, o que favorece a sua expressão”

(Jorge Almeida Fernandes, Público, 28.04.02)

“É certamente ética e politicamente deslocado considerar Portas na mesma dinâmica que Le Pen, mas também não há que esquecer a insinuação xenófoba da sua deriva securitária e são manifestos os seus parentescos com outros líderes desta vaga de direita nacional-populista, sobretudo Haider”

(Augusto M. Seabra, ibidem)

“O problema já não é dos extremos. O problema é das direitas e das esquerdas. Elas é que têm fabricado os novos Le Pen que depusemos em 45, 68 ou 74”

(Paquete de Oliveira, Jornal de Notícias, 27.04.02)

“Se Chirac brincou com o fogo ao afivelar a máscara de uma ideologia securitária para disfarçar problemas, aliás, bem reais, copiando argumentos de Le Pen, porque é que o seu auditório não haveria de preferir, por uma vez, o original à imitação?”

(Albano Matos, Diário de Notícias, 27.04.02)

“O pensamento único traz a felecidade. E a idiotia. Até que - como dizia Camus - a peste, adormecida durante tantos anos, acorde de novo os ratos e os mande morrer numa cidade feliz”

(Idem, ibidem)

“A irrupção da extrema-direita na cena política de vários países da União Europeia - e não apenas em França - é um reflexo mais que evidente da crise de credibilidade dos seus dirigentes políticos”

(Alfredo Barroso, Expresso, 27.04.02)

“O manifesto desenvolvimento do nosso mercado editorial e a continuada progressão de livros escritos por analfabetos funcionais veio demonstrar que não é preciso ler mil livros para escrever um. Hoje, basta ler menos de um livro por ano para se ser escritor. Sinal inequívoco de progresso”

(Clara Ferreira Alves, ibidem)

“A ortodoxia cega do FMI (...) é pelo menos tão responsável pela tragédia argentina como a irresponsabilidade e a corrupção das suas elites dirigentes”

(Manuel Carvalho, Público, 28.04.02)

“Se a Argentina ceder às exigências do FMI, pode abrir as portas a uma instabilidade fatal (...) Nenhum governo que respeite os seus cidadãos lhes pode agravar a penúria num momento em que eles têm os seus salários congelados e os seus filhos a sofrer privações. Mas é isso que o G7 ou o FMI não vêem, nem querem ver, porque a ajuda internacional não se rege pelo código da solidariedade, mas do interesse de quem a presta”

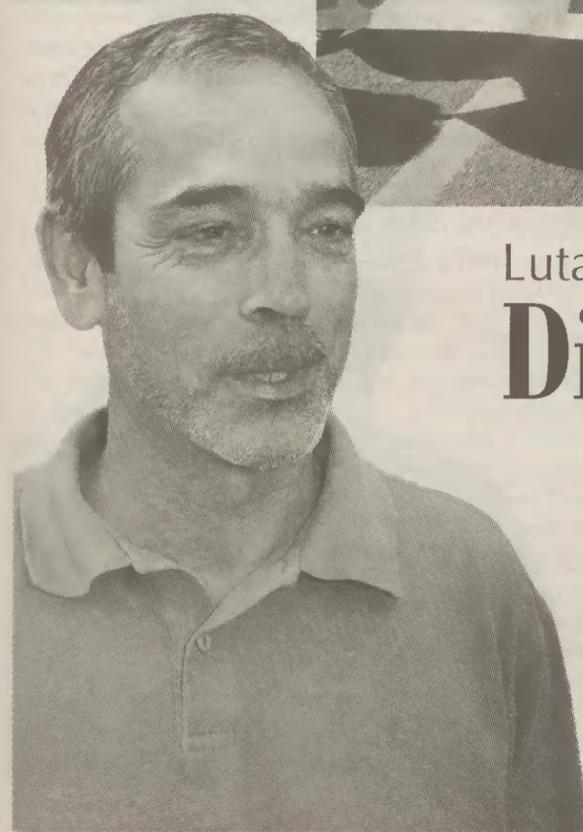
(Idem, ibidem)

“O “encontro extraordinário no Vaticano” [do Papa com bispos norte-americanos] revelou que se continua a insistir em apresentar a Igreja como uma realidade clerical e celibatária com trágicos danos para o povo católico, constituído sobretudo por leigos solteiros e casados”

(Frei Bento Domingues, O.P., ibidem)

● Domingos Mealha e Gustavo Carneiro  
texto

● Carlos Nabais e Jorge Caria  
fotos



## Luta dos trabalhadores intensifica-se em Maio Disponíveis para o combate

direita, mas pelas propostas anunciadas, e já apresentadas no seu programa.

### Queres especificar?

Desde logo o aprofundamento desta campanha contra o crescimento dos salários, tendo como argumento a necessidade de redução do défice público. Não é a primeira vez que isto acontece em Portugal. Sempre que há problemas com as finanças públicas, são sempre os trabalhadores a pagar. Nunca existiu uma pressão sobre os detentores do capital, ou seja, daqueles que não pagam os seus impostos. E os especialistas estimam que ficam por cobrar anualmente cerca de mil milhões de contos, que é muito dinheiro. Portanto, esta não é uma questão económica do País, é uma questão de

vontade política de não cobrar a quem mais tem, a quem é detentor da riqueza, e cobrar à camada mais débil, mais fraca, que são os trabalhadores, por intermédio dos seus salários.

Outra componente tem a ver com a intenção, expressa no programa, de alterar a legislação laboral, no que se designa por flexibilidade e mobilidade, que são eufemismos utilizados e cujo conteúdo conhecemos bem.

### Não é nada de novo...

Não, são reivindicações antigas do patronato. Só para dar um exemplo: uma das coisas que desde há muito é reivindicada pelo patronato é a possibilidade de serem eles

a decidir a organização do tempo de trabalho, deixando os trabalhadores e os seus sindicatos de ter uma palavra a dizer para definir quando iriam trabalhar, quando estavam em casa, quando estavam de folga. Isto de maneira nenhuma pode ser admissível, na medida em que os trabalhadores e os seus sindicatos negociam os tempos de trabalho tendo em conta as suas vontades e, claro, as necessidades da empresa. E isto deve ser conjugado entre todas as componentes não uma das delas impor-se à outra.

Serão essas as grandes bandeiras da Intersindical para o 1.º de Maio deste ano?

Isso são apenas exemplos. Há outros sinais que nos preocupam. Um deles tem a ver com a Segurança Social e com a implementação do chamado tecto contributivo, que significa tirar parte substancial do que são os fluxos financeiros para fora do sistema público de Segurança Social. Isto preocupa-nos porque pode estar realmente aqui em causa a solidariedade intergeracional, o futuro da sustentabilidade do sistema público, universal e solidário.

Naturalmente que a CGTP – já o dissemos claramente – irá lutar com todas as suas forças contra qualquer medida que possa pôr em causa o futuro da Segurança Social.

Com a direita no poder, e conhecidas que são as suas propostas na área laboral, este 1.º de Maio abre novas perspectivas de luta. Esta é a opinião de Amável Alves, dirigente da CGTP, que considera que os trabalhadores saberão responder às ofensivas.

Em que é que o 1.º de Maio de 2002 é diferente de tantos e tantos outros que já se comemoraram em Lisboa?

preocupação abstracta, mas com base na realidade. Não só porque existe um Governo de

Eu começaria de outra forma, dizendo que este 1.º de Maio não é igual aos outros. Os trabalhadores estão na rua em grande número, de uma forma crescente, com alto sentido de combatividade e com muita confiança no futuro e nas suas organizações sindicais. O pessoal está disponível para lutar, para travar os combates que se avizinharam...

Mas isso não é inédito. Então qual é a diferença?

A diferença é substancial. Se há um ano já se verificava uma grande influência do poder económico – associações e confederações patronais, sector financeiro – sobre o poder político, no presente o que se passa é que não só têm influência determinante como ocupam as cadeiras do poder. Há ministros que transitam directamente desses grupos económicos para o Governo. Daqui resulta que da parte dos trabalhadores e dos sindicatos existe uma grande preocupação, que não é uma



## Lutar com firmeza

Como pensas que os trabalhadores irão reagir a todas essas ofensivas?

Há a constatação, por parte de todo o movimento sindical unitário, de uma vontade firme, de confiança, por parte dos trabalhadores. E há uma luta muito forte, em vários sectores de actividade, que começou ainda antes das eleições e que continua. Se repararmos, verificamos que existem muitos sectores e empresas em greve. Greves com altos níveis de adesão e unidade dos trabalhadores, o que revela uma grande confiança e determinação por parte dos trabalhadores portugueses.

Posso dar alguns exemplos: a Carris, os Transportes Sul do Tejo, as indústrias eléctricas, os metalúrgicos, os trabalhadores fabris das Forças Armadas, o comércio – com os trabalhadores dos hiper e supermercados a serem obri-

gados a trabalhar nos dias de feriado, que são dias simbólicos – entre outros.

Isto dá-nos a confiança que os trabalhadores estão com capacidade de responder.

Neste contexto, a CGTP – que costuma aproveitar o 1.º de Maio para anunciar algumas medidas imediatas – também este ano está a estudar alguma medida especial para esta realidade que, como disseste, é qualitativamente nova?

De facto, é de admitir que venha a ocorrer o endurecimento e alargamento da luta. Nós não dizemos à partida que se farão acções grandiosas. O que dizemos é que vamos lutar com muita firmeza. E o que dizemos também é que nas lutas que se têm travado ultimamente – e são muitas e em muitos sectores, como já referi – há um dado

extremamente importante. É que os trabalhadores aderem com níveis muito elevados. O que quer dizer que, a alargar-se este estado de descontentamento, naturalmente que se vão processar lutas muito maiores que no ano passado.

Não têm dúvidas sobre isso...

Estamos convictos de que, ao agravar-se a ofensiva contra os trabalhadores, naturalmente que estes, dirigidos pela CGTP, irão estar à altura dessa mesma ofensiva, irão responder a essa ofensiva, não tenhamos dúvidas sobre isso. Da nossa parte, tudo faremos nesse sentido e temos confiança de que certas intenções declaradas – e outras não declaradas – do Governo e do patronato vão ter muita dificuldade em passar porque os trabalhadores não lhes vão dar tréguas.



Amável Alves, da Comissão Executiva da Intersindical, fala ao *Avante!* sobre o alargamento da luta

## «Os trabalhadores já estão a pagar a factura»

Muitas das lutas realizadas têm como reivindicação principal o aumento real dos salários.

Sim, porque em 2001 os trabalhadores perderam efectivamente poder de compra. Esta questão, da perda dos salários reais, não está resolvida. É uma medida altamente injusta, que aprofundou a desigualdade na distribuição da riqueza. Desde logo, a administração pública foi utilizada pelo anterior governo como referencial salarial. Referencial para a contenção, para que o patronato a seguisse. E estes trabalhadores – e por arrasto os do sector privado – estão a ser altamente penalizados.

E o que é que a CGTP pensa fazer?

Penso que é justo que se reivindicuem correcções salariais. Na administração pública ou no sector privado, onde os trabalhadores tiveram a maior perda.

Tem havido nos últimos tempo alguns equívocos em relação aos salários em Portugal. A primeira questão é que os trabalhadores portugueses têm salários extremamente baixos. Toda a gente sabe isto. A segunda é a forma como se processa o crescimento dos salários. Falou-se em congelamento, falou-se em não subida... em que é que cada um está a falar? Só haverá crescimento

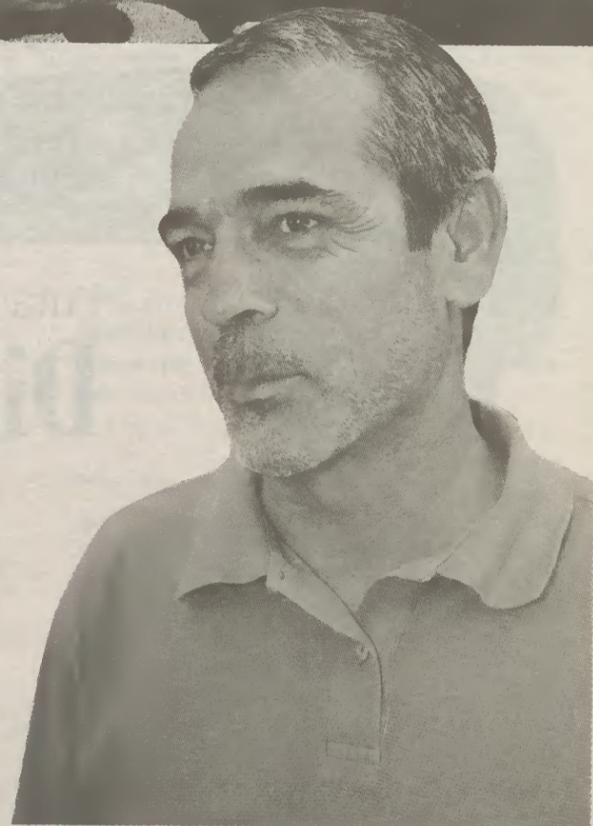
real dos salários se estes subirem acima daquilo que é a inflação.

O que não acontece...

Não. Dou-te um exemplo: a administração pública, em 2002. Se verificarmos que a inflação em 2001 foi de 4,4 por cento – são dados oficiais –, e que o aumento dos trabalhadores se situou nos valores em que se situou – 2,75 por cento –, isto significa que estes trabalhadores tiveram uma perda de salários, isto é, reduziram o seu poder de compra. Os trabalhadores, neste momento, já estão a pagar a factura, essa é que é a realidade. E estão a pagá-la não só pelos salários.

Então?

Pagam também por outra componente, que é um dado preocupante a que nós tivemos acesso recentemente e que tem a ver com o agravamento das condições de trabalho em Portugal. Até ao final de 2000, existia um ligeiro decréscimo da sinistralidade laboral. Acontece que no ano 2001 voltou a subir. Dou só um dado que reflecte exactamente este drama. Em 2001, dados ainda não definitivos, morreram no local de trabalho 280 trabalhadores. Só no próprio local de trabalho, pois morreram muitos mais, devido a acidente laboral, fora do local de trabalho, no



hospital ou em casa. Há cerca de mil acidentes de trabalho por dia. É uma situação dramática...

E ninguém paga por isso...

E isso é ainda mais dramático. Parece existir da parte das autoridades, da parte do Governo e dos patrões, muito pouca sensibilidade para este problema. Isto tem a ver, por exemplo, com o facto das empresas responsáveis pelos acidentes não serem

responsabilizadas. Há verdadeiros crimes neste País por não se tomarem as medidas necessárias de prevenção de acidentes de trabalho, que resultam depois na morte de trabalhadores. E quem é responsável tem ficado impune. Paga-se uma coima, se é que paga, mas isto não resolve o problema. As razões da sinistralidade estão identificadas e são elas a falta de condições de segurança nas empresas, a não formação, a precariedade e o trabalho clandestino. Uma série de factores.

## Enfermeiros discutem emprego

Respondendo ao apelo do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, cerca de meia centena de enfermeiros e estudantes de enfermagem estiveram reunidos no passado dia 24, no Porto, para discutirem a problemática do emprego no sector.

Este fórum ocorre no momento em que cerca de

2000 enfermeiros podem ver os seus contratos cessados até ao final do ano, situação que o sindicato considera difícil de entender, «independentemente da possível complicada situação financeira do País». Inaceitável é, também, o facto de, mesmo reconhecendo a carência de 22 700 profissionais, com

repercussões em todas as instituições de saúde, se opte, como única forma de admissão, pelo contrato a termo certo, por seis meses, findos os quais os enfermeiros não podem continuar a exercer funções nessas instituições.

Mais do que a exigência da estabilidade no emprego, os jovens enfermeiros, os estu-

dantes de enfermagem e o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses querem que não lhes seja negada a «oportunidade de prestarem cuidados de enfermagem com qualidade, contribuindo para uma maior acessibilidade aos cuidados de saúde e para uma efectiva humanização dos cuidados».

## CGTP organiza seminário Toxicoddependência em meio laboral

Organizado pela CGTP, em parceria com a Associação para o Ensino Bento de Jesus Caraça, a Câmara Municipal do Seixal e a Cooperativa Marcella, de Itália, decorre nos próximos dias 2 e 3 de Maio, no Parque das Nações, em Lisboa, o primeiro «Seminário Europeu sobre Toxicoddependências em meio laboral».

Este seminário tem o intuito de reflectir sobre este problema a nível nacional e europeu, apresentar projectos de prevenção das toxicoddependências e que políticas se devem adoptar para garantir uma vida saudável. Na iniciativa, será particularizada a análise da experiência do Projecto Eurídice – voltado para a prevenção no local de trabalho – em Portugal, nomeadamente na Câmara Municipal do Seixal, bem como experiências similares noutros países europeus.

A experiência de diversos sindicatos europeus nesta matéria será também evidenciada, contando-se intervenções da CGTP-IN; da CGIL italiana; da TUC inglesa; da Force Ouvrière, de França; das Comissões Obreras, de Espanha; da IG-Metal, da Alemanha e da CES, Confederação Europeia de Sindicatos.

Para além de organizações sindicais, estarão presentes instituições que lidam, directa ou indirectamente, com este problema, nomeadamente o Instituto Português da Droga e da Toxicoddependência, o Instituto de Desenvolvimento e Investigação das Condições de Trabalho, a Organização Internacional do Trabalho, a Organização Mundial de Saúde e o Observatório Europeu da Droga e Toxicoddependência.

## Luta no Bingo

Os trabalhadores do Bingo do Estrela da Amadora distribuíram, no passado sábado, à porta da sala de jogo, panfletos que alertam os clientes para a situação laboral irregular em que se encontram.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, da CGTP, acusa a direcção do clube da Amadora de não cumprir o contrato colectivo de trabalho, nomeadamente no que respeita aos aumentos dos empregados de bar e dos empregados do jogo em 2001 e 2002, ao complemento do subsídio de doença, ao subsídio de férias e de Natal, ao subsídio de trabalho nocturno e ao pagamento ou o gozo dos dias acumulados.

O sindicato afirma que, apesar das tentativas – da sua

parte – em resolver o problema através do diálogo, a direcção do Estrela da Amadora «tem assumido uma atitude prepotente, recusando-se a receber o sindicato, assim como se recusa a resolver os problemas laborais existentes».

Lembrando que os trabalhadores do Bingo do clube amadorese «são profissionais que se esforçam por prestar um serviço de qualidade e por dignificar a sua profissão», o sindicato lamenta que «estes recebam em contrapartida a exploração e a falta de respeito pelos seus direitos laborais».

Se não houver qualquer alteração da posição da direcção do Estrela da Amadora, os trabalhadores encaram a possibilidade de adoptar formas de luta mais duras.

Protestos dos trabalhadores obrigam Sonae a recuar

## 1.º de Maio é feriado!

Os trabalhadores do grupo Sonae, de Belmiro de Azevedo, conseguiram uma importante vitória ao forçar o grupo a encerrar no Dia do Trabalhador. Mas algumas empresas mantêm intenção de liquidar o feriado.

A Sonae recuou e já mandou encerrar os hipermercados das cadeias Modelo e Continente no 1.º de Maio. Para a FEPCES, federação sindical do comércio e serviços, este recuo «é uma enorme vitória dos trabalhadores que lutam pelos seus direitos e dignidade, mas é também, indiscutivelmente, uma vitória dos valores sociais, da democracia e do 25 de Abril sobre o capitalismo selvagem».

Para a federação, esta medida da Sonae surge por ser já evidente que o descontentamento aumentava e que a maioria dos trabalhadores desses hipermercados não iria trabalhar, respondendo positivamente ao apelo sindical.

Com esta decisão do grupo de Belmiro de Azevedo, que preside à associação patronal do sector, apenas os supermercados Intermarché, Ecomarché e Leclerc insistem em abrir as portas, tornando ainda mais evidente o seu «alarvismo social». Assim, a FEPCES mantém o apelo aos trabalhadores e consumidores para que boicotem e penalizem estes supermercados, pois não se admite que «alguns oportunistas não cumpram as regras e acordos sociais e ainda sejam premiados pela concorrência desleal que praticam».

A FEPCES apela ainda às inspecções do Trabalho, da Segurança Social, das Actividades Económicas e das Finanças para que «façam uma intervenção coordenada sobre estas empresas que não respeitam as regras em vigor». Já inspeccionadas, algumas destas empresas intimidaram inspecções do Trabalho e delegados sindicais com processos em Tribunal.

A DORP do PCP considera que este recuo foi provocado pela luta dos trabalhadores e pela condenação pública generalizada desta «operação de regresso ao passado». A DORP lembra ainda que o PCP assumiu desde o início uma posição clara de solidariedade com os trabalhadores do Continente, tendo desenvolvido, através dos seus eleitos nas autarquias, várias iniciativas de denúncia e de exigência de manutenção do feriado. O grupo parlamentar comunista, por intermédio do deputado – eleito pelo Porto – Honório Novo, levou à Assembleia da República, nas comemorações solenes do 25 de Abril, as aspirações destes trabalhadores. Ao saber do recuo do grupo de Belmiro de Azevedo, o PCP anulou as acções de protesto anunciadas.

Greve nos palácios e museus

Também os palácios nacionais de Sintra e da Pena deram aos seus trabalhadores «instruções para se apresentarem ao serviço» no 1.º de Maio. De imediato, a Federação dos Sindicatos da Função Pública emitiu um pré-aviso de greve para esse dia, pois o dia 1.º de Maio é «feriado nacional de cumprimento obrigatório e sempre foi gozado pelos trabalhadores daqueles dois palácios tutelados pelo IPPAR/Ministério da Cultura».

Esta tentativa de impor aos trabalhadores dos palácios o trabalho neste feriado simbólico, a federação acusa as administrações de estarem também a tentar impor-lhes «uma alteração no horário de trabalho, sem qualquer consulta prévia às



Devido à luta, a Sonae recuou e já não vai abrir o Modelo e o Continente no 1.º de Maio.

organizações sindicais», ao mesmo tempo que decorrem negociações entre a federação de sindicatos, o IPPAR e o Instituto Português de Museus, sobre questões que

envolvem horários, folgas e feriados. A federação considera ainda que estas medidas não deixam de estar relacionadas com a «clara interferência de interesses

privados na gestão do património monumental nacional, através da empresa «Parques de Sintra – Montes da Lua», dirigida pelo IPPAR e pela autarquia de Sintra.

## Pescadores prolongam greve

Os pescadores do arrasto de Aveiro e Matosinhos, que estão a cumprir, desde Fevereiro, uma greve ao trabalho nos fins-de-semana, decidiram hoje prolongar essa forma de luta até ao final de Maio.

O prolongamento da luta foi decidido num plenário realizado no sábado, em Ílhavo, no qual participaram cerca de 50 pescadores.

Esta paralisação tem como objectivo forçar a associação de armadores a retomar as negociações para a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho, interrompidas em Janeiro.

António Macedo, dirigente do Sindicato dos Pescadores do Norte, revelou à Lusa que os pescadores «reafirmaram o apoio à renovação do pré-aviso de greve por

mais quatro fins-de-semana». Segundo o sindicalista, os pescadores manifestaram mesmo a sua preferência em não trabalhar aos fins-de-semana para que, dessa forma, pudessem ficar junto das suas famílias.

DO plenário saiu ainda a decisão de comemorar o próximo dia 31 de Maio – Dia do Pescador – com uma manifestação em Lisboa.

Entre as reivindicações, conta-se a exigência de que os subsídios de férias e Natal, bem como os abonos por férias não gozadas, se aproximem do salário médio de um pescador, de cerca de 750 mil euros. Os pescadores defendem ainda um aumento de 50 euros na soldada, actualmente fixada em 175 euros, num CCT para dois anos.

## 98 por cento de adesão Greve da Carris é para continuar

Os trabalhadores da Carris realizaram, na segunda-feira, mais uma greve, desta vez entre as 11 e as 14 horas, que contou com uma adesão de 98 por cento, o que, na opinião da FESTRU, é uma «demonstração clara da justeza das causas objectivas que fundamentaram a sua convocação».

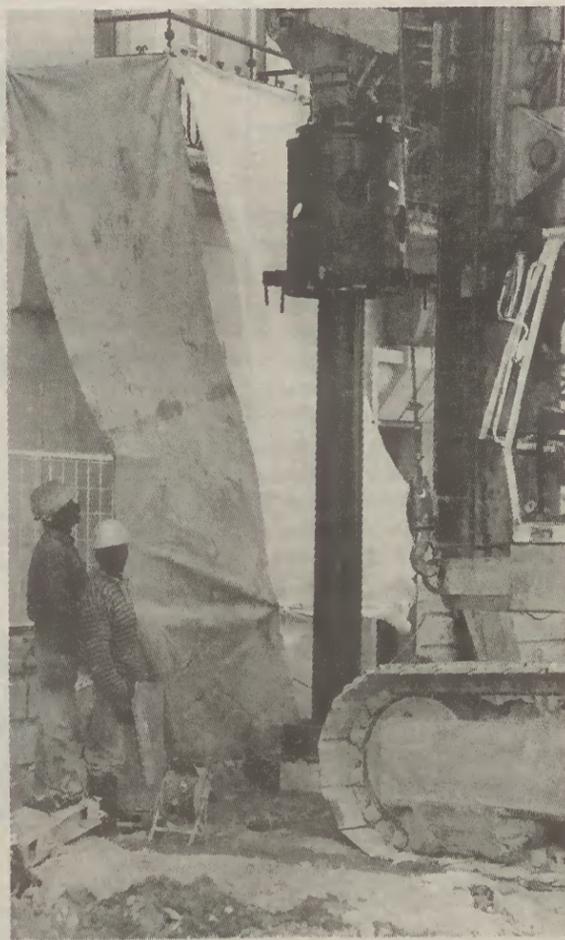
Na base dos protestos, que já originaram diversas greves, todas com adesões muito perto dos 100 por cento, está a recusa da administração em prosseguir com as negociações e directas, optando por impor um acto de gestão de 3,3 por cento.

A FESTRU considera não serem os trabalhadores os responsáveis pelo défice orçamental da empresa.

«Antes pelo contrário, os baixos salários e a redução de pessoal tem permitido à empresa ganhos de produtividade bastante significativos que se deveriam reflectir em aumentos salariais dignos.»

Após mais um dia de greve, os trabalhadores da Carris estão determinados em alcançar os seus objectivos e caso não saiam propostas satisfatórias da reunião de 7 de Maio, no Ministério do Trabalho, os trabalhadores vão continuar a lutar, tendo sido decidida, em plenário realizado após a greve, a convocação de novas paralisações, para os dias 9 e 16 de Maio, das 16 às 19 horas e das 8 às 11 horas, respectivamente.

## CGTP e IGT revelam dados sobre sinistralidade laboral Mil acidentes por dia de trabalho



Com mais de 55 por cento do total dos mortos, o sector da construção continua a ser o mais afectado pelos acidentes de trabalho

Portugal continua a ser o País da Europa com maior taxa de sinistralidade laboral, com cerca de mil acidentes por dia de trabalho, um dos quais mortal. Estes dados, referidos pela Inspeção-Geral do Trabalho e pela CGTP-IN, revelam que em 2001 morreram 280 pessoas no local de trabalho, não contemplando os casos em que os trabalhadores morrem em casa ou no hospital, em sequência de acidente de trabalho.

Em 2000 registaram-se mais de 219 mil acidentes, 287 dos quais mortais. Estes dados revelam também um aumento de acidentes e de mortes nos últimos dois anos. A CGTP, num documento que distribuiu no domingo – Dia Nacional da Prevenção e Segurança no Trabalho –, defende que o problema tem de ser atacado nas causas e que cabe ao Governo fazer cumprir a legislação sobre esta matéria, punindo os responsá-

veis. Segundo a Intersindical, não é por falta de legislação sobre prevenção dos riscos profissionais que o «quadro dos acidentes de trabalho e doenças profissionais é tão negro», mas sim devido ao incumprimento das normas de segurança existentes. Quanto às causas, a central sindical avança algumas: a ausência de uma cultura de prevenção, a insuficiência de fiscalização, os horários de trabalho excessivamente prolongados e a proliferação do trabalho precário e ilegal.

Na sexta-feira, os trabalhadores da construção civil, por iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores da Construção do Norte e Viseu, pararam o trabalho por meia hora, para assinalar o Dia Nacional da Prevenção e Segurança no Trabalho, que calhou, este ano, a um domingo. O sector da construção é o mais afectado, tendo-se registado no ano passado 156 vítimas.



## Águeda Por um PCP forte e unido

O avanço das forças de direita, em Portugal e na Europa, preocupa os comunistas de Águeda que, reunidos em plenário, na semana passada, atribuem esse avanço ao «descrédito causado pelas políticas de direita levadas a cabo por forças políticas que se intitulam de esquerda».

O plenário, que teve a participação de Armino Miranda, membro da Comissão Política, decorreu de forma viva e participada, nele se expressando opiniões diversas. No final, foram apuradas algumas conclusões, entre outras a necessidade de, «através da intervenção política e da luta social, dar resposta a ataques anunciados contra direitos dos trabalhadores e das populações».

Também «a existência de um partido comunista forte e unido, alicerçado nos trabalhadores e no povo» foi reafirmada como «uma necessidade imperiosa para a defesa dos valores democráticos e progressistas», que exige a divulgação do projecto do PCP e o recrutamento de novos militantes, sobretudo jovens; o reforço da organização e da intervenção junto dos trabalhadores e das populações do concelho; uma atenção redobrada à forma como a mensagem do PCP é transmitida.

Unânimes quanto à necessidade de, «à luz dos princípios e do projecto do PCP», «se

aprofundar a análise dos problemas da sociedade na actualidade, bem como a acção, intervenção e orientação do Partido», os militantes presentes no plenário consideraram a realização da Conferência Nacional do PCP, de 22 de Junho, como «uma importante iniciativa com esse objectivo», condenaram a atitude dos que, «quebrando laços de frontalidade e de solidariedade característicos e indispensáveis num partido com as características do PCP, utilizam formas de actuação que prejudicam gravemente o partido» e apelaram à participação de todos os militantes no debate interno em curso.

**Na sequência dos recentes acidentes em empresas corticeiras, o PCP dirigiu um ofício ao Ministério do Trabalho e da Segurança Social, pretendendo o apuramento da situação.**

De facto, vários acidentes registados em empresas corticeiras de Santa Maria da Feira trouxeram de novo à ordem do dia e à discussão dos comunistas o problema da higiene e segurança no trabalho ligado às colmatagens.

O PCP tem vindo a chamar a atenção para o problema, designadamente em Março passado, quando no decurso da visita do deputado Vicente Merendas ao concelho alertou para «a existência de muitas colmatagens sem condições de segurança e utilizando colas com solventes altamente explosivos, mesmo com tem-

Concelhia de Santa Maria da Feira  
alerta para o aumento do risco de acidentes de trabalho

## Reforçar fiscalização

Ministério do Trabalho e da Segurança Social.

**Tudo é possível**

A Concelhia do PCP apreciou, ainda, a situação na freguesia de Paços de Brandão, onde se vão realizar, no dia 23 de Junho, eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia, pelo facto de o PSD, o PS e o PP «terem sido incapazes de estabelecer os consensos necessários à constituição da Junta de Freguesia», apesar de terem obtido eleitos na Assembleia de Freguesia nas últimas eleições.

Admitindo que nas próximas eleições «todos os resultados são possíveis», inclusive «manter-se o Partido mais votado sem maioria absoluta», o PCP considerava, entretanto, «legíti-

mo» reclamar «uma clarificação» por parte «das forças que agora não souberam respeitar o veredicto popular» quanto ao seu posicionamento futuro, já que a CDU é «a única força que não tem qualquer responsabilidade na situação criada».

Para já, o PCP garante que os eleitos da CDU tudo farão para que a Junta de Freguesia «inicie sem mais demoras o trabalho em prol das populações» e enuncia algumas das linhas a que a sua actuação obedecerá.

Concretamente, a CDU pretende «estimular a participação da população e das suas organizações na gestão autárquica» de Paços de Brandão e preservar - limpas e arranjadas -, as zonas verdes existentes, «para que a população delas possa usufruir». Mais, vai exigir «que o saneamento básico seja uma realidade a curto prazo» e que as taxas e tarifas a pagar pelos utentes «não sejam incomportáveis para o seu orçamento».

A nível turístico, a CDU defende que a Junta «promova e dê a conhecer» os vários locais que podem ser visitados, tais como a Quinta do Engenho Novo, o Museu do Papel e outros.

## Figueira da Foz Hospital desclassificado

Concretizaram-se as ameaças de desclassificação da Urgência do Hospital Distrital de Figueira da Foz, várias vezes denunciadas pelo PCP e sempre desmentidas pelos responsáveis do PS, designadamente pelo então ministro da Saúde, Correia Campos, que em visita ao referido hospital, no fim de Fevereiro, afirmou ter aquele já provado a sua «muito boa resposta».

Sabe-se agora, depois de conhecido o documento «Rede de Referência Hospitalar de Urgência/Emer-

gência» - aprovado por despacho da tutela em Novembro de 2001 -, que o Hospital de Figueira da Foz não foi mantido nessa rede como Urgência Médico-Cirúrgica, passando a ficar apenas com as funções de Unidade Básica de Urgência, como qualquer Centro de Saúde.

A Comissão Concelhia de Figueira da Foz do PCP repudia com veemência tal decisão e, acusando o PS de ter «mentido», diz esperar, agora, relativamente ao PSD, que ele cumpra o que prometeu, em Setembro

último, quando deputados seus se pronunciaram também contra a desclassificação do Hospital, garantindo que, a concretizar-se, levariam o assunto à Assembleia da República. Assim, ou toma as medidas pro-

metidas ou «também o PSD mentiu». Por seu lado, o PCP vai continuar a lutar ao lado da população do concelho «pela dignificação e contra as tentativas de perda de qualidade na prestação de cuidados de saúde.

### ▼ CAMARADAS FALECIDOS

#### António Joaquim Ramalho Valente

Faleceu no dia 23 de Abril, com 57 anos, o camarada António Joaquim Ramalho, militante do Partido desde 1977. Membro da Comissão Concelhia de Évora durante vários anos, o camarada foi presidente da Junta de Freguesia da Sé, membro da Assembleia Municipal, vereador na Câmara Municipal de Évora, membro da Comissão Executiva da Região de Turismo de Évora, tendo, assim, dedicado uma parcela importante da vida à sua cidade e à melhoria das condições de vida dos seus concidadãos. A sua ligação à vida sindical e associativa - dos órgãos representativos dos trabalhadores da Mundial Confiança aos órgãos de direcção do Lusitano Ginásio Clube - foi também uma constante da sua vida.

#### Fernando Nuno Carapeto Calheiros

Faleceu, no passado dia 18 de Abril, com 72 anos de idade, o camarada Fernando Nuno Carapeto Calheiros. Organizado na freguesia de Campo Grande, era um camarada muito dedicado ao Partido, tendo participado em muitas tarefas, nomeadamente na distribuição do «Avante!».

#### José Oliveira Alegre

Vítima de doença prolongada, faleceu, no passado dia 19 de Abril, com 70 anos, o camarada José Oliveira Alegre, membro da Organização de Freguesia de Matosinhos. O camarada era pes-

ador, tendo participado activamente nas lutas da sua classe. Foi um dos fundadores do Sindicato dos Pescadores de Matosinhos, onde desenvolveu actividade enquanto teve forças para isso, mesmo no período de doença.

#### Manuel José Inocêncio

Faleceu no dia 21 de Abril, com 80 anos de idade, o camarada Manuel José Inocêncio, natural de Faro do Alentejo, Cuba. Após o 25 de Abril, foi eleito delegado sindical do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja. Foi, também, eleito como Secretário da Junta de Freguesia de Faro do Alentejo nas primeiras eleições autárquicas. Estava organizado em Cuba. Ao longo da sua vida de militante comunista, manifestou sempre disponibilidade para as tarefas que o Partido lhe colocava.

#### Maria da Conceição Laranjeiro Garcia Rodrigues

Faleceu, no passado dia 3 de Abril, com 68 anos de idade, a camarada Maria da Conceição Laranjeiro Garcia Rodrigues, natural da Póvoa do Varzim. Membro do Partido desde 1977, teve uma grande actividade em Comissões de Fundos, a nível da freguesia, e uma participação activa na Festa do Avante, até o seu estado de saúde lho permitir. Esteve sempre organizada na freguesia de Caxias, concelho de Oeiras.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do Avante! manifesta sentidas condolências.

A Conferência Nacional do PCP está na rua. O outdoor que a divulga constitui, também, um factor de mobilização de todos os militantes para a discussão que está em curso no Partido e culmina a 22 de Junho. Sob o lema «Debater, Unir, Agir», a Conferência visa, como se pode ver no cartaz, o novo quadro político resultante das últimas eleições, as tarefas que se colocam hoje aos comunistas e a necessidade de reforçar e apetrechar o Partido para responder à situação

É com este cartaz que o PCP denuncia publicamente o incumprimento pelo Governo das promessas feitas pelo PSD na campanha eleitoral

# Tribuna da Conferência

O Comité Central decidiu, na sua reunião de 14 de Abril, e para além do acompanhamento noticioso sobre a preparação da Conferência Nacional, a abertura de um espaço destinado à publicação de textos com opiniões, reflexões e contribuições diversificadas dos militantes em torno do tema da Conferência.

No regulamento de participação na tribuna, apela-se «para que a intervenção dos militantes nesse espaço se pautar pela serenidade, respeito recíproco e profundo empenho em contribuir, num quadro de debates de ideias, para o estudo e reflexão sobre as questões, problemas e temas relacionados com os objectivos da Conferência.

Em termos de dimensão, os textos enviados pelos militantes para publicação deverão ser individuais e não poderão exceder os 4000 caracteres (espaços incluídos), devendo ser sempre acompanhados do número de membro do Partido do seu autor.

A Redacção do «Avante!» não poderá responsabilizar-se pelo encurtamento de textos ainda que com consulta aos autores, pelo que será a estes que incumbirá proceder às adaptações de dimensão quando, eventualmente, os textos enviados ultrapassarem os referidos 4000 caracteres.

Quando e se o considerar necessário, a Redacção do «Avante!» assegurará respostas ou comentários aos textos enviados.

De toda a correspondência que contenha propostas ou sugestões sobre os temas da Conferência será enviada cópia para a Comissão de Redacção.

A correspondência deve ser enviada para: Redacção do «Avante!», Rua Soeiro Pereira Gomes, 3 - 1600-196 - Lisboa; E-mail: [avante.pcp@mail.telepac.pt](mailto:avante.pcp@mail.telepac.pt) ou Fax 217817193.

## Pela racionalidade...

1. Contra as manipulações sentimentalistas. Em Lenine encontramos o apelo à disciplina férrea. E encontramos Lenine a chamar minorias para o CC e assistimos aos maiores debates de sempre no movimento comunista internacional. Por alguma vez aconteceram expulsões e por outras vezes não. Lembremos Lenine, Kámenev, Zinóviev, Plekánov, Bukharine e Trotski.

Lenine não incorreu a nenhuma febre imediatista de promoção de expulsões. Aliás, em relação a Trotski que divergia alguns aspectos essenciais em relação a Lenine, foi preciso chegar Estaline para se que o primeiro tivesse sido expulso do Partido, exilado da URSS e finalmente assassinado.

2. O caminho para a derrota do Socialismo foi aberto na década de 1930 com as purgas e julgamentos encenados, com a centralização aberrante e a deturpação do pensamento e da prática de Lenine. Fizemos um Congresso crítico ao modelo de Leste, mas que alterações práticas foram feitas no funcionamento do Partido (que copia esse mesmo modelo). Se o Partido não tivesse o funcionamento que teve e que ainda tem em importantes aspectos não tinha sobrevivido na clandestinidade e resistência ao fascismo. Mas, actualmente, o Partido pode sobreviver e avançar de forma diferente, num tempo de legalidade (mesmo que m resistência ao capitalismo), de democracia (mesmo que burguesa) e de profundos desenvolvimentos sociais, educacionais e comunicacionais. Não nos iludamos, qualquer nova construção segundo o modelo URSS pós-anos 30 (que o Partido sintetizou organicamente) ou qualquer reconstrução desse modelo estão «geneticamente» condenadas ao fracasso. Pensemos nisso e pensemos que os portugueses não são tolos.

3. Corre pelo Partido que estamos perante uma linha minoritária oportunista e capitulacionista, de «malta» que não quer fazer os sacrifícios que outros fizeram. Podemos contrapor que, do outro lado, estamos perante uma linha obreirista e sectária, de «malta» acomodada que não quer fazer o sacrifício de romper com a rotina e de procurar novas respostas para novos tempos.

Mas, mais importante do que linhas, é sabermos se estamos perante ou se queremos um Comunismo para se ir (re)construindo (apesar de em resistência) ou um Comunismo de resistência em nome de e para construir (daqui a umas décadas) um modelo que já deu provas de inviabilidade. Debata-se o que é o quê! Debata-se as saídas e o futuro possíveis!

4. O debate e a organização do Partido tem de ter regras? Sim. Mas precisa de mais regras para novos tempos. É por fazermos plenários ou por os nossos Congressos serem bem mais democráticos que os do PS ou do PSD que somos os suprasumos da democracia? Não. Não chegámos ainda ao fim da linha da democracia interna (estamos para aí a meio). Temos um amplo debate interno, mas limitado. Cada um é livre de dizer o que quiser, mas avança-se muito pouco. O debate e a reflexão não são plenamente colectivos se o Partido está dividido e isolado em ilhas de 10, 20 ou 30 militantes. Em cada 1000 ilhas e 20.000 militantes apenas se extrai uma opinião maioritária (e por vezes alguns resquícios de alguma opinião minoritária), mas perdem-se repetidamente as outras opiniões (minoritárias) que podem conter soluções de futuro e que precisam de tempo e de espaço para se tornarem maioritárias. O actual funcionamento do Partido opõe-se ao processo de criação e desenvolvimento das ideias. As ideias quando surgem nunca são maioritárias, nascem minoritárias e precisam de ganhar adeptos até se tornarem maioritárias. O funcionamento do Partido bloqueia este processo, mata as ideias diferentes à sua nascença e estagna o Partido político-ideologicamente. Isto é gravíssimo, é antimarxista e também explica o atraso do pensamento comunista em relação ao capitalista.

4.1. Todos os militantes têm o direito de e devem conhecer as ideias do camarada X de Bugalhos e vice-versa. Todos os militantes têm o direito de e devem saber as ideias dos dirigentes, até para se saber em que se vota.

Sérgio Martins  
Faro

## Um Partido de classe

O PCP é um partido fulcral no panorama político português, quer na situação actual quer no desenvolvimento futuro de condições revolucionárias. Assim o é, porque é o único partido que, embora se insira nas lutas institucionais, continua a dar especial atenção à luta de massas, o que é o mesmo que dizer, que continua ao lado do povo e a ser um partido de classe. Os comunistas uniram-se, como faz todo o sentido, em torno de um Partido, definiram democraticamente o seu funcionamento.

Funcionamento esse que nos ensina a ter uma opinião colectiva, que é discutida e analisada através do confronto sincero e fraterno entre as opiniões divergentes, baseado na «tese» e «antítese» até chegar a uma «síntese», a opinião colectiva.

Portanto, princípio básico do marxismo, o materialismo dialéctico é também uma ferramenta de trabalho. Do meu ponto de vista, aplicar este princípio no colectivo partidário é o mesmo que decidir uma orientação única (pois o ponto de encontro entre tese e antítese é uma só síntese), definida por todos e para todos. Se membros do partido há que ao invés de colocarem as suas opiniões junto dos seus companheiros e camaradas e, conseqüentemente, defenderem como sua a opinião-resultado da discussão, utilizam outros meios (meios de comunicação social ao serviço do capital e das suas classes sociais) para confrontar abertamente o colectivo, isso não passa de um abandono, não só do leninismo, mas do próprio marxismo e da sua filosofia de base.

A questão é transformar o sistema e, para tal, a única forma é organizar o povo trabalhador e isso só será possível se os trabalhadores tiverem por seu um partido, um partido de classe.

Só será possível se não abdicarmos nunca da ambição revolucionária, se todos os comunistas colocarem abertamente as suas opiniões em todos os organismos. Só será possível através deste motor que é a dialéctica, através do empenhamento de todos os comunistas na luta diária, através da sua militância, através do espírito fraterno que nos traz, a todos, as mesmas derrotas, mas traz também, a todos, as mesmas vitórias.

O facto de poderem vir a existir tendências organizadas no Partido que não reflectam a orientação global, para além de ser antiestatutário, é também contra-revolucionário, pois jamais gerará unidade de acção entre camaradas, e conduziria o Partido para o triste estado dos partidos burgueses, para a temível telenovela mexicana da política portuguesa, da qual me orgulho de não ser parte do argumento. O que significam as posturas que alguns membros do Partido têm vindo a tomar? O que significa a alteração da base ideológica do PCP e o conseqüente abandono do centralismo democrático? Significa mais criatividade? Mais dinâmica? Mais influência eleitoral? Não... Significam talvez o desacreditar do projecto revolucionário a que o PCP se propõe. Significarão talvez que o PCP passe a ter como principal objectivo a utilização do parlamentarismo burguês para uma suposta humanização do capitalismo...

Que o Partido venha a esquecer a construção de uma sociedade nova, pois o facto de linhar arestas ao capitalismo não oferece ao homem a sua condição de igual perante todos os outros homens. O PCP manter-se-á firme no caminho da total abolição da exploração, manter-se-á firme na criação de uma sociedade nova, de liberdades plenas, de aspirações concretizadas. O que aumenta a nossa criatividade é a participação interna. O que aumenta a nossa influência (eleitoral ou não) é a implantação junto das massas. Às vezes pergunto-me: daqueles membros do partido que tanto esbracejam contra o colectivo, quantos terão trabalhado no sentido de colocar as

orientações gerais em prática? No nosso Partido não se travam batalhas pessoais, nem tão-pouco entre grupos. Trava-se a batalha do povo para a sua emancipação total. Mas às vezes sou forçado a pensar que existem meus camaradas que nunca forçaram a prática das orientações, porque à partida discordam delas, preferindo então colocar a sua opinião mesmo fora dos espaços de discussão. Pois... a TV a mim não ouve... não sou notícia. E como eu... há muitos.

Miguel Tiago  
Setúbal

## Desenganem-se... Não transfiguraram este Partido!

Era suposto que a esta Tribuna viessem contributos para o tema em análise na Conferência Nacional do nosso Partido.

Foi com surpresa e espanto que, no jornal da véspera do 25 de Abril, li um texto assinado por João Paulo Avelãs Nunes que, para além de nada propor no concreto, do princípio ao fim calunia dirigentes do PCP e da JCP, ataca o Partido com violência e revela um profundo ódio aos camaradas que têm funções de direcção a todos os níveis.

O texto revela uma postura ideológica que nada tem a ver com o PCP mas sim com outra «coisa» e ofende a camaradagem e a solidariedade que existe no nosso Partido.

A propósito, falando da realidade, em finais de 1995 os portugueses infligiram uma enorme derrota à direita e à política de direita, na altura do PSD/Cavaco Silva. Na sua sequência impunha-se uma mudança de política. Estavam reunidas as condições institucionais para isso.

O PS, com 50 por cento dos deputados, decidiu o inverso. O PS decidiu, sendo único responsável por isso, continuar a sua «velha» prática de fazer demagogia para «caçar» votos e depois mandar às urtigas as promessas eleitorais.

Sob a capa de uma política de esquerda, com o apoio da comunicação social dominante, comandada pelo grande capital (há dúvidas?), que fazia crer que tínhamos um governo de esquerda, o PS desde a primeira hora praticou uma política na continuidade da que tinha sido derrotada.

No que se refere aos transportes, área onde trabalho, ela pautou-se por desmembramentos das empresas, reduções/despedimentos de trabalhadores, privatizações, entrega da concessão ferroviária do eixo norte-sul a uma empresa dominada pelo grupo Barraqueiro, que já detinha o monopólio do transporte rodoviário, fixação de tectos salariais, «chantagem» nas negociações colectivas de trabalho, entrega de empresas nas mãos dos privados, como foi o caso escandaloso TAP/Swissair, cortes nas carreiras, aumentos de preços, medidas para abolir os passes sociais, etc.

Esta foi a realidade! Como é que se pode classificar esta política do PS? Não é uma política de direita, claramente ao serviço do grande capital? O PCP deveria apoiá-la?

Obviamente que não! Só a denúncia e a luta era o caminho! O grande capital nada tinha a perder se em 17 de Março apostasse simultaneamente na direita e no PS!

Daí a comunicação social dominada pelos Belmiros de Azevedo, os Balsemões, etc., «matraquear» todos os dias que o que estava em jogo era eleger um primeiro-ministro!

O grande capital sabe que só tem a temer o PCP, o movimento sindical unitário e as comissões de trabalhadores, para o seu domínio absoluto sobre a economia nacional.

É assim que o PCP é marginalizado do debate, que as iniciativas do PCP não são divulgadas, que as posições do PCP são deturpadas, enfim, o PCP é o «inimigo» a abater.

Contra esta campanha de enorme dimensão, como não me lembro desde o 25 de Abril, lutou o Partido, lutou a CDU, lutaram os camaradas.

Digo bem, lutaram os camaradas, pois alguns membros do Partido, devidamente organizados, com os seus líderes, uns «às claras», utilizando as televisões, as rádios e os jornais, outros «escondidos», utilizando os tempos das organizações ou empresas onde recentemente «entraram» e com os seus «operacionais», para executarem o trabalho de campo, ao inverso desenvolveram uma campanha intensa contra o seu próprio Partido, contra os seus camaradas, alimentando a comunicação social na sua ofensiva contra o Partido da classe operária e de todos os trabalhadores.

Até na própria noite das eleições se prestam a «encenar», em directo, ataques ao PCP! Vergonhoso e inadmissível! E continuam a sua campanha de fracção organizada contra o Partido! Basta! Minar a coesão do Partido é impedir o seu funcionamento! Não o permitiremos!

O PCP é um partido revolucionário, com uma identidade comunista, vanguarda da classe operária e de todos os trabalhadores, tendo como base teórica o marxismo-leninismo, com um funcionamento assente no desenvolvimento criativo do centralismo democrático, visando a construção do socialismo e do comunismo em Portugal.

Este é e será o PCP, o nosso Partido, o Partido!

Desenganem-se... Não transfiguraram este Partido!

Carlos Carvalho  
Barreiro

# Através de meio não determinado...

• Odete Santos

(do acórdão do Tribunal da Maia sobre as 17 mulheres acusadas da prática do «crime» de aborto)

Recentemente os periódicos fizeram-se eco de mais uma decisão num processo por «crime» de aborto. Desta vez tratou-se de um processo instaurado no Tribunal de Setúbal contra 3 arguidas: uma parteira e 2 jovens, 1 das quais apenas acusada de tentativa de prática do «crime». Tratou-se de uma decisão instrutória despronunciando as arguidas, e ordenando o arquivamento dos autos. Isto é: o processo não foi remetido para julgamento.

Motivo do arquivamento: a nulidade da acusação por não assentar em qualquer prova que permitisse que em audiência de julgamento se pudesse provar:

1. a gravidez das 2 jovens
2. que o feto estava vivo
3. que relativamente a uma delas - a que era acusada de crime consumado - tinham sido feitas manobras abortivas
4. que entre as manobras e a morte do feto havia uma relação de causa e efeito: isto é, que tinham sido as manobras abortivas a causa da morte do feto.

A decisão instrutória respeitou escrupulosamente o que o nosso Código do Processo Penal estabelece quanto às provas admissíveis em juízo.

De facto, estabelece a lei processual penal - artigo 151.º - que deverá haver

Só, aliás, relativamente à jovem acusada de tentativa de aborto, poderia tal perícia ter tido êxito. Já que relativamente às outras arguidas, tanto no processo de Setúbal como no processo da Maia, o tempo decorrido entre os factos constantes da acusação, e a instauração de processo crime tornavam inviável qualquer conclusão por parte de peritos médicos.

Assim, a acusação em qualquer dos dois processos baseou-se noutros indícios desprezando o artigo 151.º do Código do Processo Penal:

É por isso surpreendente o acórdão do Tribunal da Maia que não toma em consideração este artigo, e acaba por condenar alguns arguidos, nomeadamente uma das mulheres que teria recorrido aos serviços da parteira, dando como provado que «através de meio não determinado» foi causado o aborto.

É ainda o processo de Setúbal que revela a justeza do dispositivo exigente do processo penal que impedem nossa opinião - que como meios de prova, em casos tais, se possam considerar apenas depoimentos testemunhais, confissões, etc. - que não estejam acompanhados da perícia legal.

É que a instauração do processo de Setúbal nasce de um outro processo em que uma mulher revela o nome de duas parteiras a quem teria recorrido para fazer 2 abortos, acrescentando que um deles, apesar de o ter pago, não foi feito, já que a gravidez evoluiu normalmente até ao nascimento da criança. Apesar de a parteira ter assegurado o resultado.

O processo da Maia vem agora colocar dificuldades ao processo de Setúbal, já que, por dever de ofício, o Ministério Público titular do processo recorreu da decisão instrutória para o Tribunal da Relação de Évora, juntando aos autos uma cópia do acórdão da Maia.

Explicita-se que quando um representante do Ministério Público invoca na sua actuação o dever de ofício, isso quer dizer que o faz por ter recebido instruções do seu superior hierárquico e não porque esse seja o seu entendimento sobre o procedimento a seguir.

Tive oportunidade de ler, na TSF online, alguns comentários à decisão do Tribunal de Setúbal. E um deles chocou-me profundamente.

O Internauta, laranjinha convicto, afirmava esperar que o PSD, triunfante nas eleições legislativas, alterasse a disposição do Código do Processo Penal. Para que as mulheres pudessem ser mais facilmente perseguidas, como é óbvio.

O dispositivo do Código põe ainda mais em evidência o acentuado valor simbólico da lei que criminaliza a mulher que recorre ao aborto.

São muito poucos os casos em que pode ser produzida a prova exigida pela lei. O que quer dizer que os partidários do não bastam-se com a ameaça de perseguição penal das mulheres.

Aliás afirmaram-no sem reboço quando proclamaram que não queriam que as mulheres fossem condenadas.

Já agora, que apesar dos cortes na despesa pública, o Governo tem no seu programa a concessão de subsídios aos «Juntos pela vida», estará o Governo disposto a conceder apoios às vítimas da perseguição penal?



uma prova pericial quando a percepção ou a apreciação dos factos exigirem especiais conhecimentos técnicos ou científicos.

A gravidez só se pode provar através de exame médico.

A vida intra-uterina só um médico ou uma parteira pode assegurar que a mesma existia.

Só um técnico pode assegurar que determinado procedimento é susceptível de destruir o feto.

Só um técnico pode assegurar que a expulsão de um feto ainda em gestação foi consequência de uma determinada manobra, e não de outros quaisquer factores que estão na base dos abortos espontâneos.

Ora, no caso de Setúbal - como aliás no processo da Maia - nenhuma perícia legal tinha sido determinada para prova daqueles factos.

Sessão solene comemorativa dos 28 anos da Revolução dos Cravos

## 25 de Abril sempre!

O 25 de Abril, que o povo voltou a festejar nas ruas, foi evocado em sessão solene no Parlamento. Sendo memória e acto de homenagem aos que o fizeram, foi sobretudo a reafirmação de que o seu espírito permanece e de que o seu património, ainda que incompleto ou delapidado, está presente. Para que novos desafios se cumpram.

Foi neste registo de confiança nos valores perenes da Revolução de Abril que se posicionou

o deputado comunista

Honório Novo.

Para deixar

claro, ao intervir

em nome do Grupo Parla-

mentar do PCP, que a

vontade de todos os que

«querem retomar e pros-

seguir a esperança que

«Abril abriu» não acei-

tarão o «regresso ao

autoritarismo, venha ele

como vier, tenha ele o

rostro que tiver» e sempre

dirão não ao «neolibera-

lismo que oprime os

povos» e que é «caldo de

cultura dos «LePen»

deste mundo».

Intervindo no final da sessão, a que assistiram das galerias numerosas individualidades, entre as quais muitos «capitães de Abril», o Presidente da República apelou para que o esforço de recuperação do País não seja sempre feito à custa dos mesmos cidadãos. Apontados por Jorge Sampaio foram também os princípios essenciais

que do seu ponto de vista deverão nortear o regime democrático português: responsabilidade política, tolerância e

combate

a

fenómenos

como o racismo

e a xenofobia,

solidariedade e

descentraliza-

ção.

O presidente da

Assembleia da Repúbli-

ca, Mota Amaral, por seu

turno, numa alusão à

reforma da vida política,

defendeu um reforço da

participação «interacti-

va» com os eleitores, por

forma a que «o mandato

democrático conferido

aos membros do Parla-

mento seja apreendido

pelos cidadãos e pelas

cidadãs como algo ver-

dadeiramente útil». Por

si anunciada foi também

a intenção, já efectivada

este ano, de passar a

convidar para a sessão

solene do 25 de Abril

«uma representação sim-

bólica da geração

jovem».

Sobre os jovens que

não assistiram ao «mar

de liberdade» que há 28

anos percorreu o País já

antes se pronunciara Honório Novo. Para dizer que é preciso que eles saibam «que o fascismo existiu» e que «a liberdade e a democracia, bens preciosos como o ar que respiramos, nem sempre existiram, não são sequer irreversíveis».

Como é preciso esclarecer, prosseguiu, que «muito do que depois aconteceu e agora acontece nada tem a ver com Abril e o seu espírito», nem com o seu «património de dignidade e justiça social». Nesse corpo de valores e princípios, observou, não cabem a «discriminação, a xenofobia e o racismo», nem o «trabalho precário e sem direitos», nem as «desigualdades e as injustiças na distribuição da riqueza, as pensões de miséria, a pobreza e a exclusão».

E por isso, quem está com Abril, concluiu Honório Novo, não aceita que haja quem queira «de novo forçar o trabalho no 1.º de Maio, obrigando quem não tem contrato nem vínculo a servir a voracidade de lucro dos Continentes deste terra». Do mesmo modo que repudia o «horror em Ramallah e os massacres em Jenin» e não aceita «que se cerque um povo e se pretenda expulsá-lo da sua própria terra».

Comissões parlamentares sofrem redução

## PSD e PP desvalorizam trabalho

A maioria PSD e PP que sustenta o Governo aprovou na passada semana a criação de 11 comissões parlamentares. Com menos três que na anterior Legislatura, o novo elenco recebeu os votos contra de todos os outros partidos com assento parlamentar, que criticaram a amplitude da redução, questionando a sua eficácia.

A proposta do PSD e CDS estabelece a redução do número de comissões de 14 para 11, surgindo, entre estas, uma nova comissão, a de controlo da execução orçamental. Na presente legislatura passam assim a ser 11 as comissões especializadas permanentes.

Alvo das críticas dos partidos da oposição foram sobretudo duas alterações. Uma é a que estabelece, ao contrário do que sucedia na última Legislatura, a junção dos Assuntos Europeus com os Negócios Estrangeiros, numa comissão que se chamará Assuntos Europeus e Política Externa. A outra alteração diz respeito à Saúde, à Toxicodpendência e à Família, que estavam autonomizadas na última legislatura, e que passam agora a integrar a comissão do Trabalho e dos Assuntos Sociais, tal como ainda a Segurança Social.

Esta última alteração mereceu sobretudo a contestação da bancada comu-

nista, no decurso do debate que antecedeu a votação. E foi mesmo objecto de uma proposta de alteração dos deputados comunistas, que acabou por ser chumbada.

Tal fusão, no entender de Bernardino Soares, líder parlamentar comunista, impõe dificuldades à «capacidade de resposta dos deputados às solicitações dos trabalhadores», para além de corresponder a uma desvalorização das questões relacionados com o trabalho e os direitos dos trabalhadores. Isto numa altura, como foi dito, em que se prevê um aumento do volume de actividades desta comissão face às prioridades anunciadas pelo Governo.

## Novo executivo agrava problemas dos jovens

# JCP rejeita programa do Governo

Os jovens comunistas acusam o executivo de Durão Barroso de não apresentar medidas concretas para resolver questões ligadas à toxicod dependência e à sexualidade e de privilegiar os estabelecimentos de ensino privados.

A Comissão Política da Direcção Nacional da JCP manifestou publicamente o seu «desacordo, repúdio e preocupação face às políticas» anunciadas no Programa do Governo do PSD/CDS-PP.

«Numa atitude claramente dramatizadora da situação política e social e numa postura de mudança virtual - que, na realidade, não passa do aprofundamento e avanço das políticas de direita anteriormente seguidas -, o Governo vem anunciar tudo o que os jovens portugueses combatem nos últimos anos: a desregulamentação laboral, a precariedade do emprego juvenil, a privatização e a elitização do ensino e a desvalorização do apoio ao movimento juvenil, chegando mesmo ao cúmulo da subalterização da área da Juventude face ao Desporto - ou melhor dizendo, ao Euro 2004», lê-se numa nota de imprensa.

A direcção da JCP considera «preocupante» a omissão sobre medidas concretas em várias áreas, entre elas a toxi-

codependência e a sexualidade, nomeadamente para a implementação da legislação da educação sexual.

### Regresso ao passado

Os jovens comunistas afirmam que «o programa do Governo PSD/CDS-PP mais não é do que um regresso ao passado, à educação para uma elite, à recusa da escola pública, à figura do director, à disciplina como centro da vida da escola, aos exames a todos os meninos e em todas as idades, aos quadros de honra».

Por outro lado, a JCP defende que a divisão do Ministério da Educação em dois «confirma o carácter elitista das medidas propostas, deixa antever o corte formal no relacionamento directo entre os vários níveis de ensino e tenta minimizar o desgaste gerado pela luta estudantil».

«A suspensão da revisão curricular do ensino secundário, a única medida que poderia parecer positiva, não é mais do

**A formação profissional é vista como o futuro das classes baixas**



A JCP afirma que os jovens podem contar com o seu firme combate à política do Governo

que a inversão dos princípios quais se baseou a justa luta dos estudantes», refere a JCP.

A Comissão Política acusa o Governo de confundir «premeditadamente massificação do ensino superior com a democratização da sua frequência, o que está longe de estar feita e mais longe ficará se este programa for aplicado».

«É preocupante que o Governo não fale do ensino superior público nem do que

entende para o seu financiamento. O princípio da liberdade de ensino é usado como forma de justificar a desresponsabilização do Estado neste sector», acrescenta.

### Ode ao racismo

A JCP sublinha que a formação profissional é apresentada como o único caminho para os filhos das classes mais desfa-

vorecidas. «É o regresso à existência de direitos com as vestes da simplificação da legislação laboral», comenta.

Quanto à imigração, os jovens comunistas consideram que o executivo liderado por Durão Barroso anuncia um conjunto de medidas «potenciadoras do ódio, numa verdadeira ode ao racismo e à xenofobia, que deixam verdadeiramente perplexo qualquer cidadão atento».

«Todo o Programa é um louvor a valores retrógrados, como a transformação de dificuldades sociais e económicas em «vícios sociais» ou a ideia conservadora de família, muito mais assente na instituição do que nos afectos», afirma a JCP. E explica: «É um guia para a criação de uma jovem geração sem direitos, num claro atentado aos valores progressistas e humanistas revelados pela Constituição.»

### Ensino Superior

## Famílias suportam maioria dos gastos

A frequência no ensino superior público não é gratuita e são as famílias e os estudantes que pagam a maioria das despesas. Esta é uma das principais conclusões de Belmiro Cabrito, professor e investigador da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, que editou recentemente um livro intitulado

«O Financiamento do Ensino Superior».

«Afirmar a gratuidade deste nível de ensino, cometendo ao Estado o papel de "grande" financiador das universidades constitui uma informação falaciosa, que corporiza um evidente logro de que os indivíduos são alvo», garante o docente na sua obra.

Considerando que «despesas de educação é tudo o que se gasta para que um aluno frequente a faculdade e não só o que o Estado gasta», Belmiro Cabrito adianta que as despesas da família para a frequência de um filho no ensino superior pode ultrapassar mais de um quarto do rendimento líquido mensal do agregado familiar.

Para um operário agrícola, 46 por cento do orçamento familiar mensal é destinado aos custos de frequência de um filho naquele grau de ensino. Para a chamada «burguesia dirigente e profissional», estes gastos representam, em média, 17 por cento do orçamento familiar do mês.

### Porto

## IV Concurso de Bandas da JCP

O IV Concurso de Bandas da Organização Regional do Porto da JCP terá lugar no próximo dia 24, no Bar Sarau, em Santo Tirso, com as cinco bandas seleccionadas. Como é hábito, o prémio para os vencedores é uma actuação na Festa do «Avante!», em Setembro.

O júri é composto por João André Piedade, músico dos

«Bandemónio», Vítor Moreira, dos «Haus en Factor», Vítor Oliveira, dos «Helena Azul» (banda vencedora do concurso do ano passado), Luís Lima, técnico de som, e Ricardo Ribeiro, a representar a JCP.

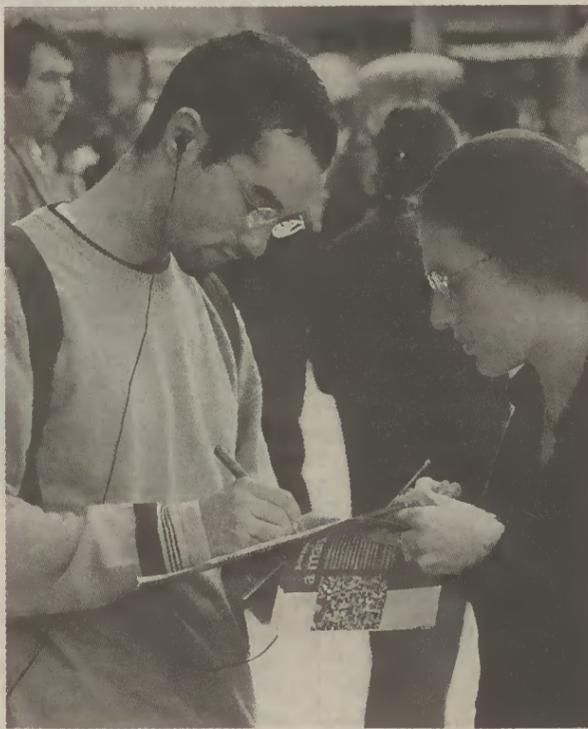
As bandas concorrentes são do distrito do Porto e os seus elementos têm de ter uma média de idades inferior a 30 anos.

## JCP de Sintra Aumentar contactos com a população

JCP de Sintra, no seu último Encontro Concelhio, apontou como prioridades realizar uma intervenção mais forte junto das populações, com acções regulares de rua e de contacto com os jovens.

Indo ao encontro desta resolução, os jovens comunistas decidiram entrar em contacto com a população nas estações de comboio, quinzenalmente, às 3.ª-fei-

ras. Todas as 5.ª-feiras estarão nas escolas e locais de concentração juvenil, com bancas para afirmar a JCP, através da venda de material de campanha. Aos sábados, as brigadas de contacto da JCP estarão nos bares e locais de convívio nocturno para sensibilizar e recrutar jovens. Quinzenalmente serão realizadas iniciativas temáticas sobre vários temas.



## Santarém debate conflito na Palestina

A JCP de Santarém organizou recentemente um debate sobre o conflito israelo-palestino, com a deputada do PCP, Margarida Botelho.

Na sequência da sua deslocação à Palestina em Fevereiro, integrada numa visita de solidariedade do PCP e da Federação Mundial das Juventudes Democráticas, Margarida Botelho descreveu a situação vivida naquele território e relatou factos que muitas vezes são desconhecidos da comunicação social mundial.

Durante esta visita, Margarida Botelho foi recebida pelo

presidente da Autoridade Palestiniana, Yasser Arafat, experiência que foi partilhada com os participantes no debate, numa conversa muito participada, com algumas dezenas de pessoas a expressar as suas opiniões e preocupações.

No âmbito desta iniciativa, a JCP distribuiu no centro histórico de Santarém um documento com o título «Palestina livre e independente já!». Segundo os jovens comunistas, registou-se uma grande receptividade por parte da população.



## Segurança Interna • José Martins e manobras de diversão

**E**nquanto decorria na Assembleia da República a apresentação/discussão do Programa do Governo (da direita e travestida de social-democrata), milhares de cidadãos polícias e representantes das maiores confederações europeias de polícias, numa manifestação sem precedentes, exigiram nas ruas e Lisboa a desmilitarização das forças de segurança, o fim da repressão na GNR e o alargamento de direitos associativos e sindicais. O protesto foi revelador da profunda insatisfação que atinge os homens e mulheres que labutam nas forças de segurança. E, no caso particular da GNR, é um paradoxo que se continue a encarar como natural a imposição de um estatuto militar de todo inconstitucional, responsável pela existência de uma casa desarrumada e em permanente crise, de reduzida operacionalidade nas missões de polícia, de utilização abusiva de agentes de autoridade em funções de “criados para todo o serviço”, de exercício do poder absoluto e autoritário, de negação e espoliamento de direitos que a Constituição consagra aos agentes que prestam serviço nas forças de segurança.

Há muito que, no quadro do regime democrático, não existe justificação para a continuidade de “forças de primeira linha”. As incursões monárquicas tiveram o seu fim no início do século passado e a defesa da República é da incumbência exclusiva das Forças Armadas. Mas aqueles que hoje defendem o princípio dual nas forças de segurança – uma força civil e outra militar – não o fazem nem por ingenuidade nem a pensar na eficácia da segurança pública e no respeito pelos direitos e liberdades dos cidadãos. Ao invés, aceitam a “colonização” da segurança interna pelo espírito castrense mais irracional e dinástico. No fundo, defendem a transformação de forças públicas de segurança numa espécie de “guarda pretoriana”, governamentalizadas e orientadas quase unicamente para fazer frente às lutas sociais e vocacionadas para a repressão. Daí que não cause perplexidade, nem seja de estranhar, quando burocratas ao serviço de potentados económicos e ideologicamente de direita, e com

recurso à “imprensa da casa”, venham, com homilias pseudolegalistas, conotar uma manifestação cívica de polícias e integradora de estruturas associativas e sindicais, nacionais e europeias e tão diversificadas como amplas, de “perigosos comunistas”.

Como a história tem registado (e recentemente é paradigmático o caso da Venezuela), os defensores do militarismo e do espírito de corpo nas forças de segurança públicas mais não fazem do que apelar à insubordinação da legalidade democrática e à perversão do regime democrático e constitucional.

### O Programa do Governo

Mas esta doentia obsessão pela militarização dos serviços públicos de segurança está contemplada no Programa do XV Governo e no quadro das piores expectativas. É que, a par de um programa vazio, cheio de omissões e de fartas alusões à autoridade de Estado e aos cortes de estradas e desobediência civil, o esforço principal e decisivo da política de direita nesta área assenta numa “lei da organização das forças de segurança” para manter uma força civil e outra militar, e na atribuição de um papel preponderante às polícias municipais, em clara exorbitância das suas competências.

É o retorno à herança cavaquista de triste memória, com todo o corolário de instabilidade e insegurança, militarização e medidas de conteúdo repressivo, atentados aos direitos e liberdades dos cidadãos e asfixia e negação das reivindicações dos membros das forças de segurança.

As promessas, clamorosamente propagandeadas na campanha eleitoral, foram esquecidas. As reivindicações e o protesto de milhares de polícias ignorados. As legítimas aspirações dos cidadãos a mais segurança foram adiadas. Os próximos tempos e a realidade (infelizmente!) acabarão por confirmar as piores previsões em relação à política deste Governo. São tempos de resistir e de lutar por Abril e Maio!

Autarquias debatem orçamentos e opções de plano para o ano de 2002

## A intervenção da CDU

Por todo o país, a CDU tem vindo a intervir activamente, quer no quadro dos debates em torno dos orçamentos e opções de plano para 2002 quer em torno das mais diversas questões concretas.

As propostas programáticas da CDU/Campanhã, em diversas áreas fundamentais, foram incluídas no Plano e Orçamento para 2002.

Assim, o Plano e Orçamento aprovado, por unanimidade, na Assembleia de Freguesia da Campanhã, inclui propostas como a promoção de um estudo para apuramento do número de ilhas e casas sem condições de habitabilidade, o apoio às escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico e da Educação Pré-Escolar e o transporte escolar nas zonas dele necessitadas

Na área social, cultura e ambiente, o plano aprovado inclui propostas como a cooperação com os Centros de Saúde e IPSS, com atenção especial às pessoas e famílias em situações mais difíceis, o apoio às colectividades e associações, a criação de parques e recintos desportivos e a arborização e ajardinamento de espaços disponíveis. Foram ainda aprovadas a criação de uma Casa da Juventude e importantes medidas de acção social,

como o apoio domiciliário, uma mais eficiente aplicação do Rendimento Mínimo Garantido, a criação de um Centro de Emergência Infantil.

Entretanto, em Paranhos, a Assembleia de Freguesia aprovou, por unanimidade propostas da CDU, incluindo a criação de um Centro Jovem. De referir que Paranhos é uma das maiores freguesias do país, que inclui grande número de bairros sociais e um importante pólo universitário.

### Opções sociais e ambientais

O Orçamento e o Plano Plurianual de Actividades para Loures foram aprovados com os votos favoráveis do PS e da CDU, e os votos contra dos dois vereadores do PSD.

Uma nota da Câmara de Loures refere que a prioridade no plano de 2002 é dada sobretudo às funções sociais, nomeadamente a recuperação e construção de equipa-

mentos escolares, saúde, através da disponibilização de terrenos e apoio aos centros existentes, e a compromissos assumidos com associações e corpos de bombeiros do concelho.

Em Ovar, na Assembleia Municipal realizada a semana passada para aprovação das Opções do Plano e Orçamento, o deputado da CDU, José Costa, aproveitou o período antes da ordem do dia para levantar mais uma vez o problema da extracção ilegal de inertes e propor a aprovação de uma moção de solidariedade com o povo palestiano.

No que respeita às Opções do Plano, a CDU votou pela abstenção, por não estarem contempladas «uma série de carências» a que seria fundamental dar resposta.

Entretanto, no concelho de Aveiro, a CDU apresentou lista à eleição da Assembleia de Freguesia de Eixo, lamentando «que não tenha vencido o consenso no sentido de se evitar novas eleições». A lista é de novo encabeçada por António Luís da Silva Almeida, trabalhador da indústria cerâmica, tendo, nos lugares seguintes, o arquitecto Ricardo Ventura da Cruz, e Carlos Manuel Maia Ribeiro, profissional de

## Sindicatos da Fenprof aderem à CGTP

O Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) formalizou, dia 24 de Abril, o seu pedido de filiação na CGTP. Seguir-se-ão, a breve prazo, outros dois sindicatos – Grande Lisboa e Região Norte - que integram a Federação Nacional dos Professores.

O primeiro passo para a filiação foi dado no final de Janeiro com uma consulta aos sócios, após vários meses de debate. Nessa altura votaram 4000 sócios, de um total de quase 14000,

71 por cento dos quais a favor da filiação.

Outros dois sindicatos da Fenprof, o dos Professores da Região Norte (SPRN) e o dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), também estão em vias de se filiarem na Intersindical.

O SPGL consultou a semana passada os seus sócios e vai agora negociar a sua adesão. Dos mais de 22000 sócios votaram 6371, 56,7 por cento dos quais a favor da filiação. O SPRN, com um total de 16000 sócios, fez a respectiva consulta em 2001.

Dos 5000 votantes, 76 por cento foram favoráveis à filiação do sindicato na central sindical.

A Comissão Executiva da Inter, em reunião de Fevereiro, considerou positivo o alargamento da representatividade da central e considerou que esta evolução orgânica vai ter múltiplas implicações, nomeadamente no que respeita à mudança dos órgãos da central e à construção de mensagens e até à linguagem usada em determinados contextos.



### O 25 de Abril regressou à cidade

A hipocrisia e a presunção condenaram ao opróbio, durante anos, um inspirado e inspirador monumento evocativo do 25 de Abril e do papel da classe operária na defesa das liberdades. Mata Cáceres e o PS tentaram ofuscar, por todos os meios, a força simbólica do monumento que os operários da Setenave ofereceram a Setúbal. Com o regresso da CDU à direcção política da C.M. de Setúbal, o 25 de Abril regressou à cidade.

## Contas portuguesas

# Famílias penalizadas

**A redução das receitas orçamentais em Portugal deve-se ao arrefecimento da economia, mas também resulta da redução dos impostos e de «uma crescente fuga ao fisco», aponta a OCDE nas suas Perspectivas Económicas.**

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), no relatório apresentado na passada semana, observa que as correcções orçamentais decididas pelo governo socialista em meados de 2001 não impediram que o défice das contas públicas alcançasse os 2,5 por cento do produto interno bruto (PIB).

A OCDE admite a necessidade de «medidas fortes»

**São os trabalhadores que vão pagar o controlo do défice**

para alcançar o equilíbrio orçamental em 2004, de acordo com o último programa de estabilidade, mas avisa que o agravamento da fiscalidade em Portugal dificultará o crescimento da economia acima dos 2,75 por cento em 2002 e 2003.

Por outro lado, a OCDE admite que a recuperação da economia será gradual e que beneficiará da melhoria da conjuntura externa, a par

das transferências crescentes dos fundos comunitários, que fomentarão as obras públicas.

Os maiores problemas virão do lado do consumo privado, com as famílias a ajustarem-se ao endividamento elevado e a um mercado de trabalho em perda de velocidade, com o desemprego a aumentar em 2002.

No entanto, a OCDE afirma incentiva o Governo a controlar a despesa pública e a limitar o crescimento dos salários na função pública, para que estes sirvam de exemplo para o sector privado. Mais uma vez serão os trabalhadores a pagar o descontrolo orçamental e a perda de receita fiscal.

## Erradicação da pobreza

# UE dá passos curtos

Na sequência da Conferência Internacional sobre o Financiamento do Desenvolvimento, realizada em Monterrey, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução comum sobre este tema, em que reafirma o seu empenho em relação à erradicação da pobreza, ao desenvolvimento sustentável e à realização dos objectivos de desenvolvimento, tal como estabelecidos na Cimeira do Milénio e nas conferências da ONU.

Intervindo no debate, o deputado, do PCP, Joaquim Miranda considerou no entanto que «não há razões para euforias quanto aos resultados» daquele fórum,

que se traduziram em «passos demasiadamente curtos, que ficam aquém das necessidades e possibilidades reais». O deputado referia-se nomeadamente ao facto de a UE, pela primeira vez, ter fixado um objectivo de ajuda pública ao desenvolvimento obrigatório para os estados-membros, que se destina a levar a média comunitária a atingir 0,39% do PIB em 2006, como uma etapa intercalar para alcançar o objectivo da ONU de 0,7% do PIB.

Porém, como salientou Miranda, na última década, verificaram-se diminuições constantes em matéria de

ajuda pública ao desenvolvimento e, até à data «nenhuma medida foi adoptada no domínio da resolução do problema da dívida externa», apesar deste aspecto «continuar a ser um dos parâmetros fundamentais do desenvolvimento económico dos países mais pobres».

Esta matéria consta de resto no relatório sobre endividamento dos países pobres, que são obrigados a gastar cerca de 40 por cento do orçamento anual no serviço da dívida. E esta não pára de crescer, tendo passado de 147 mil milhões de dólares, em 1989, para 214 mil milhões de dólares, em 2001.

# O custo do alargamento

O alargamento da União Europeia vai custar 25 euros (5.012 escudos) por ano a cada cidadão da UE, sobretudo devido às subvenções agrícolas, segundo cálculos do Comissário Europeu da Agricultura.

Numa entrevista ao semanário alemão Focus, publicada na

segunda-feira, Franz Fischler prevê «problemas nos mercados» e desemprego no sector agrícola em alguns dos estados-membros. «Por exemplo, o sector agrícola alemão vai estar sob forte pressão», afirmou o Comissário Europeu. A Comissão Europeia propôs em Janeiro atribuir 40 mil milhões de

euros aos agricultores dos países que venham a integrar a EU, entre 2004 e 2006.

Os países candidatos consideram esta ajuda insuficiente, atendendo a que este valor representa apenas 25 por cento do que recebem actualmente os agricultores dos 15 estados membros.

# Cineastas exigem meios

Cineastas e representantes de organizações europeias de audiovisual, reunidos no fim-de-semana, em Varsóvia, apelaram aos responsáveis da União Europeia para que adoptem uma directiva que atribua à indústria do cinema europeu meios de assegurar o seu desenvolvimento.

Numa declaração adoptada no âmbito do Congresso do Cinema Europeu, os participantes apelaram aos «dirigentes da UE, bem como aos responsáveis dos governos e parlamentos de

toda a Europa, a fornecer à indústria do cinema os meios legais e estruturais que permitam um concorrência leal no mercado interno da União».

O Congresso, em que participaram nomeadamente Catherine Lalumière, vice-presidente do Parlamento Europeu, e Max Messner, responsável do Banco Europeu de Investimento (BEI), lançou um sinal de alarme face à diminuição das produções cinematográficas europeias.

«A proporção dos filmes europeus apresentados nas

salas de cinema da UE caiu 22 por cento em 2000, o mais baixo nível jamais registado, contra 74 por cento para os filmes norte-americanos», sublinhou o presidente da Associação de Cineastas Polacos, Jozek Bromski.

Os participantes no Congresso pretendem que a UE adopte uma «directiva que permita um desenvolvimento constante de um cinema europeu e nacional livre das influências políticas ou económicas, que contribuiria para manter a diversidade cultural».

# A 2.ª Comissão

O novo presidente da Assembleia da República, João Mota Amaral, apresentou uma proposta sobre a criação das comissões parlamentares permanentes, argumentando com a tentativa de redução de custos e um maior rigor. Na anterior legislatura, tinham sido criadas catorze comissões, cobrindo as mais diversas áreas (Agricultura, Assuntos Constitucionais, Assuntos Europeus, Defesa, Economia, Educação, Equipamento Social, Ética, Juventude, Negócios Estrangeiros, Paridade, Poder Local, Saúde e Trabalho). A proposta de Mota Amaral previu a redução do número de comissões para nove, aglutinando algumas e até extinguindo uma delas, a da Paridade. Após a Conferência de Líderes, foi apresentada e aprovada na Assembleia da República a criação de onze comissões parlamentares. Relativamente às novas comissões, a alteração que justifica esta coluna prende-se com a chamada 2.ª Comissão, de Assuntos Europeus e Política Externa, resultado da junção das anteriores comissões de Assuntos Europeus e de Negócios Estrangeiros. A inclusão destes dois temas, de grande importância para Portugal face à Europa, numa única comissão, não facilitarão certamente o trabalho futuro.

## O papel dos parlamentos nacionais

Às comissões permanentes da Assembleia da República competem tarefas como a apreciação de projectos e propostas de lei, propostas de alteração e tratados submetidos à

adoptadas para a vida política, económica, social e cultural, é obrigatório que o papel desempenhado pelos parlamentos nacionais, neste caso a Assembleia da República, seja de cada vez maior destaque, cabendo-lhe um lugar fundamental no acompanhamento do processo de decisão comunitário. Com os contornos que a Comissão de Assuntos Europeus e Política Externa tem, mais do que a eficiência da própria comissão, está diminuído um espaço de debate de ideias e conceitos sobre o espaço europeu e a forma como o nosso país se posiciona nesse terreno, ao partilhá-lo com um manancial tão vasto como o dos Negócios Estrangeiros.

## Participação e fiscalização

Vulgarmente, as decisões comunitárias são consideradas como algo longínquo, difícil de perceber ou acompanhar, chegando a ser referenciadas quase como uma fatalidade («eles decidiram e agora temos que cumprir»), o que também convém a certos discursos políticos de desculpabilização acompanhados de importantes tomadas de decisão que põem em causa interesses nacionais. Além deste alheamento característico relativamente a tudo o que vem da Europa, o cidadão comum também é frequentemente confrontado com a sua falta de participação, com a apatia e indiferença face a assuntos que podem comprometer o futuro ou alterar a sua vida.

Esta alteração na comissão parlamentar relativa aos assuntos europeus será também um sinal de apatia face às questões europeias, por parte dos órgãos de poder? A facilidade com que se passa a discutir no mesmo espaço questões como o futuro da Europa ou os Negócios Estrangeiros será um sinal de indiferença relativamente aos desafios que se avizinham? Ou presumirão que *dossiers* como o Alargamento ou a discussão do futuro da Política Agrícola Comum são de fácil discussão? Se,



existindo na anterior legislatura duas comissões diferenciadas, as decisões ficavam aquém das necessidades, o que acontecerá neste novo contexto? As razões que levaram a esta alteração poderão ser as mais variadas. Contudo, mais do que a desvalorização ou o afastamento relativamente às questões europeias ressalta a forma como é afectado o papel fiscalizador da Assembleia da República nestas matérias. Apesar do impacto que as decisões comunitárias têm no nosso dia-a-dia, assistimos a uma redução do poder deste órgão de soberania relativamente aos assuntos europeus. E se a falta de participação cívica é preocupante, o que dizer da diminuição do poder de fiscalização e acompanhamento do nosso parlamento em matéria europeia?

## Violência na Argélia

Dezasseis pessoas foram assassinadas na passada semana na localidade de Sfeija, província de Tiaret, oeste da Argélia. Na semana anterior, na mesma região, oito pessoas foram mortas, entre as quais cinco crianças, igualmente por grupos fundamentalistas islâmicos armados. Mais de 100 mil pessoas morreram na Argélia desde as eleições legislativas de 1992, interrompidas no final da primeira volta, devido à vitória do movimento fundamentalista islâmico armado. Apesar da amnistia decretada pelo presidente argelino, Abdelaziz Bouteflika, continuam a verificar-se actos violentos no país, com eleições agora marcadas para 30 de Maio.

## Confrontos na Indonésia

Pelo menos doze pessoas morreram, domingo, após confrontos inter-religiosos entre muçulmanos e cristãos a sul de Ambon, capital das Molucas, no arquipélago indonésio.

O grupo atacou as localidades cristãs de Soiya e Ahoru, a Sul de Ambon, naquele que foi o episódio mais sangrento inter-religioso na região desde a assinatura do acordo de paz entre os líderes religiosos das Molucas, em Fevereiro deste ano. Desde quinta-feira que a violência recrudescer, dia em que se comemorou o 52.º aniversário da proclamação, em 1950, de uma efémera República das Molucas do Sul.

## Chávez defende justiça

O presidente venezuelano, Hugo Chávez, pediu, domingo, «justiça implacável» para os responsáveis pelas mortes ocorridas nos incidentes de 11 a 14 deste mês e assegurou que deixará o cargo caso se prove que a sua conduta contribuiu para isso. Chávez, que falava pela primeira vez no programa televisivo dominical «Alô Presidente» desde o golpe de Estado de há duas semanas que o desalojou dois dias do poder, disse estar disposto a submeter-se a um referendo, em 2003 ou 2004, para decidir a sua continuidade ou não à frente dos destinos do país.

## Eleições na Irlanda a 17 de Maio

A República da Irlanda tem eleições gerais marcadas para 17 de Maio. A data foi anunciada na passada semana pelo primeiro-ministro irlandês, Bertie Ahern. O Fianna Fáil (FF) e o Fine Gael vão ser os principais rivais na corrida eleitoral. O FF, o partido de primeiro-ministro, parte como favorito face aos conservadores e segundo os observadores deve conseguir um mandato com maioria absoluta, o primeiro desde 1980.

As empresas de telecomunicações anunciaram nas últimas semanas o despedimento de milhares de trabalhadores um pouco por todo o mundo

# Despedimentos nas telecomunicações

O recurso aos despedimentos continua a ser o método preferido das empresas para sanear as suas economias. A Siemens anunciou a eliminação de 6500 postos de trabalho.

A Siemens vai despedir cerca de 6500 trabalhadores na área dos recursos telefónicos, no âmbito de um plano de redução de custos na unidade de telecomunicações. Os despedimentos anunciados na passada semana terão lugar durante os próximos trimestres de 2002.

Os 6500 trabalhadores que vão ser despedidos juntam-se aos 10 mil já programados desde 2001 e vão permitir à empresa poupar 1,5 mil milhões de euros, apesar

dos custos desta reestruturação atingirem os 300 milhões de euros.

O anúncio desta medida surgiu no mesmo dia em que a Siemens divulgou os resultados para o primeiro trimestre de 2002. De acordo com a empresa, o lucro líquido subiu para os 1,28 mil

milhões de euros, contra os 758 milhões de euros registados no período homólogo de 2001, tendo beneficiado do ganho de 561 milhões de euros registados com a venda de parte da posição

O número de japoneses sem emprego atinge os 3,48 milhões

## Desemprego aumenta no Japão

As autoridades nipónicas divulgaram sexta-feira que a taxa de desemprego média se situou nos 5,2 por cento no ano fiscal passado, o que representa um novo máximo histórico desde que este indicador começou a ser compilado, em 1953.

Segundo anunciou em Tóquio o Ministério da Gestão Pública, o número de nipónicos sem emprego atinge agora os 3,48 milhões, o qual fica principalmente a dever-se à transferência das produções das empresas para o exterior, principalmente para a República Popular da China.

Em adição, foi também divulgado que o Índice de Preços no Consumidor na capital japonesa - o qual é tradicionalmente indicador do que será a inflação para a totalidade do país - recuou 1,3 cento em Abril relativamente ao período homólogo de 2001, o que significa que a deflação continua a afectar a segunda maior economia do mundo.

da Siemens na Infineon Technologies. A decisão da Siemens segue-se a medidas similares tomadas por operadoras como o BT Group, a France Telecom e a Deutsche Telekom para reduzir os custos e reestruturar dívidas.

A fabricante de telemóveis Ericsson anunciou na

A Lucent Technologies, o maior fabricante de equipamentos para telecomunicações, vai despedir cerca de 6 mil trabalhadores.

A JSD Uniphase, fabricante norte-americana de produtos de fibra óptica, também se propõe liquidar 2 mil postos de trabalho, ou

que visa a duplicação dos lucros da empresa.

### GE Capital 7 mil

A unidade financeira norte-americana General Electric anunciou recentemente o despedimento em 2002 de sete mil trabalhadores, depois de já ter despedido



A Ericsson vai despedir 20 mil trabalhadores

passada semana o despedimento de cerca de 20 mil trabalhadores, durante os próximos anos, uma medida que se enquadra, igualmente, no plano de redução de custos da empresa.

A Ericsson prevê reduzir os custos em 1,091 mil milhões de euros em 2002, a juntar aos 2,183 mil milhões anunciados em 2001.

20 por cento do total da força de trabalho de 10 mil pessoas. Por seu lado, a maior operadora nipónica Nippon Telegraph and Telephone irá despedir 17 mil trabalhadores e reduzir os seus investimentos em cerca de 3,44 mil milhões de euros durante os próximos três anos, no âmbito de um plano de reestruturação

19 mil desde a segunda metade de 2000.

Os responsáveis do grupo explicaram, entretanto, que estas medidas «fazem parte dos esforços contínuos de produtividade e digitalização da GE Capital». Estes despedimentos representam aproximadamente 40 por cento do actual total de postos de trabalho da empresa.

## França

### Toque a reunir contra Le Pen

Os franceses voltam, domingo, às urnas para a segunda volta das presidenciais, onde se espera a vitória anunciada de Jacques Chirac.

Após 15 dias de campanha marcados por sucessivas manifestações contra a extrema-direita, as sondagens dão como certa a concentração de votos no actual presidente, considerado «um mal menor» face ao xenófobo e racista Jean-Marie Le Pen. Um estudo da empresa CSA revela que 56 por cento dos franceses que afirmam ir votar Chirac o fazem por rejeitar Le Pen.

Fortemente criticadas pelas suas previsões se terem revelado tão discrepantes com a realidade, as empresas de sondagens mostram-se desta vez mais cautelosas, advertindo, como fez a CSA, que «as intenções de voto constituem uma relação de forças no momento em que se realiza o estudo».

Apesar de tudo apontar para uma vitória esmagadora de Chirac (mais de 80 por cento dos votos), a CSA veio

a público recordar que «em nenhum caso» a intenção de voto manifestada nas sondagens «pode considerar-se uma previsão dos resultados no dia da votação».

Entretanto, quer as empresas de sondagens quer os analistas políticos consideram que a abstenção (28,4 por cento na primeira volta) e o voto em branco serão determinantes para o resultado de domingo.

### Reacções

Reagindo às manifestações contra a extrema-direita - no sábado saíram à rua mais de 200.000 pessoas em 40 cidades francesas, numa espécie de ensaio geral para as grandes manifestações do 1.º de Maio, Dia Mundial do Trabalhador, Le Pen desdobrou-se em declarações garantindo não ser fascista.

Em entrevista ao jornal espanhol *El Periódico*, Le Pen criticou o primeiro-ministro de Espanha, José Maria Aznar, e o vice-primeiro-ministro italiano,

Gianfranco Fini, que publicamente apelaram ao voto em Chirac. «Tanto Aznar como Fini querem sobretudo fazer esquecer relações com o fascismo que eu não tenho», disse o dirigente da Frente Nacional.

Enquanto isso, em Itália, o movimento de ultradireita Forza Nuova organizou no fim-de-semana manifestações de apoio a Le Pen, no âmbito das celebrações do 57.º aniversário da morte do ditador fascista Benito Mussolini, saudando «o despertar do povo francês».

De sinal contrário é a posição da Federação das Associações Portuguesas de

França (FAPF), que apelou, domingo, à comunidade a manifestar-se no 1.º de Maio contra Jean-Marie Le Pen. Em comunicado enviado à Lusa, a FAPF apela a todos os portugueses «para participarem activamente, com o povo francês, na luta contra a ideologia que escrivizou durante meio século o povo português», e a votarem «contra Le Pen para defender a democracia».

## Israel ocupa Hebron

O exército israelita reocupou, segunda-feira, a cidade de Hebron, numa acção que provocou pelo menos oito mortos e 25 feridos, segundo um comunicado da direcção palestina divulgado pela agência Wafa.

O documento acusa Israel de «continua a ignorar os apelos internacionais para pôr termo à sua bárbara agressão e retirar as suas tropas dos territórios palestinos», e denuncia o facto de os soldados israelitas impedirem o acesso das ambulâncias ao local dos confrontos. Segundo um comunicado militar israelita, 17 palestinos acusados de participação em atentados contra Israel foram capturados em Hebron, onde foi decretado o recolher obrigatório.

O ataque a Hebron ocorreu um dia depois do executivo israelita ter decidido não cooperar com a missão da ONU encarregada de investigar os acontecimentos no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia, classificados pelos palestinos de «massacre» de civis. Para Israel, «ainda não estão criadas as condições para a chegada da missão».

### «Todos com a resistência palestina»

Mais de 40 mil pessoas manifestaram-se, domingo, em Paris e Marselha em apoio à causa palestina.

«Todos com a resistência palestina» foi o lema do protesto que se dirigiu também ao presidente dos Estados Unidos. No sábado, cerca de mil pessoas participaram numa outra manifestação em Saint Denis, uma ilha francesa no oceano Índico, e cerca de 650 em Nancy, no Noroeste da França.

No dia anterior, cerca de mil pacifistas israelitas manifestaram-se em Telavive contra o prosseguimento da ocupação israelita dos territórios palestinos. «A ocupação mata-nos a todos», gritaram os manifestantes durante uma concentração que decorreu sem incidentes.

A manifestação incluía membros de diversas organizações pacifistas, nomeadamente, o movimento judeo-árabe Taayoush e outros grupos hostis à ocupação israelita.

## EUA e Rússia discutem redução de armas

O secretário de Defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, e o ministro da Defesa russo, Serguei Ivanov, reunidos, segunda-feira, em Moscovo, afirmaram ter realizado progressos para estabelecer um acordo sobre a redução de armas estratégicas. Os dois responsáveis pela Defesa escusaram-se a referir pormenores sobre um possível acordo. Recorde-se que a Rússia sempre mostrou oposição aos planos de Washington de armazenar, em vez de destruir, centenas de ogivas nucleares que deverão ser eliminadas para que ambos os países reduzam para dois terços as suas 6 mil ogivas durante as próximas duas décadas.

## Minuto de silêncio na Alemanha

Todos os estabelecimentos de ensino alemães fizeram um minuto de silêncio, segunda-feira, em memória das vítimas do massacre ocorrido na sexta-feira, quando um ex-aluno de uma escola de Erfurt matou 16 pessoas, suicidando-se de seguida. A Alemanha encontra-se em estado de profunda reflexão sobre a origem da violência na sociedade depois de Robert Steinhäuser, de 19 anos, membro de dois clubes de tiro e portador de licença para uso de armas, disparar com método e precisão sobre as suas vítimas, assassinando 16 pessoas em menos de uma hora.

## Dois ministros em três meses na Argentina

O presidente da Argentina, Eduardo Duhalde, nomeou este fim-de-semana o seu segundo ministro da Economia em três meses, com renovadas esperanças de acabar com a grave crise económica que o país atravessa. Ricardo Lavagna substituiu Jorge Remes Lenicov, que renunciou ao cargo na passada semana depois da recusa do Senado em analisar um plano que previa a troca de depósitos bancários congelados por bonificações com prazos de cinco e dez anos. O novo ministro da Economia garantiu entretanto que os mercados bancários e de câmbios voltariam a funcionar, após uma semana encerrados, e que vai apostar na estabilidade do peso face ao dólar.

## Greve na Guiné-Bissau

A greve geral iniciada pelos trabalhadores da Função Pública da Guiné-Bissau registou uma adesão de 98 por cento, informou a central sindical União Nacional dos Trabalhadores da Guiné. A greve, que se iniciou segunda-feira e que terminará no último dia da semana, foi desencadeada como sinal de protesto contra os quatro meses de salários em atraso. Entretanto, a UNGT tem apelado aos trabalhadores para fazerem do 1.º de Maio um dia de luta e de protesto em vez das habituais festividades que costumam marcar o dia do trabalhador.

# Na Alemanha, a política anti-social de Schröder supera a de Kohl

## O descrédito da social-democracia

O «camarada dos patrões», como é designado na Alemanha o chanceler Schröder, e o seu gabinete executam uma política contra os direitos dos trabalhadores.

No mesmo dia em que a França foi abalada pelo sismo das eleições presidenciais, a social-democracia sofreu na Saxónia-Anhalt a maior derrota eleitoral jamais verificada na Alemanha Federal numa eleições regionais, baixando de 35,9 para 20 por cento. A abstenção subiu de 28,5 para 43,5 por cento. Os Verdes ficaram reduzidos a 1,5 por cento.

Eleito, há menos de quatro anos, com os milhões de marcos da central sindical alemã, DGB, o «camarada dos patrões», como é hoje designado o chanceler Schröder, e o seu gabinete têm vindo a executar sucessivos atentados contra os direitos dos trabalhadores, que superam de longe as crueldades da política anti-social do antigo governo de Kohl.

A privatização das reformas e pensões, outrora tão desejada pelo democrata-cristão Blum, está a ser consumada pelo antigo vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos e actual ministro do Trabalho, Walter Riester, sem a menor oposição das direcções sindicais afectas ao SPD. A reforma fiscal, esse banquete dos multimilionários que a democracia-cristã procurara várias vezes cozinhar sem sucesso, foi servida por outro social-democrata, o ministro das Finanças, Eichel.

Não menos espectacular, foi a rápida conversão de Schröder e do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Fischer, ao intervencionismo e ao militarismo. Quem imaginaria que dois dirigentes políticos que em 1991 se manifestavam nas ruas con-

tra a agressão dos EUA e da NATO ao Iraque, fossem os principais responsáveis pelo ressurgir de avisos que desde 1933 não se tinham

### A privatização das reformas e pensões está a ser consumada

voltado a ouvir na Alemanha, como «votar Fischer, é votar na guerra!»?

Entretanto, o lucro bruto das sociedades de capital alemãs subiu nos últimos dez anos 79,1 por cento, enquanto os membros dos conselhos de administração das 30 empresas mais cotadas na Bolsa de Frankfurt se atribuem anualmente aumentos na ordem dos 30 por cento. Segundo o «Handelsblatt», esse aumento terá mesmo atingido em 2001 a marca incrível dos 64 por cento.

### Traição aos trabalhadores

Nesta situação, os sindicatos dominados pela social-democracia, em vez de impulsionarem a luta pelo pleno emprego, pela justiça social e pela paz, submetem-se à estratégia global do capital através de um novo corporativismo, que designam «aliança para o emprego» mas de consequências trágicas para quem trabalha (aumento do desemprego, perda acelerada do poder de compra, desmontagem das funções sociais do Estado...).

É neste contexto, de traição total aos interesses dos trabalhadores e aos ideais da paz, que se aprofundam, de dia para dia, na Alemanha, as contradições entre a social-democracia e o movimento operário. Segundo dados referidos pelo «Neues Deutschland», os sindicatos da DGB têm vindo a perder



Todas as tentativas dos dirigentes social-democratas para travarem o movimento dos metalúrgicos têm sido goradas

## Promiscuidade

A promiscuidade existente entre o sindicalismo social-democrata e os interesses do grande capital continua a manifestar-se e a recorrer a todos os meios para enfraquecer a luta dos metalúrgicos.

Num tempo recorde e numa clara tentativa para desmobilizar o movimento reivindicativo, a direcção do sindicato dos químicos (IG BCE) acordou com o patronato, aumentos salariais de 3,3 por cento, isto é, a metade do valor exigido pelo IG Metal e por outros sindicatos (Vendi, construção civil). Schröder apressou-se a louvar o acordo como «politicamente responsável». Mas o próprio presidente dos metalúrgicos, Zwickel, conversa secretamente com o patronato, na ausência da comissão sindical de negociação, num «encontro a sós». Que segredos terão sido trocados entre os representantes do grande capital e um dirigente sindical cujo rendimento mensal chega a ser 10 vezes superior ao dos trabalhadores que pretende representar? Aliás, a passagem de Zwickel pela

presidência do IG Metal ficará marcada por graves escândalos, como por exemplo, ter consentido com a sua abstenção no conselho de empresa da Mannesmann que o manager IGaus Esser recebesse pelo negócio da fusão com a Vodafone a escandalosa quantia de 600 mil contos de luvas (60 milhões de DM), o equivalente ao salário de mais de 15 mil trabalhadores.

Como reconhece Siegfried Deutchle, membro do comité de empresa da DaymerChrysler em Stuttgart, a concubinação entre o patronato, o SPD e a direcção do IG Metal, já fez gorar, no passado, as expectativas dos associados em várias negociações salariais. Qualquer que seja o desfecho da actual luta dos metalúrgicos alemães, cada vez mais trabalhadores começam a libertar-se da ideologia e da prática capitulacionistas do «sindicalismo» social-democrata, desmascarando-o como um instrumento para a contenção da luta e da revolta, neste tempo de guerra declarada do capital contra o trabalho.

entre 200 a 305 mil membros por ano. Empurrada pelas bases nas empresas, a direcção do sindicato dos metalúrgicos é obrigada a ir para a luta por melhores salários contra a avidez do capital e os apelos à «moderação» do chanceler Schröder. Todas as tentativas dos

dirigentes social-democratas para travarem o movimento têm sido goradas. Emissários da direcção do IG Metal são assobiados nas fábricas ao tentarem convencer os trabalhadores a «conterem» ainda mais as suas justas reivindicações. Trabalhadores comunistas

combativos, mesmo sem o apoio das estruturas sindicais burocratizadas da social-democracia, são eleitos para importantes comités de empresa, com percentagens a rondar os 90 por cento, como é o caso na Volkswagen, na Siemens ou na indústria naval.

## EUA ajudaram golpistas venezuelanos

A Marinha dos Estados Unidos colaborou na tentativa de derrube do presidente venezuelano, Hugo Chávez, a 11 de Abril, enviando informações secretas aos golpistas a partir de navios fundeados nas Caraíbas, notícia na segunda-feira, do diário britânico *The Guardian*.

O jornal cita Wayne Madsen, um antigo agente dos serviços secretos da marinha norte-americana, para quem os EUA consideravam a possibilidade de apoiar um golpe de Estado contra Chávez desde Junho do ano passado. «Primeiro, ouvi

dizer que o coronel James Rogers (assessor militar destacado na embaixada dos Estados Unidos em Caracas) foi para lá (para a capital venezuelana) em Junho para preparar o terreno», disse Madsen.

O antigo agente norte-americano explica ao jornal que várias unidades navais norte-americanas em manobras nas águas internacionais das Caraíbas ajudaram os sectores militares venezuelanos que estiveram ao lado dos golpistas passando-lhes informações secretas e interferindo nas comunica-

ções das embaixadas, em Caracas, de Cuba, Líbia, Irão e Iraque, os quatro países que declararam desde logo o seu apoio a Hugo Chávez.

### Contradições

O jornal britânico recupera no artigo as acusações de implicação na tentativa de golpe feitas, doze dias depois desta, pelo deputado venezuelano Jorge Rondón ao embaixador dos Estados Unidos em Caracas, Charles Shapiro, e aos dois assessores militares da representa-

ção, James Roger e Ronald McCammon.

Segundo Rondón, na noite de 11 para 12 de Abril, James Roger e Ronald McCammon estiveram no interior do Forte Tiuna, juntamente com os líderes da rebelião, escreve o *The Guardian*.

No tocante a Shapiro, Rondón afirmou que o embaixador foi visto a sair do palácio presidencial em Caracas «evidentemente satisfeito» e acompanhado por Pedro Carmona, designado pelos golpistas como presidente de transição.

A embaixada norte-ame-

ricana em Caracas e o Departamento de Washington rejeitaram «totalmente» as declarações de Rondón, confirmadas por fontes anónimas a jornais venezuelanos, afirmando que «nenhum responsável norte-americano se deslocou ao Forte Tiuna entre 11 e 13 de Abril».

O jornal britânico indica ainda que, no último ano, os Estados Unidos doaram centenas de milhões de dólares a grupos de oposição a Hugo Chávez na Venezuela e nos Estados Unidos, através do Fundo de Apoio à Democracia.



# E o povo saiu à rua...

**E** o povo saiu à rua. Ou melhor, à avenida. A da Liberdade. De nome e de prática. Pela sua defesa, pela memória de um passado sombrio em que ela não existia, pela revolução há 28 anos. E a festa fez-se com estandartes, cravos e muito vermelho, a cor das revoluções e da tal que aconteceu em 1974, já no século passado, mas que ninguém esquece.

Vermelho na roupa, nas flores, nas bandeiras. Vermelho nas palavras. Vermelho nos ideais. Vermelho nos sorrisos. E também nas reivindicações. Ali vão os trabalhadores do comércio e escritórios, a função pública, os operários da Lisnave e da Gestnave, os profissionais dos seguros, os bancários e os professores. Já passaram os trabalhadores da Carris, os ferroviários e os funcionários civis das Forças Armadas. Grita-se contra o trabalho precário e pede-se mais segurança social. «Se não tratarmos da política, a política trata de nós», lê-se num cartaz. Le Pen é contestado por um numeroso grupo de franceses, que comparam o líder gaulês de extrema-direita ao ódio, à xenofobia e ao racismo. Destes sentimentos falam também os imigrantes que desfilarão na avenida, explicando que «os vistos de permanência dão mais poder às máfias» e que «os vistos de trabalho são iguais a escravatura». «A lei actual é uma vergonha nacional», asseguram os imigrantes, muito aplaudidos por quem assistia à manifestação. Timorenses pedem liberdade e paz, mostrando orgulhosamente a bandeira do seu país. Bascos reclamam respeito pela sua identidade. Outros exigem o fim do bloqueio a Cuba e a retirada das tropas israelitas dos territórios palestinos autónomos. Há ainda delegações de vários concelhos. Vem gente da Moita, do Barreiro, do Seixal, de Almada, de Oeiras, de Sintra, da Póvoa de Santa Iria, de Odivelas, da Amadora. Há ainda as freguesias de Lisboa, um rancho folclórico, um grupo de danças africanas e um coral alentejano. E mais. Mais bandeiras, mais reivindicações, mais festa. Mais 25 de Abril. Em Lisboa, para recordar os homens e as mulheres que o fizeram há 28 anos e quem ainda hoje o aplica.



• Isabel Araújo Branco texto  
• Jorge Caria e Jorge Cabral fotos



• Manuel Duran Clemente  
Capitão de Abril

• Eduardo Gageiro  
fotos

# Pode nascer um país... (há 28 anos)

Vinte e oito anos depois do 25 Abril há quem, usando mal a liberdade que Abril lhe restituiu, esteja a fomentar o esquecimento e o branqueamento desse dia glorioso.

Estamos aqui porque exactamente à cultura do esquecimento e do branqueamento queremos opor a cultura da memória.

Impõe-nos a memória recordar Ary dos Santos para que ele nos volte a dizer:

*Capitão que não comanda  
Não pode ficar calado  
É o povo que lhe manda  
Ser capitão revoltado  
É o povo que lhe diz  
Que não ceda que não hesite  
PODE NASCER UM PAÍS  
DO VENTRE DUMA CHAIMITE*

O povo queria um país....

O povo queria a revolta...

É por isso que vos devo dizer que o verdadeiro herói do 25 de Abril é exactamente o povo, o povo português... e o povo dos territórios colonizados... e é esse «O povo que mais ordena».

Nós, os capitães, o MFA, fizemos o golpe, abatemos a estrutura dirigente do Estado Novo; o povo, a população, fez a revolução.

Foi o povo que assegurou a revolução com a esmagadora adesão ao golpe de Estado.

Lembremo-nos das organizações que imediatamente brotaram dos cidadãos e do povo trabalhador para assegurar que as empresas, as herdades, as escolas, as autarquias e as mais diversas instituições integrassem e consolidassem a Revolução.

Foi o povo (do continente e do além-mar) que foi vítima do fascismo e do colonialismo, preso, martirizado, reprimido, oprimido e violentado a todos os níveis...

Nós, capitães, aprendemos com ele e com o povo tomámos consciência... foi dele que recebemos a força moral e material para abatermos a besta fascista.

Tivemos mérito porque soubemos receber e dar; aprender o que estava em causa: os anseios mais profundos das gentes, as contradições do sistema, as vergonhas e mentiras... a hipocrisia mesquinha do «orgulhosamente sós».

Tivemos mérito porque soubemos colocar a nossa experiência para libertar o país, curiosamente a da guerra onde nos meteram, a competência com que quiseram dotar-nos para tirar ainda mais a liberdade ao povo colonizado.

**Pode nascer um país do ventre duma chaimite?!**

Nasceu um país novo. Um país após o 25 Abril.

Um país emergente dessa madrugada.

Passados 28 anos, que país temos, que país somos?

Perante as legítimas expectativas criadas há 28 anos, que balanço interessa fazer hoje à luz do que seria senso comum e justo anseio?

Ordenemos este raciocínio pelos célebres três D's, bandeira do então programa do MFA: **Descolonizar, Democratizar, Desenvolver.**

Consumada a **descolonização** como inevitável consequência do fim do regi-

me colonial e do termo da guerra colonial (forte «leit-motiv» da maioria dos militares para a derrocada do sistema) interessa hoje sobretudo gerir as formas de relacionamento positivo com os novos países emergentes, na base do respeito mútuo pelas justas e ciclópicas tarefas a todos cometidas, do que especular, tantas vezes demagogicamente, sobre como se descolonizou.

Foi a descolonização possível. Para os detractores outra teria sido (há que dizer-lhes) se tivessem Salazar e Caetano tido a coragem e a sabedoria de acompanhar os ventos da História. Ter-se-ia evitado uma guerra, milhares de vítimas dum lado e de outro, concentração de riqueza numa dúzia de senhores (que sempre ganham nos conflitos), pobreza de investimentos no desenvolvimento económico, social e cultural em Portugal e no dito Ultramar.

Como povo irmão, o povo português é e será sempre solidário com o destino dos povos de Cabo Verde, da Guiné, de Angola, de S. Tomé, de Moçambique e de Timor e tem nesse particular a esperança que a paz e o progresso se instalem, progridam e se consolidem como merecem.

**Democratizar** era um dos outros vectores essenciais da nossa Revolução.

Os portugueses puderam, em 28 anos, ver-se representados no sentido do seu voto para o poder legislativo e poder central e também para o poder local. Mais recentemente até para a representação na Europa. Puderam manifestar-se face a todas as questões entendidas de grandeza nacional e bem assim organizar-se e pronunciar-se no âmbito dos seus interesses locais, sectoriais ou profi-

fissionais. As Autarquias e os Sindicatos, entre outros, são bons exemplos dessa dinâmica e dessas conquistas.

A liberdade, essência de Abril, foi a mola fundamental da renovação da sociedade e da realização dos sonhos acalentados. Mas a liberdade só por si não é solução para os problemas. São os cidadãos munidos dessa liberdade que rasgam os caminhos do seu próprio destino. O caminho faz-se caminhando. Faz-se participando no dia-a-dia.

Uma sociedade não cresce em democracia só nos actos eleitorais.

Participar é uma obrigação. Votar é um direito.

A liberdade tem de ser usada para participarmos todos os dias nas mudanças, nas alternativas, nas diferenças; empenhados e responsáveis na construção do futuro, do nosso futuro.

Podemos hoje, no entanto, questionar-nos: será por não termos sabido ou por não nos terem deixado usar, devida e eficientemente, a liberdade que o Portugal contemporâneo não corresponde ao que então ambicionávamos?

É uma interrogação pertinente, tão pertinente como inquietante!

Sendo embora um país diferente, um país melhor que há 28 anos, muitos sonhos ficaram por realizar, muitos avanços sofreram recuos, muitas situações de injustiça e iniquidade convivem connosco ainda hoje e agora. **A liberdade já serve para ser mal usada nos actos e até para denegrir e tentar matar Abril.**

Por isso clamamos com carradas de razão: há que dar à liberdade formal mais conteúdo, reciclá-la de mais humanidade e de mais fraternidade, permitir que ela seja usada para um comportamento responsável e maduro na solidariedade e no combate às assimetrias e desigualdades que o 25 de Abril quis encurtar e acabar.



**Que país temos?**

**Desenvolvimento.** Que fizemos com a liberdade de Abril para a construção do Portugal que queríamos mais próspero e justo?

Faz todo o sentido, por isso, reflectir que país temos hoje ou deixámos que se erguesse, acanhado e envergonhado, vergado pelas vicissitudes da constante influência já não só dos poderes «económicos caseiros» mas dos «lobbies» financeiros apátridas que mandam e comandam. «Pior que antes da madrugada libertadora continua o poder económico e financeiro a condicionar o poder político», é frase de muitos investigadores e tememos que seja uma cruel realidade, mas não queremos que ela seja uma fatalidade.

Podemos e devemos, unidos, inverter esse trágico sentido e sentimento.

Esperava-se um projecto nacional de grande unidade interna, aglutinador e estimulante.

**A revolução todos os dias.** Esperava-se face à Europa dignidade e realismo, menos subserviência e mais soberania.

**Um 25 de Abril sempre.**

Ao fim de dezasseis anos de integrados na Europa Comunitária, somos o país mais gastador, temos os impostos mais altos (em particular os que recaem sobre as pessoas individualmente), a sociedade mais subsidiada, a competitividade mais baixa, o maior défice da balança comercial, o menor crescimento do PIB, a mais baixa taxa de escolaridade e a pior taxa de cobertura na saúde...

Temos de contrariar o sentido fatalista da má governação, exigir «uma governação de serviço e não de carreirismo».

Desde o operário ao licenciado, o português é bom profissional em todo o lado. Somos dos melhores pelo mundo fora: América, Canadá, Venezuela, Bra-

sil, França, Holanda, África e Oriente...

Que nos fazem os sucessivos governos que contrariam esta riqueza? Teimam em tomar-nos apenas vítimas do baixo preço da mão-de-obra. Transformando as riquezas dos outros para uma mais-valia que retorna aos outros ainda mais rica... e aqui pouco deixa. Produzir mais ou produzir melhor?! Onde está a inovação e a criatividade sobre as nossas riquezas endógenas? Onde estão as escolas e os institutos que preparem os portugueses para os novos desafios técnicos e científicos de investigação e desenvolvimento modernos e sustentados?? Onde está um ensino hodierno que à luz de Abril liberte o português do velho papel de servente dum certo tipo de exploração capitalista caduca e provinciana?...

O 25 de Abril merece mais, muito mais. Outra qualidade de investidores, outra tecnologia mais avançada e evoluída. Um ensino diferente, logo, mais qualificado e actual.

**Em conclusão...**

Há 28 anos quisemos um país novo «nascido do ventre de uma chaimite».

O programa dos capitães deu o mote: descolonizar, democratizar e desenvolver. Tivemos muitos avanços, grandes recuos.

A participação dos cidadãos ficou aquém da merecida. Ficou pelos actos formais.

Afastaram-nos ou afastamo-nos.

Onde estão os graus de exigência e de responsabilidade que Abril nos impôs?

Perdeu-se um certo império porque todos os impérios são efémeros não perdemos a grandeza imperial de sermos gente digna e com esperança noutros amanhã e noutras alvoradas...



... os maus momentos, as crises, reforçam a dimensão ética do valor do ser humano.

As novas gerações rejeitam sem equívoco certos modelos, certos padrões e certas propostas que os poderes instituídos lhes impingem.

As ideologias, os ideais não podem estar mortos... não estão mortos.

Estarão em transformação descobrindo o melhor a essência humana com as suas contradições, defeitos, virtualidades e diferenças para que possamos ser mais felizes porque mais solidários e participantes na construção de um Portugal melhor (o Portugal de Abril) com menos assimetrias e mais optimismo.

É e será sempre esse o país que o 25 de Abril quis.

Um país soberano de pessoas com cidadania, sem explorados e sem exploradores, onde a corrente de montante a jusante levasse energia e o Sol a todos a luz e a vida.

**O nosso 25 de Abril**

É nesse sentimento que homenageamos e recordamos o nosso 25 de Abril... continua por cumprir, vai-se fazendo em cada dia.

Há muitos 25 de Abril por fazer: O 25 de Abril dos sem emprego/do combate à desigualdade.

O 25 de Abril dos idosos e das reformas justas/do combate à arrogância.

O 25 de Abril das crianças/do combate à incompetência.

O 25 de Abril dos excluídos e dos drogados/do combate à toxicodpendência.

O 25 de Abril dos «sem abrigo», dos analfabetos, dos deficientes...

O 25 de Abril do direito à indignação sem receios e condicionantes.

O 25 de Abril do combate ao desânimo... porque o caminho se faz caminhando: pugnando.

Nesse caminhar há vitórias, há derrotas... sendo que a grande vitória é lutar... e é lutar pelo que acreditamos...

... dar mais vida à memória de Abril.

... fortalecer a Liberdade pela qual lutámos e pugnámos.

... não à liberdade para falsear a História, branquear a ditadura, promover contra a cultura da memória a cultura do esquecimento, renascer fantasmas.

... não à liberdade que quer substituir a ideia de mudança, de revolução pela ideia de mercado.

... não à liberdade que dá força à competição feroz e ao «jogo do empurra» e enfraquece a solidariedade na rua, na escola, na família, no emprego, na comunicação, na política...

Queremos a Liberdade exigindo o impossível e sendo ousados em fazer o possível!!!

Ousados como combatentes da Liberdade com o tamanho do planeta... do planeta que orbita na nossa esperança... da nossa esperança que, tem a dimensão do universo... do universo que as portas de Abril abriram, ao som de

**Grândola Vila Morena  
Terra da fraternidade  
O povo é quem mais ordena  
Dentro de ti, ó cidade...**

**25 de Abril sempre!!!**



• João  
Arsénio  
Nunes

# Renovar

**A** situação actual do Partido, de dificuldades no plano da afirmação eleitoral, da implantação e organização, e de crise de ideias e orientação que atravessa alguns sectores, dividindo camaradas e chegando a pôr em causa o funcionamento regular de organismos, requer de todos nós um esforço de clarificação dos problemas, de maneira a ultrapassar mal-entendidos e contribuir para a resposta necessária a uma situação histórica difícil. Valerá a pena, neste sentido, começar por uma breve observação histórica dos tempos recentes.

Os acontecimentos mundiais que, há cerca de uma dúzia de anos, viram em sucessão o fim do bloco socialista do Leste europeu, o fim da União Soviética, o fim do maior Partido Comunista da Europa ocidental (o PC Italiano), e o declínio da influência eleitoral e social de todos os partidos comunistas europeus, vieram na sequência das derrotas do movimento operário internacional registadas desde o final da década de 70 e do recuo de influência do socialismo no mundo ao longo da década de 80. Tal recuo tem uma multiplicidade de causas, mas na sua raiz pode pôr-se em relação com o termo do ciclo económico expansivo que durava desde a II Guerra Mundial e com a resposta capitalista à crise, através das políticas de liberalismo económico exacerbado e da ofensiva política, militar e ideológica anti-socialista. Ofensiva que pôs em causa as conquistas sindicais e os direitos dos trabalhadores, o consenso democrático antifascista e todo o tipo de instituições e ideias de influência socialista, ao mesmo tempo que pressionava o bloco dos países socialistas a uma concorrência no plano militar – lembremos a «guerra das estrelas» – que

estes não estavam em condições de vencer. O resultado disto foi, como é sabido, primeiro, na URSS, a tentativa da «perestroika», que suscitou muitas esperanças mas a que desde início faltou uma apreciação realista da correlação de forças mundial existente, e depois o desconjuntamento do bloco socialista e da própria URSS.

Em Portugal, estes anos coincidem com a inviabilização da retoma do caminho da revolução de Abril, na sequência da derrota do candidato da esquerda, Salgado Zenha, nas eleições presidenciais de 1986, e depois com a revanche e consolidação capitalista, num quadro de integração europeia e prosperidade económica. Estes anos não foram simplesmente os do «cavaquismo». De facto, nas cúpulas do poder estiveram Cavaco Silva e Mário Soares, e as leis que mais caracteristicamente marcaram a evolução destes anos, a começar pelas revisões constitucionais contra-revolucionárias, foram da responsabilidade conjunta do PSD e do PS, dando continuidade a um colaboracionismo que vinha de longe.

## Evolução importante

Nos anos 90, o PCP conheceu também uma evolução importante, dentro de um quadro global marcado pela liquidação de uma grande parte das transformações económico-sociais da revolução de Abril, pela diminuição do proletariado fabril e agrícola, por uma mudança de estruturas económicas que pôs em causa baluartes históricos da sua implantação e pela alteração radical do contexto internacional. A nível de direcção, operou-se a substituição do secretário-geral do Partido. Já anteriormente, em 1988,

fora adoptado o novo programa da «democracia avançada no limiar do século XXI».

Sem nunca pôr em causa a distinção entre os «partidos democráticos» (incluindo o PS) e o campo da reacção de direita, o certo é que a lógica da concorrência eleitoral – sobretudo desde a conquista do governo pelo PS em 1995 – nos obrigava a pôr em primeiro plano a crítica do PS, tanto mais quanto, aos anos do soarismo, sucedia nesse partido uma ulterior evolução que ainda mais o afastava de qualquer inspiração socialista e chocava até muitos dos seus apoiantes. O PCP reivindicou-se naturalmente, neste contexto, como o verdadeiro intérprete da alternativa de esquerda.

Mesmo que, num balanço histórico, os resultados obtidos não possam considerar-se satisfatórios, os anos 90 não foram tempo perdido. Em 1990, no XIII Congresso, iniciou-se com frontalidade um exame crítico da experiência histórica dos países socialistas, que ao mesmo tempo marcou um reforço do nosso compromisso com os valores da democracia política. Reforçou-se sensivelmente a atracção de jovens ao Partido e à JCP, ao mesmo tempo que a promoção de jovens aos níveis mais altos de responsabilidade partidária. Intensificou-se o ambiente de debate no seio das organizações, e surgiram novas publicações. Nomeadamente, com o «novo impulso», abriram-se novas possibilidades para a iniciativa dos militantes e assunção de responsabilidades no colectivo partidário. Apesar do aparecimento na cena político-partidária de novas organizações com influência entre a juventude, nomeadamente o Bloco de Esquerda, muitos milhares de jovens souberam reconhecer o PCP como «o» partido de esquerda e fizeram dele o seu partido.

## ABC do marxismo

É estranho que este trabalho e estas aquisições não se vejam reconhecidos e «recompensados» nas urnas, pelo voto do eleitorado? Tal seria desconhecer o que são as condições sociais de formação das opiniões e dos próprios desejos dos eleitores: desconhecer, em suma, não só o ABC do marxismo mas até as noções elementares de qualquer sociologia política. Toda a história política e do pensamento político, desde o século XVIII pelo menos – e com relevo especial, naturalmente, a obra de Karl Marx e a sua crítica da ilusão democrática – nos mostram a distorção que necessariamente resulta da formulação como «escolha» individual de interesses que só podem ser organizados colectivamente. Se a própria formação da «consciência de classe» daqueles que estão em situação objectiva semelhante é um processo tão complexo e de realização sempre difícil e contingente, sobre o qual correram rios de tinta de historiadores e sociólogos, muito mais o é, necessariamente, a formação duma escolha política, quando cada um é impelido a viver o quotidiano muito mais como concorrência do que como solidariedade, já para não falar da manipulação crescente por parte de um aparelho de comunicação invasor e centralizado em poucas mãos.

Perdoe-se esta ligeira digressão teórica. O que se quis dizer é que a difícil situação em que, como Partido, nos encontramos, sendo atribuível tanto a factores de natureza objectiva que nos escapam, como a outros factores que podem ser influenciados pelas nossas opções e decisões, em todo o caso não pode ser vista como dependendo apenas ou fundamentalmente da «atractividade» eleitoral. Sabemos como, por

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS  
Um projecto de democracia e socialismo  
para o século XXI  
8.9.10 DEZEMBRO 2000 LISBOA



exemplo, no tempo dos nossos avós, Hitler conseguiu seduzir uma grande parte do povo alemão, em condições de uma crise social profunda, e, alcançando o poder, obter mesmo o apoio da maioria para o seu designio criminoso, inclusivamente para a liquidação física dos comunistas que, mais do que ninguém, tudo deram pela defesa dos verdadeiros interesses desse povo. Sucedeu então que a profunda desorganização das existências causada pela crise económica se juntou aos efeitos da divisão do movimento operário e da divisão dos partidos democráticos para abrir caminho a quem oferecia a opressão racial e a exploração de outros povos como a realização do interesse do povo alemão. E a maioria votou, democraticamente, no «seu interesse»...

## Crerios

O sucesso eleitoral, no quadro de uma democracia de que nos orgulhamos de também ser fundadores e que nos propomos defender e alargar, é objectivo da máxima importância. Ele não pode ser porém o critério, o ponto de partida do raciocínio político e o termo único de aferição da respectiva eficácia. Objectivo central do Partido Comunista, como nos ensinaram Lenin, Gramsci, ou Dimitrov, entre muitos, é intervir para mudar a relação de forças política entre as classes. Nada compreenderemos da situação que vivemos, em Portugal e no mundo, se não tivermos presente que ela é, primeiro que tudo, fruto de uma conjuntura de viragem na estrutura mundial do capitalismo e, dentro desta, muito em especial de ofensiva do imperialismo americano, que se cruza no caso português com uma «crise do Estado».

Nesta perspectiva, se não devemos desvalorizar (nem podemos desperdiçar) tudo aquilo em que melhorámos na última década (mais questionamento e abertura no tratamento dos assuntos, nomeadamente ideológicos, mais flexibilidade de organização e iniciativa), tão-pouco devemos sobrevalorizar as mudanças ou pretender que todo o insucesso se deve a estas terem sido «interrompidas». A verdade é que, para um debate ser fecundo, ele tem de confrontar ideias, e estas pressupõem conhecimento e estudo. O estudo, porém, como preparação política – que, mesmo em termos estatutários, incumbe às organizações promover e aos militantes assumir – raramente terá andado tão por baixo na história do nosso Partido. O homem velho marxismo-leninismo (o tal das fórmulas resumidas e da leitura obrigatória dos clássicos) era, apesar de todos os riscos de dogmatização, um instrumento de pensamento, que centenas de quadros partidários utilizaram (muitas vezes apenas sabendo ler e escrever e através de todas as dificuldades – até usando o papel dos sacos de cimento do Tarrafal).

Mais globalmente, é preciso ver claro que o que temos pela frente não são «tempos normais» e que para eles também não serve sermos simplesmente «normais», no sentido de uma adequação passiva às formas de organização partidária correntes e às evidências do dia – em suma, à ideologia dominante. Defender a democracia política em Portugal não é o mesmo que homologarmos-nos às regras formais de organização do Estado (chegando ao ponto de as colocar como critérios supremos para a própria organização do Partido!). Também não é pensar que é por se tornar o Partido e a CDU eleitoralmente «atractivos» –

eventualmente através de alguma «promoção» a preço razoável de artigo ideológico em moda – que eles ficarão reforçados nas instituições.

## Que fazer

A defesa e reforço das instituições democráticas – objectivo inarredável – tem ela própria, primeiro que tudo, condições sociais. Foram condições sociais, foi a organização política das lutas de classes e das alianças de classes que, com o 25 de Abril, as fez nascer. É a renovação de lutas e alianças que lhes permitirá viver. Sejam quais forem as relações de convergência e/ou oposição que nos próximos tempos venham a existir entre os partidos de esquerda – em primeiro

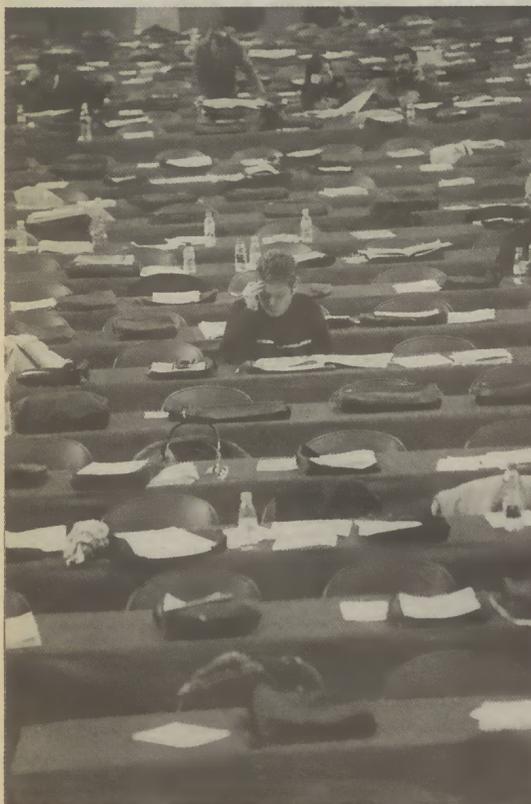
lugar entre o PCP e o PS – o essencial residirá sempre na capacidade de suscitar iniciativas que consolidem, na experiência de vida das massas, a confiança em que a luta é necessária e compensa, e que suscitam aproximação e convergência entre grupos e sectores com situações e mentalidades muito diferentes e que muitas vezes se vêm espontaneamente como opostos. Ora isto implica conhecimento e estudo, económico, histórico, sociológico, antropológico, até filosófico.

Nada disto é possível, porém, sem um Partido unido e organizado.

Os inimigos esfregam as mãos de contentes com a divisão que hoje existe nalgumas organizações do Partido. No *Público* de 14 de Abril, António Barreto, com descaramento e uma certa dose de precipitação, abria já sofregamente as goelas, discutindo o melhor aproveitamento a dar aos comunistas (que, no parecer dele, individualmente não devem ser desprezados), uma vez conseguida a sua dispersão.

Um outro comentador, Marcelo Rebelo de Sousa, na *TVI*, ensaiava, muito no seu estilo, legitimar a acção divisionista actualmente em curso, pondo-a em paralelo com a «reorganização de 1940-41» do nosso Partido (a qual, como se sabe, pelos quadros que, a encabeçaram e o tipo de ideologia e organização que adoptou, foi quase um segundo nascimento do Partido que hoje existe). É claro que o exercício não revela ignorância, mas sim completa desfaçatez em instrumentalizar o desconhecimento histórico dos ouvintes para equiparar acontecimentos que, pela dimensão, contexto e procedimento dos protagonistas, nada têm de comum. O curioso é um dos actuais protagonistas da divisão, no *Público*, vir responder que a acção «renovadora» em curso tem justamente o objectivo de acabar com as características de Partido que a reorganização de 1940-41 permitiu introduzir na vida. Quer dizer, de uma «renovação» que, ainda há pouco, não punha em causa nem o marxismo nem o leninismo (era mesmo só o hífen...), declara-se agora que visa terminar com a organização do Partido existente – portanto com o Partido, para quem sabe o *Que Fazer*.

Júpiter dementa os que quer perder.



• Miguel Urbano Rodrigues

# Fidel desmascara Fox num espectáculo inédito

O espectáculo, pelo conteúdo, fez-me recordar cenas de Molière e Shakespeare.

Tema central: a hipocrisia e a covardia em política. Actor principal: o presidente Vicente Fox, do México, que saiu emporcaldado da cena quando caiu o pano. Vilão da peça: Jorge Castañeda, ministro das Relações Exteriores, que actuou nos bastidores, invisível.

Uma inovação cénica: milhões de telespectadores puderam, talvez pela primeira vez, acompanhar ao vivo uma conversa privada do mais alto interesse entre dois chefes de Estado: a que Fidel e Fox mantiveram no dia 19 de Março pp a respeito da participação do líder cubano na Conferência de Monterrey.

Sobre factos e situações polémicos ligados à participação cubana na Conferência de Monterrey eram conhecidas duas versões: a cubana e a mexicana. Mas para a opinião internacional subsistiam muitas zonas escuras. Fidel decidiu iluminá-las.

Fox pediu-lhe que a conversa entre ambos fosse considerada privada. O dirigente cubano, face às circunstâncias, achou porém indispensável gravá-la. Terá pressentido que não poderia confiar na palavra do presidente do México.

Fidel, para avivar a memória dos que só superficialmente conhecem o *dossier* das relações entre os dois países, recordou no início um compromisso fundamental que Fox e o ministro Castañeda assumiram durante a visita a Cuba. Foram então dadas garantias solenes de que o México não votaria contra a Ilha na sessão da Comissão dos Direitos do Homem, em Genebra. Essa garantia foi posteriormente reafirmada.

Como é do domínio público, o governo mexicano não honrou a palavra empenhada. Cedeu a pressões de Washington e desceu tão baixo que co-patrocinou o projecto de resolução anticubano apresentado pelo Uruguai.

## A voz de Fox

Consciente da repercussão mundial que as suas revelações iriam alcançar, Fidel leu um texto escrito. Mas não se limitou a reproduzir frase por frase a sua conversa com Fox, comentando-as. Antecipando-se a eventuais dúvidas sobre a autenticidade do que afirmava, o gravador foi depois ligado para que as palavras proferidas soassem bem nítidas no grande anfiteatro.

Inicialmente havia expressões de espanto na assistência. Depois o espanto cedeu lugar a gestos de repulsa. Fox estava a ser condenado pela consciência daquele tribunal de jornalistas e convidados.

Por que quis Fox falar com Fidel - cabe perguntar - nas vésperas da Conferência da ONU em Monterrey?

Porque entrou em pânico com as exigências de Bush. Este ameaçou-o de cancelar a ida à Conferência se Fidel estivesse presente.

A primeira surpresa para os ouvintes foi a recusa de Fidel, de começo a final do diálogo, de se amoldar a um tratamento que pudesse sugerir intimidade pessoal. O mexicano apresentou-se como «um amigo» que pedia ao interlocutor um «favor». Ao «tu» de Fox respondeu com um «senhor presidente». Não entrou no jogo que lhe propunham.

Fidel contou a estória desde o início, leu cartas, iluminou-lhe todos os meandros.

No dia 22 de Abril, Fidel Castro montou em Havana um dos espectáculos políticos mais fascinantes da sua vida. Numa reunião convocada com poucas horas de antecedência, foram ditas e ouvidas coisas que dariam um grande argumento para um filme histórico de *suspense* no género dos de Oliver Stone. Com a importante diferença de que a ficção esteve ausente. A declaração política de Fidel trouxe a história real para o Palácio das Convenções onde, ao lado dos jornalistas, estavam presentes membros do Governo e da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista de Cuba.

Para preservar a tradição secular da amizade entre os povos de Cuba e do México, concordou apenas em atender ao apelo de Fox para reduzir ao mínimo a sua presença em Monterrey. Mas não fez a mais leve concessão nas questões de fundo. Quando Fox lhe pediu também, como «favor», que não agredisse os EUA e Bush, deu-lhe uma lição de ética, lembrando-lhe que intervinha com dignidade na política há 43 anos, como velho revolucionário. E colocou-se também acima de assuntos de pequena política que o mexicano temia ver levantadas no plenário. Esse, esclareceu, não era o seu estilo. Mas diria o que entendesse sobre o «consenso» de Monterrey ao dirigir-se ao plenário em nome do povo de Cuba.

Fox, matreiro como uma raposa, esforçou-se por envolver o interlocutor com supostas demonstrações de apreço. Disse e repetiu que Fidel ficaria a seu lado no almoço, falou da ementa, ofereceu um alojamento especial, informou que iria ao aeroporto esperar «o amigo» (o que não fez).

Fidel, como foi amplamente noticiado, criou uma atmosfera de *suspense* ao esclarecer em Monterrey no final da sua intervenção no plenário que regressava a Cuba dentro de horas por motivo relacionado com a sua presença no México. Mais não disse. Mas não se apressou. Manteve contactos com o secretário-geral da ONU - que o convidara - e o presidente da Colômbia. Não compareceu ao almoço oficial. Preferiu comer no seu modesto hotel com o venezuelano Hugo Chavez, um amigo querido.

Bush, barafustando, aguardou durante horas em El Paso, na fronteira, que Fidel deixasse o país. Cansado de esperar, meteu-se a caminho. A sua gigantesca caravana quase se cruzou com os carros do dirigente cubano quando este seguiu para o aeroporto às 17 horas.

Fox e Castañeda cometeram o erro de desmentir repetidamente a existência das pressões recebidas de Bush.

Foi essa uma primeira quebra de ética. Ricardo Alarcon viu-se obrigado, ainda em Monterrey - ao ser informado de que não teria acesso a uma reunião promovida à margem do programa oficial - a colocar os pontos nos ii, mas sem revelar a conversa telefónica de Fox com Fidel.

Castañeda, nas semanas seguintes, continuou mentindo com despudor e pouca inteligência.

## A gota de água

Uma gota de água, finalmente, fez transbordar a taça.

Tripartidando sobre o compromisso assumido, o governo mexicano decidiu co-patrocinar em Genebra o projecto uruguayo anticubano, redigido e imposto pelo EUA.

Era indispensável pôr tudo em pratos limpos. Quando Fidel terminou a leitura da sua declaração, informou que, face à delicadeza das questões tratadas que envolviam as relações com o México, não responderia a perguntas.

Alguns jornalistas comentavam à saída que nunca antes, em 180 anos de história da República, um presidente mexicano foi desmascarado com provas que o fazem aparecer perante o seu povo e a comunidade das nações como um homem sem carácter e instrumento servil do governo Bush. Mas, cavalheiresco,



durante a sua exposição, Fidel, que falou de Castañeda com desprezo, não pronunciou uma só palavra ofensiva para Vicente Fox.

O impacto das revelações do dirigente cubano foi imediato e enorme. Reagindo ao que se passara em Havana, a presidência da República do México divulgou, duas horas depois, através de um porta-voz, uma nota com oito pontos que foi recebida naquele país com uma chuva de críticas pelos partidos da oposição, pelos sindicatos e, de modo geral, pela *intelligentsia*.

Fidel, no dia seguinte, voltou à televisão.

Chamou a atenção para o óbvio, ao longo de uma intervenção em que, bem disposto, saiu com frequência do tema, conversando com o seu povo.

Ficou transparente:

1. Que Bush exerceu sobre Fox pressões a que este se submeteu não obstante elas ferirem a soberania do Estado mexicano.

2. Que Fox e Castañeda mentiram repetidamente ao negarem a existência das pressões anticubanas relacionadas com a presença de Fidel em Monterrey.

3. Que violando a palavra empenhada, o governo do México se submeteu à exigência norte-americana de votar contra Cuba na Comissão dos Direitos do Homem da ONU, em Genebra.

Uma nota final: o governo Fox informou na sua nota de resposta à declaração de Fidel que não romperá relações diplomáticas com Cuba.

O motivo alegado - as relações fraternas entre os dois povos - esconde a verdade. Fox não avançou para a ruptura por temor ao terramoto político que tal gesto provocaria.

A administração Bush mostrou o rosto, sem disfarces, na última sessão da Comissão dos Direitos do Homem. Nunca antes no velho palácio das Nações Unidas em Genebra se assistira a espectáculo comparável. Para obter a aprovação tangencial - 22 contra 20 e 10 abstenções - do projecto de resolução anticubano da República Checa, os EUA recorreram a pressões e manobras de chantagem incompatíveis com a imagem de um Estado civilizado.

Durante a noite que precedeu a votação, o secretário de Estado, Colin Powell, falou pelo telefone meia dúzia de vezes com governantes da América Latina e da África num último esforço para os persuadir a apoiar o projecto imposto pelos EUA. George

# Bush sem máscara em Genebra

Bush e o vice-presidente Cheney mantiveram conversações telefónicas com alguns presidentes africanos. Objectivo: conseguir o apoio desses países para o texto encomendado à delegação checa.

Apesar dessas manobras, o Departamento de Estado chegou à conclusão na manhã do dia 18 de que o quadro era desfavorável. Numa avaliação das intenções expressas, Washington previu que 24 países votariam contra o texto anticubano e apenas 19 o apoiariam. A delegação norte-americana tentou então, para ganhar tempo, que a votação fosse adiada. Não o conseguindo, as pressões prosseguiram dentro do anfiteatro. Imagens transmitidas por cadeias de televisão permitiram acompanhar a movimentação de membros da delegação norte-americana (a mais numerosa de sempre) cochichando ao ouvido de representantes africanos cujo voto pretendiam alterar a todo o custo. Pelos telefones celulares diferentes governos eram consultados para tomar conhecimento de novas propostas e manobras de chantagem. Dinheiro, programas de combate à Sida, subsídios à agricultura, oferta de armas - toda uma chuva de ouro era prometida a troco de um voto infame contra Cuba. Não faltaram também ameaças de corte de ajuda, vindas do FMI e do Banco Mundial.

Nos EUA sabia-se que as coisas estavam quase definidas no tocante à América Latina. A abstenção do Brasil e do México eram irreversíveis. As abstenções da Colômbia, do Peru e do Equador também não podiam ser removidas. Washington tinha garantidos os votos de três governos totalmente domesticados, os da Argentina, da Costa Rica e do Uru-



guai. A Guatemala cedeu no último momento às ameaças de Washington, violando compromisso assumido com Havana. Na Ásia tudo era também definitivo. A agressão de Israel pesava no voto unânime dos muçulmanos: a Síria, o Paquistão, a Arábia Saudita, o Qatar, a Malásia e a Indonésia votariam contra a condenação de Cuba. Obviamente, a China, o Vietname e a Rússia opunham-se à manobra norte-americana. A Venezuela defendeu com firmeza no debate a causa cubana.

## Apoio à farsa

Os votos africanos seriam decisivos. Opunham-se ao texto anticubano oito países: Argélia, Burundi, Libéria, Líbia, Nigéria, África do Sul, Suazilândia e Zâmbia. A chantagem de Washington foi exercida sobre um grupo de sete países cujos governos deixavam transparecer hesitações: Madagascar, Senegal, Camarões, Quênia, Maurícias, Níger e RD do Congo. O apoio de Madagascar e dos Camarões à iniciativa dos EUA foi determinante para inverter o resultado. Horas antes votariam contra o projecto. Terá custado uma fortuna ao contribuinte norte-americano essa ruptura da palavra empenhada. A delegação dos EUA não conseguiu alterar para a abstenção o voto do Burundi favorável a Cuba, mas evitou que o Níger e o Quênia votassem contra a condenação da Ilha, como haviam declarado repetidamente. Cedendo à pressão, abstiveram-se. Indecorosa foi a ausência da RD do Congo, cuja delegação não compareceu na sala retirada por funcionários norte-americanos...

O Japão e a Coreia do Sul alinharam com os EUA. Na Europa, tanto os países vassallos do Leste (R. Checa, Polónia, Roménia e Letónia) como os aliados tradicionais votaram contra Cuba. Mas quase aconteceu uma enorme surpresa. Na véspera, a delegação francesa informou que se absteria se não fosse retirado do texto um parágrafo que recomendava ajuda financeira a elementos que em Cuba se batam contra o regime. Na prática tratava-se de um ostensivo estímulo ao terrorismo. A França não podia aceitar tal apelo. Nos corredores de Genebra constou que Portugal alinhava com a posição francesa.

A notícia provocou alarme em Washington. Obviamente, o parágrafo contestado foi eliminado.

Cuba viveu minuto a minuto, com emoção, o andamento do debate. No Ministério das Relações Exteriores, Felipe Perez Roque, rodeado pelos funcionários da casa, transmitia aos companheiros e ao povo da Ilha as notícias que do plenário de Genebra lhe transmitiam pelo telefone os membros da delegação cubana.

O imprevisto na pátria de Martí faz parte do quotidiano. O povo está sempre preparado para resistir. Quando o resultado da votação foi anunciado, Perez Roque e o pessoal do Ministério entoaram o hino dos patriotas de Bayamo que na guerra da Independência lutaram contra o império espanhol. Em muitos rostos havia lágrimas. Mas todos cantavam como vencedores. O povo cubano não se sente derrotado pela engrenagem imperial que montou a farsa de Genebra. Reagiu como se tivesse acabado de sair triunfante de mais uma batalha. E, de certa maneira, isso aconteceu.

• Carlos Nabais  
texto

• Jorge Cabral  
fotos

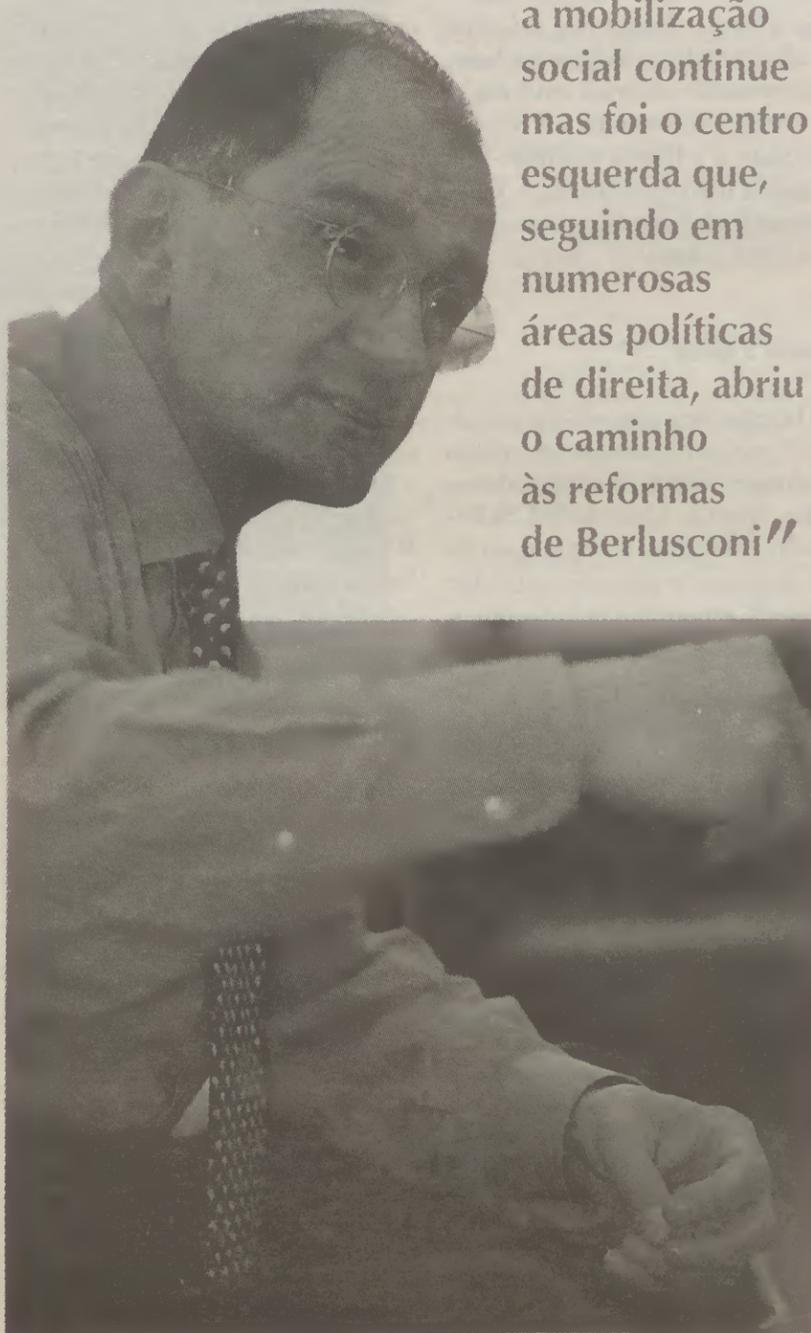
Entrevista com

# Giuseppe Di Lello

## «Os jovens italianos vêm o futuro pior que os seus pais»

O seu passado de magistrado colocou-o face a face com o crime organizado e as suas perigosas ligações ao poder político. Pioneiro das investigações que vieram mais tarde a provocar um terramoto político em Itália, Giuseppe Di Lello falou ao «Avante!» sobre a complexa realidade do seu país e do mundo actual, onde poder, crime e corrupção se misturam perigosamente minando os fundamentos da própria democracia.

“Espero que a mobilização social continue mas foi o centro esquerda que, seguindo em numerosas áreas políticas de direita, abriu o caminho às reformas de Berlusconi”



«Avante!» - Que consequências tiveram as investigações contra a mafia nos anos 80, precursoras do processo «Mãos Limpas»?

- Giuseppe Di Lello - Estabelecemos conexões entre as organizações mafiosas e o narcotráfico, com venda e compra de armas e com extorsão. Concluímos que praticamente todo o comércio das grandes cidades da Sicília tinha de pagar à mafia, que controla igualmente quase todas as empresas de construção civil, de muitas das quais era directamente proprietária. As restantes tinham que se submeter às suas exigências porque era a mafia que decidia e distribuía as empreitadas. Tudo isto ficou provado. Provámos ainda as ligações entre a mafia e o poder político, especialmente na Sicília.

- Só com o poder regional?

- Não só, foram implicados também deputados nacionais como, por exemplo, o deputado Lima, que acabou por ser morto pela mafia e que era o representante de Andreotti na Sicília, dois banqueiros

Tanto mais que muitos dos delitos de corrupção não estavam até aí contemplados no código penal.

- Tratou-se então de uma revolta dos magistrados?...

- Foi uma tomada de consciência. Não podiam continuar a pactuar com aquela realidade. Recorde-se que este período coincidiu com uma mudança geracional na magistratura. Os juízes, mais jovens, obtiveram poderes alargados e o Conselho Superior de Magistratura passou a ser constituído pelo método proporcional, o que permitiu que muitos elementos progressistas ocupassem postos importantes.

- E desencadearam um verdadeiro terramoto político?

- Sim. O processo «Mãos Limpas» acusou centenas de políticos, desde o primeiro-ministro Craxi até grande parte dos deputados, socialistas e democratas-cristãos, republicanos e sociais-democratas. Toda a classe política do poder foi envolvida.

- O que levou à extinção desses partidos?

- Esses partidos desaparecem eleitoralmente e acabaram por mudar de nome. No seu lugar apareceu Berlusconi.

- Mas a esquerda também passou pelo poder...

- Sim, mas mais tarde. Em 1994, depois da derrocada dos partidos do poder, quem ganhou foi a coligação de centro-direita, com Berlusconi. Um ano depois, a Liga do Norte retira-se do governo e este passa para as mãos do centro-esquerda. Em 1996, na sequência de eleições gerais, Romano Prodi é conduzido ao cargo de primeiro-ministro, com o apoio de uma coligação que integra a Refundação Comunista. Porém, passados dois anos, acentuam-se as divergências, em especial porque Prodi não aceita que as exigências da Refundação Comunista que pretende minorar as consequências para os trabalhadores da adesão da Itália ao euro. O seu líder, Bertinotti, retira-se do governo e a maioria cai.

Segue-se então o governo de D'Alema de centro-esquerda. Um ano depois, nas eleições regionais, o centro-direita ganha praticamente em todo o lado. Esta tendência confirma-se nas últimas eleições nacionais com a vitória da coligação formada pela Liga do Norte e Força Itália, que trouxe novamente ao poder Silvio Berlusconi.

Sem a preciosa ajuda de D'Alema e de outros que insistiram na alteração da lei eleitoral, substituindo o sistema proporcional pelo maioritário, tal não teria acontecido. A esquerda perdeu as eleições vítima desta alteração. E a direita, com uma vantagem de apenas 1,5 por cento dos votos, conseguiu uma vantagem de 100 deputados no parlamento. Foi uma grande tolice. Um verdadeiro suicídio político.

- Como é que Berlusconi, que foi um dos implicados no caso «Mãos Limpas», ganhou duas vezes as eleições?

- Berlusconi é proprietário de três cadeias de televisão e, neste momento, controla também as três cadeias nacionais do Estado. Tem um jornal, uma grande editora, seguradoras, tem tudo, é o homem mais rico de Itália. É verdade que, para além dos processos que já prescreveram, ainda decorrem outras acções contra ele, nomeadamente em Milão, por corrupção de juízes. E é por isso que, agora, como primeiro-ministro, tenta a todo o custo alterar as leis em seu benefício.

- Quais, por exemplo?

- Entre outras, a lei do Conselho Superior de Magistratura, do sistema das derogatórias (pedido de provas a países terceiros), e das atenuantes. Nesta última matéria pretende criar uma lei que declara obrigatória a aplicação de atenuantes a quem tenha mais de 65 anos, e esteja

muito conhecidos, para além de vários deputados regionais. E nesta altura ainda não havia os «arrepentidos» que vieram mais tarde a dar um contributo fundamental às investigações.

- Foi o início do grande escândalo político em Itália?

- O que conseguimos provar eram coisa sobejamente conhecidas desde há muito tempo. A novidade era que, pela primeira vez, estavam a ser instruídos processos judiciais. Este sinal de que a justiça começava a ser uma coisa séria criou condições para que aparecessem os primeiros «arrepentidos» - os elementos das redes mafiosas perceberam que, se falassem com os juízes, isso seria tido em conta. Tratou-se de um fenómeno moral. Como criminosos que nunca deixaram de o ser, pela primeira vez, entre a vida e a organização, escolheram a vida.

- Isso foi fundamental para as investigações?

- Sim. Mas tratou-se sobretudo de uma mudança de mentalidade. Antes, os mafiosos, quando eram presos, não falavam mesmo sabendo que, falando ou não, iriam ser assassinados pela sua organização. O seu surgimento altera radicalmente a situação. A sua opção pela vida é um fenómeno cultural muito importante, e os seus depoimentos ajudaram muitíssimo a desmascarar a mafia.

- Mas a mafia não foi destruída

- Não foi vencida. Nesses anos a mafia reagiu fazendo centenas de mortos. Só entre 1982 e 1983, foram assassinadas na Sicília mais de 500 pessoas, grande parte polícias, juízes e políticos, entre estes o responsável siciliano do Partido Comunista. Todos os que se manifestavam contra a mafia tornavam-se seus alvos e desapareciam.

- E hoje, alguma coisa mudou?

- A mafia está tão forte como antes, mas percebeu que não precisa de tantos mortos. Continua a exercer uma pressão muito forte sobre a cidade através da extorsão e do narcotráfico mas não mata. Assim não chama as atenções.

- Apesar da sua importância, os processos de Palermo quase que passaram despercebidos. Porquê?

- Nesses anos a mafia foi ajudada pelo terrorismo das Brigadas Vermelhas que atraíram toda a atenção do país.

- Como surge, uma década depois, o processo que ficou conhecido como «Mãos Limpas»?

- O processo «Mãos Limpas» começa num período de grande desprestígio para a política. Os políticos tinham-se tornado predadores - roubam, e fazem-no à luz do dia. Isto provocou revolta na população, os socialistas e os democratas-cristãos começam a perder votos, e um grupo de magistrados sente-se legitimado para se insurgir.

envolvido em processos que, por efeito da aplicação de atenuantes, prescrevam. É uma lei feita à sua medida.

Uma outra lei alterada por Berlusconi é sobre declarações falsas nas contas das empresas. Antes eram punidas com penas até seis anos de prisão e o prazo de prescrição era de dez anos. Agora, a pena máxima passou para quatro anos, prescrevendo em cinco anos. O objectivo foi inviabilizar as escutas telefónicas nestes casos, uma vez que estas só são permitidas para crimes cuja penas máxima seja superior a quatro anos.

**– Uma das questões do debate promovido pelo PCP, em que vai participar, tem exactamente a ver com o branqueamento de capitais. Qual é a situação na Itália?**

– Uma das primeiras leis de Berlusconi foi exactamente nessa área, permitindo o reingresso em Itália, de forma anónima, de capitais anteriormente exportados, incidindo sobre eles apenas uma taxa de 2,5 por cento. No fundo, é uma lei que autoriza o branqueamento de dinheiro proveniente de todo o tipo de tráfico ilegal. Além disso, fá-lo de forma extremamente barata, com uma taxa insignificante. Todos sabemos que o branqueamento é muito caro e agora em Itália tornou-se extremamente barato.

**– Berlusconi conseguiu pôr termo ao processo «Mãos Limpas»?**

– Ainda não porque a magistratura em Itália é muito democrática e os juízes têm poderes reais. Costumamos dizer que a magistratura tem um poder difuso, ou seja, cada juiz tem o seu poder e pode exercê-lo de forma independente.

É claro que isto não interessa a Berlusconi. Por isso quer reduzir os poderes da Procuradoria da República, tornar facultativas as acções penais e quer que seja o Parlamento a decidir quais os crimes que devem ser investigados. Se estas reformas forem par a frente, o processo «Mãos Limpas» terminará.

**– As recentes movimentações de massas em Itália são apenas um movimento reivindicativo ou representam uma reacção mais geral à política de direita do actual governo?**

– Penso que reflectem um pouco de tudo. Trata-se de um grande movimento de jovens e de trabalhadores contra uma sociedade que, em todos os aspectos, funciona cada vez pior. Temos um pior ensino, uma pior saúde, mais precariedade de emprego, etc. Os nossos jovens são a primeira geração na história que vêm o seu futuro pior do que os seus pais. Houve sempre uma tendência de melhoria que hoje não se verifica.

Existe a consciência de tudo está a piorar e as pessoas sentem a necessidade de reagir. Isto ficou muito claro em Génova, nas manifestações contra a cimeira do G8, ou pouco tempo depois do 11 de Setembro quando, em Roma, foi organizada pelo governo uma manifestação de apoio aos Estados Unidos que juntou 30 mil pessoas. No mesmo dia, A Refundação Comunista e alguns sindicatos conseguiram organizar uma contramanifestação com 120 mil pessoas.

**– Se acrescentarmos a manifestação de 23 de Março, em Roma, com três milhões de pessoas, e a greve geral, de 16 de Abril, podemos antever a queda de Berlusconi?**

– O futuro não sabemos como vai ser mas, com o real agravamento das condições de vida das pessoas, penso que esta combatividade é para durar e isso terá as suas consequências. A demissão de Berlusconi, em 1995, ocorreu depois de uma importante greve geral, tal como agora, contra a retirada de direitos laborais.

Espero que esta mobilização continue mas devemos assinalar que foi o centro esquerda que, seguindo em numerosas áreas políticas de direita, abriu o caminho às reformas de Berlusconi. O financiamento estatal do ensino privado, todas as leis que precarizaram o trabalho - contratos a prazo, a tempo parcial, por empreitada, etc. - foram leis feitas pelo anterior governo de centro-esquerda.

**– Como se levantou então esta onda de contestação?**

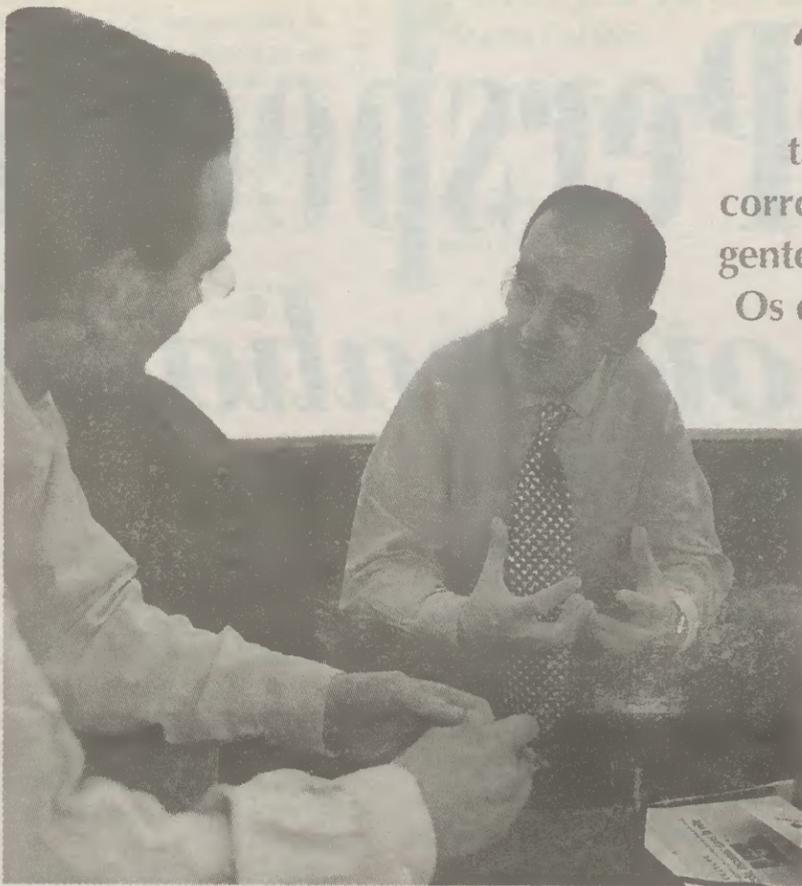
– Berlusconi foi muito estúpido ao atacar ao artigo 18 do Estatuto do Trabalhador, que impede o despedimento sem justa causa. Na altura, as centrais sindicais estavam divididas em relação às reformas legislativas. Porém, a decisão de suspender esta norma, peça central dos direitos dos trabalhadores, voltou a uni-las.

**– Mas, a descrença no centro-esquerda resultou da sua prática governativa?**

– De facto, o centro-esquerda perdeu as eleições porque perdeu a confiança de grande parte da esquerda italiana.

**– É então por isso que o líder da Central Sindical, CGIL, Sergio Cofferati, é hoje para muitos o verdadeiro líder da oposição?**

– Isso deve-se à total ineficácia dos partidos de centro-esquerda neste primeiro ano de governo. Não souberam mobilizar a sociedade para resistir às reformas de direita. E como neste momento a direita tem mais 100 deputados no parlamento é óbvio que uma oposição meramente institucional não pode dar frutos. Pode fazer-se discursos muito bonitos no parlamento



## Um combatente antimafia

Giuseppe Di Lello foi um dos magistrados que promoveram os processos de Palermo, na Sicília, contra a mafia. Em 1982, uma década antes do início da célebre operação que ficou conhecida com «Mãos Limpas», Di Lello começou a trabalhar ao lado dos juízes Falcone, Bossellino e Chinnici. Os três foram assassinados em atentados bombistas.

Reagindo às investigações, a mafia siciliana desencadeou uma autêntica guerra contra os magistrados e todos os que se lhe opunham, sendo responsável, por mais de 500 assassinatos, só na região de Palermo, entre os anos de 1982 e 1983.

mas, sem uma oposição social, nunca será eficaz.

Quando os estudantes, os operários e os movimentos antiglobalização redescobriram a oposição social trouxeram novas energias à luta nas ruas. Naturalmente que um homem como Cofferati, um operário, tornou-se um símbolo desta oposição social.

**– Significa que a esquerda deve procurar uma maior ligação aos trabalhadores e ao próprio movimento sindical?**

Vendo a sua vida seriamente ameaçada, em 1992, Di Lello decide abandonar a Sicília e aceita, como independente, o lugar de deputado nacional, no Parlamento italiano, onde integra a comissão antimafia.

Desde 1999, é deputado da Refundação Comunista no Parlamento Europeu, e foi nessa qualidade que, no passado dia 18, participou num debate promovido em Lisboa pelos deputados do PCP do Grupo Confederal Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica do Parlamento Europeu sobre paraísos fiscais, evasão fiscal e branqueamento de capitais.

– Sim. Deve estar muito mais ligada às lutas sociais mas antes tem de dar provas de que quer virar uma página. Ou seja, que não irá regressar às políticas anteriores. Se insistir em afirmar, por exemplo, que as privatizações são uma grande coisa, que a flexibilidade é o futuro para os trabalhadores, que acabaram os empregos estáveis por tempo indeterminado, então o povo de esquerda não irá votar nela. Ou se abstém ou votará mesmo Berlusconi porque, como diz Le Pen, mais vale o original do que a fotocópia.

“O dinheiro sujo serve também para corromper muita gente respeitável. Os delinquentes misturam-se com os chamados colarinhos brancos”

# É o sistema que favorece o crime mas quem paga são os mais fracos

**– O mandado europeu de captura inclui, entre outros crimes, o de corrupção. Porém o governo de Berlusconi decidiu não o aplicar nestes casos. É um sério revés para o combate ao crime e branqueamento de dinheiro?**

– De facto, Berlusconi decidiu que, da quinta causa (a corrupção) para baixo, não seria aplicado o mandado de captura europeu em Itália. Já fui autor de um relatório sobre o mandado de captura europeu e devo esclarecer que a minha origem não é marxista mas «terceiro-mundista».

O mandado de captura europeu não alterou nada. É apenas uma extradição um pouco mais acelerada. A questão-base permanece inalterada. Ou seja, quem é rico defende-se bem. Na Europa, assim como em todo o mundo!

Depois da segunda guerra, o processo judicial foi democratizado: os códigos penais, os processos administrativos, etc. Contudo, o que não se alterou foi a composição social da população prisional. Para as prisões vão sempre os pobres, os que têm problemas com drogas e os imigrantes. São as consequências sociais do mal-estar social que acabam na prisão, tal como acontecia há 60 anos.

Há muitos anos dizia-se que quem vai para a prisão são aqueles que não sabem ler nem escrever. Hoje podemos dizer que são também os que não sabem falar porque grande parte são estrangeiros. Nas prisões das grandes cidades italianas representam cerca de um terço dos detidos. Na prisão feminina de Roma, metade das detidas são estrangeiras.

Acrescente-se que 30 a 40 por cento do total são toxicodependentes, detidos por pequenos delitos. O problema da criminalidade na Europa não está no mandato de captura europeu. O problema é social.

**– Pensa que o combate ao crime organizado, ao grande tráfico, é possível no quadro do actual sistema capitalista?**

– Essa é precisamente a conclusão da intervenção que vou fazer no debate. Na minha opinião, as leis norte-americanas e europeias sobre o combate ao branqueamento de capitais e às redes criminosas são perfeitas. Todas as normas são pensadas pelo GAFI, Grupo de Acção Financeira Internacional. Contudo, na prática não funcionam. Primeiro, porque foram feitas num período em que a lavagem de dinheiro era feita mediante documentos bancários, o chamado *paper tracer*. Depois, porque um combate eficaz exige transparência no mundo financeiro, mas isso não interessa nem aos delinquentes nem às chamadas pessoas respeitáveis, porque na realidade estes dois mundos estão muito interligados.

O capitalismo sente-se na obrigação moral de combater o branqueamento de capitais porque estes têm origem em actividades ilegais, mas não o faz porque para isso seria necessário a transparência no mundo financeiro. O facto é que o dinheiro sujo serve também para corromper muita gente respeitável, misturando-se aqui delinquentes com os chamados colarinhos brancos, e por isso não há uma motivação forte por parte do sistema para conduzir este combate.

Para além disso, a total liberdade para os mercados que é actualmente advogada é o terreno propício para o branqueamento de capitais. A desregulamentação e o combate ao branqueamento são incompatíveis.

Veja-se, por exemplo, que, na Colômbia, cerca de 92 por cento das receitas do tráfico de drogas vão parar aos bancos norte-americanos e suíços. O tráfico de heroína dos talibãs ia parar aos bancos paquistaneses e seguia para os bancos do Reino Unido e dos EUA. Nesta teia é impossível combater o branqueamento. Tanto é assim que na Europa praticamente não existem julgamentos nestes casos.

**– Considera que há o perigo de as sociedades ocidentais passarem a ser controladas pelo crime organizado?**

– A Mafia siciliana mostra um exemplo vencedor de ligação entre o crime e o poder político. No sul de Itália, muitas organizações criminosas, a *mafia*, a *andrangata*, a *camorra*, das regiões da Campânia, da Sicília, da Calábria, controlam o poder político, liderado pelos partidos de centro-direita.

Existe uma profunda ligação entre estas organizações criminosas e as organizações políticas. Na Rússia de Ieltsin, o poder da mafia sentava-se directamente nas cadeiras do poder. Na Colômbia, os narcotraficantes estão ligados aos paramilitares e ao exército. No Montenegro, 50 por cento do produto interno bruto provém do tráfico de tabaco.

O perigo para a democracia é, portanto, real.

• Zillah  
Branco

# Perspectiva ou realidade

Os guias turísticos no Brasil descobriram novas atrações que despertam o interesse dos visitantes de, até agora, duas cidades – Belo Horizonte, em Minas Geras, e em Petrópolis, no Rio de Janeiro – alimentando crenças e a fértil imaginação popular: são ladeiras onde os carros deixados sem travão *sobem*, ao invés de descer. As interpretações físicas e místicas são tema de conversas infundáveis que vão para os jornais alimentando a promoção dos programas turísticos, as discussões nas mesas dos bares, as perguntas que deixam atrapalhados os professores e os pais.

O mistério foi desvendado facilmente por um engenheiro que, depois de medir a inclinação das *ladeiras turísticas* e das ruas laterais que nascem de bifurcações comuns, demonstrou que a perspectiva de quem sobe-descendo as ladeiras é afectada por uma ilusão de óptica resultante da referência da outra rua que desce-subindo ao lado. Meio sem jeito, o jovem técnico pede desculpas por ter «estragado a graça» da atracção turística.

Na verdade não «estragou» a curiosidade que atrai os visitantes, apenas trouxe para a realidade a compreensão do fenómeno que já voava alto pelos labirintos da metafísica. Mas há muita gente que prefere alimentar fantasias que encaminham para «outros mundos» porque não suporta mais a realidade mensurável.

No segundo milénio da história recente da humanidade, voltamos a viver o desejo de fuga da realidade que se tornou adversa ao ser humano incapaz de omitir as suas emoções, as suas esperanças, a sua utopia de um mundo tranquilo e fraternal. Todo o conhecimento acumulado foi transformado em instrumento de poder opressor de uma elite, como se voltássemos à Idade Média.

Com a frustração criada pela queda da potência mundial do socialismo, que arrastou governos e partidos ao abandono da missão para que foram formados de ponto de apoio para os que lutam contra os opressores, a realidade passou a ser vista como *fria, dura, hostil e insuperável*. Mesmo aqueles milhões de pessoas entusiastas que dedicavam as suas vidas a um trabalho difícil de transformação das sociedades passo a passo, vendo em cada pequena vitória um degrau da sonhada construção de um mundo melhor para todos e em cada derrota um necessário recuo para *tomar balanço* e chegar fortalecido à concretização do seu ideal, mesmo aqueles que como camaradas valorizaram os princípios de dignidade e independência dos cidadãos frente aos poderosos que controlavam a realidade tornando-a cruel, passaram a defender os seus anseios humanitários revestidos por uma irrealidade transcendental. Também eles acreditam que a realidade é *inexoravelmente opressora, fria, dura, hostil e insuperável*. Adoptaram a perspectiva da elite dominante como verdadeira por terem perdido a esperança no caminho a ser aberto pelo conhecimento objectivo da realidade, preferiram aceitar que a *subida* da ladeira *desce* devido a causas místicas.

## A consciência deriva da história

No entanto, o conhecimento não permanece fechado nos quartéis dos dominadores. Apesar das ameaças, «*a terra move-se*» como murmurou o astrónomo na Idade Média, e o pensamento evolui através dos incansáveis pesquisadores que substituem os velhos preconceitos por formas de compreensão da cultura que vai sendo forjada pela sociedade opressora.

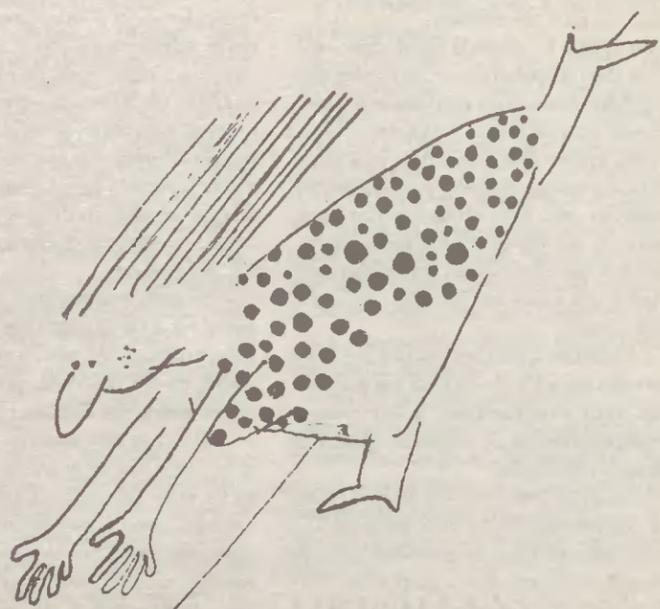
Ao contrário da crítica a uma consciência alienada e a condenação do pensamento religioso e crenças místicas tidos como meros instrumentos reaccionários (o que levava os revolucionários a negarem as suas crenças como *pecados políticos*), hoje são melhor aplicados os princípios marxistas que explicam a formação da consciência individual não como *culpa* a ser corrigida ou esquecida, mas como produto das pressões do meio sociocultural.

É natural que a desesperança criada pela realidade cruel em que vivemos sem oferecer as formas de apoio para a luta revolucionária, atire os indivíduos no caminho invisível e improvável do misticismo que acolhe e alimenta as suas emoções mais profundas. Este é um facto que as ciências sociais podem avaliar objectivamente para fundamentar o conhecimento necessário para a reconstrução dos recursos da esperança e da confiança na luta que prosseguirá sempre. Mais importante que as *consequências* de uma busca alheia à realidade são as *causas* que empurram os cidadãos para fora do caos social em que vivemos.

Existem leis e princípios humanitários, mas não são aplicados. O governo de Israel despreza a dignidade do povo Palestino e de toda a humanidade retirando suas tropas assassinas de uma localidade para mandar para outra como uma manobra de diversão, e a secretária de Estado norte-americana declara que o presidente Hugo Chavez, da Venezuela, dominou os golpistas que foram apoiados pelos Estados Unidos *mas deve respeitar os seus opositores* por razões democráticas e humanitárias. A elite fascista manda e mata como bem entende e só são aceites as oposições enquadradas pelas leis nos momentos de melhor humor dos poderosos.

## As crenças mudam

A psicologia moderna localiza nas *crenças* tanto os obstáculos como as formas de apoio para o desenvolvimento da consciência individual. Todas as crenças são passíveis de autoconhecimento e podem ser dispensadas se constituírem um problema que dificulta a vida da pessoa (por exemplo, as que ficaram desde a



infância presas ao inconsciente criando *medos e fobias*) ou servir de *âncoras* ou apoios enquanto necessárias. Há diferentes métodos para que um terapeuta possa ajudar um cliente a se tornar livre das amarras in-

conscientes. Mas todos os caminhos de êxito levam à consciência da realidade e à compreensão de que ela, mesmo assustadora, sempre será controlável. No caso individual a pessoa chegará a olhar de frente os seus problemas, como num espelho que desvenda o seu passado, e perceberá que hoje, com os recursos de conhecimento que dispõe, não há razão para antigos medos de enfrentar a realidade. Verá que foi a sua própria fragilidade que permitiu a submissão a um comando negativo. Compreenderá que, ao aceitar que alguém o comandasse contrariando os seus princípios, colaborou no erro, mesmo que por mera passividade.

A realidade social tem outros ingredientes que exigem métodos científicos específicos para o seu tratamento. Já passamos a fase em que, por simplificação, se adoptavam observações comprovadas no estudo dos animais para o conhecimento das sociedades humanas, ou das análises individuais que eram projectadas para as das acções políticas da colectividade. Respeitemos as várias ciências que hoje estão ao dispor dos que estudam. Mas também é necessário reconhecer a importância da *integração* das diferentes áreas de conhecimento e o esclarecimento que uma oferece à outra com as suas descobertas particulares.

No caso referido, a da adopção de crenças metafísicas para sobreviver sem a esperança na transformação da realidade, creio ser urgente encarar as causas que as promoveram antes de responsabilizar os indivíduos pelas consequências de tal postura. Vemos o caso extremo a que chegam aqueles que escolhem o caminho do suicídio e a destruição de pessoas, como afirmação da sua revolta contra a opressão em Israel. São acusados como *terroristas* por quem não quer assumir a própria responsabilidade na formação da consciência dos que, por desesperança, se imolam como símbolos. A *crença* no valor do suicídio como método de luta contra o opressor *foi criada pelo autorita-*

*rismo despótico* que não deixa outra forma de defesa para populações inteiras, é de *inteira responsabilidade dos que instauraram a desesperança*.

## Restaurar a esperança

Temos, no mundo inteiro, elementos de sobra para restaurar a esperança se considerarmos a situação a que foi levada a humanidade quando perdeu a confiança na luta organizada. Portugal ainda é um país privilegiado onde um grande Partido Comunista mantém o histórico vínculo com a população, acompanhando a par e passo os seus problemas e as formas que se actualizam para a sua superação, e conserva a sólida estrutura definida para sustentar os princípios revolucionários. Em outros países não se alcançou a dimensão necessária do partido ou foram diluídos os princípios para uma forçada adaptação ao modelo social-democrata imperante.

Essa é uma realidade que não deve ser escamoteada por quem defende a existência de um Partido Comunista condutor da luta nacional. Se tivermos medo de revelar fragilidades numéricas, ou de capacidade organizativa, ou ainda de compreensão da realidade vivida pelo povo que constitui o principal elemento interessado na luta revolucionária, estaremos fechando às portas ao encontro necessário.

A vitória do presidente Hugo Chavez na Venezuela tornou-se possível porque o povo compreendeu que estava vivendo um processo revolucionário que contraria os interesses de uma elite enriquecida pelo petróleo e fortalecida pelo imperialismo. As forças militares assumiram o seu papel ao lado da população, fizeram frente ao golpe e reimpuseram o presidente eleito. É um grande marco na reconstrução da esperança que tem sido espezinhada repetidamente nos últimos tempos. É também o desmascaramento dos *media* que, para instalar a *crença* na inviabilidade de um governo venezuelano com as características de independência e autonomia como foi instituído pelo presidente Chavez, anunciou o golpe sem mostrar que o povo reagia. Desmoralizados ficaram os «analistas políticos», como o jornalista Raul Juste Lores, da revista *Veja*, que saudou o «fim da revolução bolivariana», sem ter qualquer base de sustentação para tão apressada conclusão. A *crença* esteve no lugar da realidade, o que é muito grave em se tratando de comunicação social, por ser uma *mentira urdida* pelos donos da imprensa.

## Ciência & Tecnologia

• Francisco Silva

**É** Há a história da recompensa do rei. E que pediu o recompensado? Todo o ouro deste mundo? Todas as pedras preciosas? Todas as terras? Todos os castelos e todos os palácios? Todas, mesmo as aráveis, as florestas, mesmo todas as terras? E ainda as frotas pesqueiras? Tudo o súbdito podia pedir. O rei não lhe tinha colocado limites.

Sim, é verdade, nessa época imemorial ainda não tinha chegado o capitalismo, as suas empresas, as bolsas de valores, a evidência de o valor ser sobretudo o comerciável, o valor de troca, o valor produzido pela força de trabalho. Pois é, eram tempos muito antigos, quase esquecidos. E quase parece ser eterna a época que vivemos. Não apenas imortal mas também uma organização social que pareceria ter existido desde sempre.

## As diversas qualidades



O certo é, de acordo com a história que estou a narrar, o nosso herói apenas ter pedido grãos de trigo. Em que quantidade? Assim o disse a sua majestade, o nosso homem: «Sessenta e quatro, tantas são as casas de um tabuleiro de xadrez ou de damas, para o caso tanto dá; pois o que eu demando é um grão para a primeira casa, dois para a segunda, quatro para a terceira, e assim por diante; chegando à quantidade relativa à última casa, à sexagésima quarta, fiquemo-nos por aí; o que eu pretendo receber é então a totalidade dos grãos de trigo correspondentes às sessenta e quatro casas.» Mal sabia o rei o sarilho em que se havia metido quando deu carta branca ao nosso herói! A quantidade de grãos pedidos parecia aproximar-se de infinito (em termos matemáticos correspondia o pedido ao somatório de todas as potências de 2, desde 0 até 64 - experimentem apenas tentar resolver o exercício por vós próprios e verão onde estão metidos).

É claro que o nosso herói propôs ao rei uma situação avaliável quase só de um ponto de vista quantitativo, se bem que, por fim, seja grande a tentação de passar de

uma qualidade finita da grande quantidade a uma quantidade de qualidade infinita.

Agora, se considerarmos, em vez do mero amontoar de grãos de trigo (apenas regulado, no caso narrado, pelas casas de um tabuleiro de xadrez ou de damas para efeito da sua contagem), as sete notas musicais ou as vinte e três letras do alfabeto (ou as vinte e seis, sendo também consideradas o K, o W e o Y) e as suas possíveis combinações, verificamos, mesmo descontando as combinações que, por razões estéticas ou semânticas, a espécie humana não está pronta a utilizar, poderem ser cobertas quer todas as obras musicais existentes ou a criar, quer faladas todas as línguas, desde as surgidas em Babel a todas as outras entre tanto emersas ou a emergir, ou compostos todos, poemas e todas as obras literárias imagináveis ou inimagináveis.

### Afinal, qual é o espanto?

São apenas exemplos da utilização de duas matérias-primas pela Humanidade. Matérias-primas consistindo apenas em uma quantidade muito limitada de elementos diferentes.

(É claro também serem utilizadas, para a fala ou para as composições musicais ou literárias, outras possibilidades de modulação, como sejam as durações ou os espaços mudos ou em branco. Contudo, mesmo entrando em conta com tais variáveis, a questão genérica do número limitado de elementos a combinar *grosso modo* mantém-se.)

O que fica, então, é o facto de com poucos elementos de base se poder construir todas as quantidades e todas as diversidades, até uma escala infinita. Aliás, foi seguindo esta via ao nível das partículas elementares - assim são conhecidas estas coisas, fenómenos para nós -, os prótons, os electrões, os neutrões e mais uns tantos, mas não tantos enquanto antes diferentes, que o mundo, tal como o apreendemos, se constituiu na sua imensa diversidade. Aliás, foi ainda seguindo uma via similar que a unidade de quantidade de informação, abstraindo dos concretos conteúdos informativos, pôde ser definida como o «bit» (!). Isto é, como a quantidade de informação que é recebida quando uma de duas situações possíveis foi emitida - por exemplo, «0» ou «1». E que, para tal, foi transmitida tendo em consideração as expectativas do receptor.

(Enfim, é sempre possível exprimir com base no «bit» qualquer sinal, independentemente da sua forma ou complexidade; e é sobre esta base que todo o «digital» é fabricado.)

Então, por que é que ficamos tão espantados, ou mesmo extremamente alarmados, quando se afirma que, em termos de número de genes, sendo tão pequenas as diferenças - uma «ridícula» (?) diferença percentual - para as outras espécies, a especificidade humana se arrisca a deixar de poder ser reconhecida?

(!) Bit - termo resultante da contracção de *binary digit*.

## Pontos Naturais

• Mário Castrim

## Comunicação

Minhas senhoras  
meus senhores.

Venho informá-los  
que o capitalismo está  
nas vascas da agonia. Então  
a exigência histórica consiste  
em dar-lhe a extrema-unção.  
E aqui se põe  
a urgência  
de saber quem é  
sim, quem, que vai pôr  
o guizo ao gato.

Balela, meus senhores,  
o tal capitalismo  
de rosto humano.  
Durão que diz que é  
do centro-direita.  
Ferro, não  
ao neoliberalismo  
(por que é neo?  
Mas se for a néon  
tudo bem?)  
Portas, amar  
os pobres e os velhos  
(TODOS: ah, ah, ah)  
Rosto: a sigla da máscara

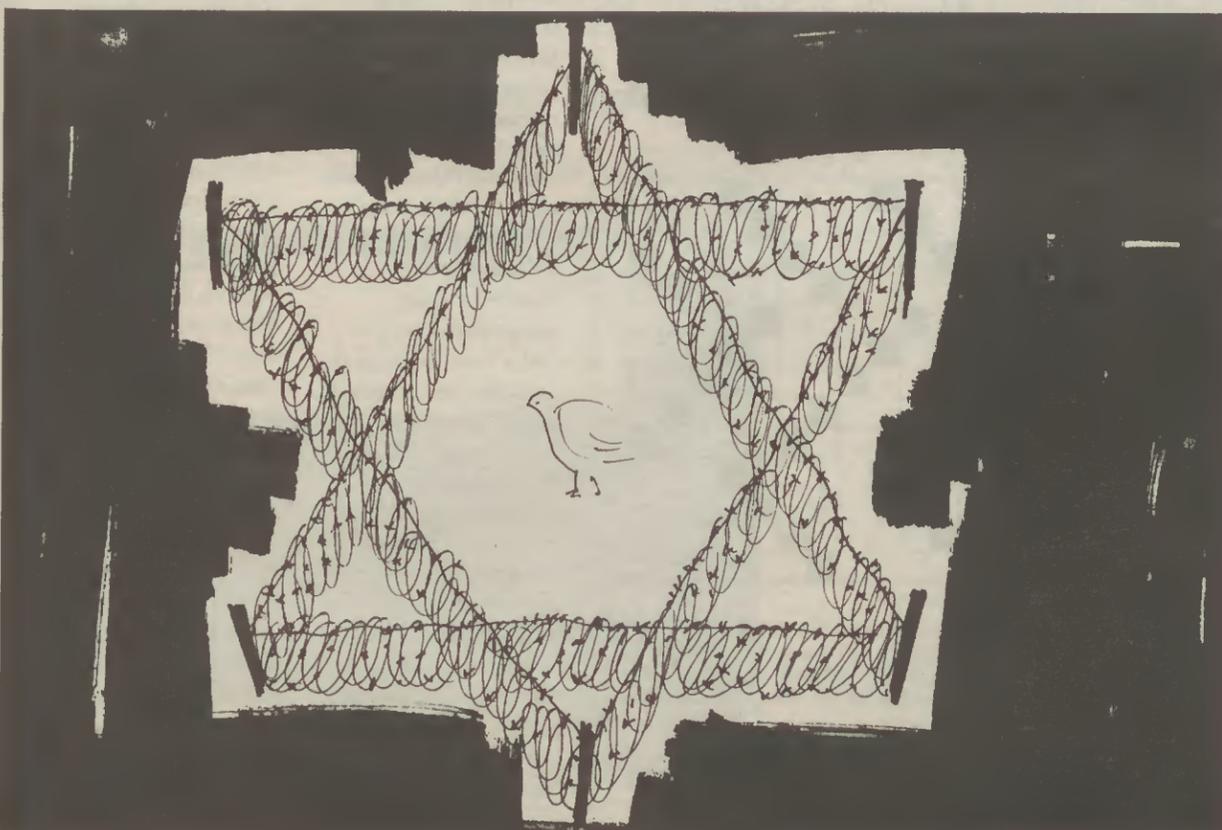
Tontinhos pensaram  
de olhos em alvo  
(copiados de Santa Terezinha  
do Menino Jesus)  
que seria possível ordenar  
e assim nasceu  
a Comunidade (capitalista) Europeia.  
Pura ilusão. Pois quê?  
racionalizar o irracionalizável?  
Planificar  
o caos?  
O clone herbívoro  
de um carnívoro?

Pés no chão  
astronautas vígaros!  
O Capital não quer resolver  
os problemas da humanidade  
quer resolver  
os problemas do Capital.  
A questão não é fácil, convenhamos.  
Chispam na pedra as contradições  
das ferraduras  
a cada passo da besta.  
O god blesses  
or not blesses?  
O god já cofia o bigod  
impávido, incapaz, até Ele,  
de tirar a solução  
do velho guarda-fatos.

O Capitalismo está frito.  
Tenho dito.

## Cartoon

• Monginho



## Religiões

• Jorge Messias

Como instituição mundial, a Igreja Católica atravessa uma das mais profundas crises indistigáveis da sua história. Polvilhada por escândalos financeiros, como em Espanha e em Itália; por crimes contra a humanidade, como no Burundi; por atentados ao pudor, como nos EUA; por complicitades com o poder ocupante, como em Israel, no Afeganistão ou na América do Sul, o Vaticano encontra-se cada vez mais confrontado com os malefícios do sistema capitalista que ela própria contribuiu para criar e gerir. A imagem pública da igreja recebe golpe sobre golpe. A sua hierarquia eclesiástica não revela credibilidade para mediar os grandes conflitos actuais da Jugoslávia ou o emaranhado de intrigas dos ter-

# O modelo francês



ritórios da antiga URSS, do Médio Oriente ou de Angola. Os problemas familiares da igreja arrastam-se penosamente, sem soluções à vista: a pedofilia dos padres, o celibato obrigatório, a ordenação das mulheres, a reconciliação da hierarquia com os clérigos casados e a *Echelon* (para se usar uma expressão da gíria mediática) irreversível e sempre com tradução nos níveis da influência católica sobre as massas. Nem quando - como no caso da Igreja da Natividade, em Jerusalem - há sacerdotes seus ameaçados, a cúria romana corre em sua defesa e se opõe às práticas imperialistas do neocapitalismo neonazi.

O que recentemente se verificou em França - a *Echelon* - com o esmagamento eleitoral do partido comunista e do partido socialista, nem sequer se pode dizer que tenha surpreendido. O acontecimento desde há muito era esperado. Parte importante dos

dirigentes do PCF e do PSF tinha-se de há muito ajoelhado aos pés do grande capital e procedera à abertura das portas dos partidos laicos aos *echelon* da igreja tradicionalista. Aconteceu em França tal como em Itália ou na Áustria e como, provavelmente, virá a acontecer na Alemanha e em Espanha. Desiludidos com a manipulação corrupta do poder, os povos acabam por votar contra as suas próprias aspirações, só para afirmarem o direito à mudança e fazerem escutar a sua voz.

Algum tempo terá ainda de passar antes que seja possível concluir-se se os graves acidentes de percurso, como os de Le Pen e Berlusconi terão - ou não - sinal negativo (estabelecendo a direita na direcção do poder) ou sinal positivo (ao afirmar-se a vontade popular popular contra a direita). Um facto, entretanto, é indiscutível: vive-se, no Ocidente, uma situação tremendamente complicada e existe o perigo real do regresso ao fascismo. Desde há muitos anos que o mal germina perante os nossos olhos impávidos. Veja-se o caso francês.

De Gaule reprimiu duramente as classes trabalhadoras e retirou-lhes direitos, em nome da Pátria Francesa. Pior, no entanto, foi o que se lhe seguiu, com o «socialismo» de Mitterrand: os direitos consagrados permaneceram mas foram esvaziados de conteúdos; os sindicatos continuaram a existir mas renunciaram, progressivamente, *Echelon* à sua natureza de classe; os partidos políticos *Echelon* mantiveram o seu estatuto institucional mas permutaram ideologias. A social-democracia passou ao campo do capitalismo neoliberal; o socialismo transformou-se em agente activo do grande capital burguês; e o comunismo rendeu-se, pura e simplesmente,

aos encantos de uma prometida e opulenta sociedade europeia de exploradores. Ao lado, na sombra, medrou a extrema direita herdeira do nazi-fascismo, mascarada de defensora dos valores da cultura católica tradicional e tutelada pelo episcopado francês. Há factos, há provas, há nomes. As organizações cujos membros vemos desfilar pela ruas de França, erçados de cruces e pendões, ao lado das juventudes nazis de Le Pen, são as mesmas que existem em Portugal. Os métodos de infiltração fascista no aparelho democrático usados em França são iguais aos que se praticam entre nós.

Não é por acaso que Robert Hue se tornou imagem de referência para meia dúzia de transviados do PCP. Nem é por acidente que o *Echelon* de comunismo é, por esses, constantemente incensado. O grande objectivo é, de facto, conduzir-se Portugal à situação que em França se começa a instalar.

## Pontos Cardeais

### Suspensões

Na sequência do encontro no Vaticano entre o Papa e os bispos norte-americanos sobre os numerosos casos de pedofilia registados entre padres dos EUA, a Igreja Católica dos Estados Unidos da América já suspendeu ou «aceitou a demissão» de 177 padres, suspeitos da prática de actos pedófilos, desde Janeiro último, quando começou a ser revelada uma série de escândalos sexuais no seio da instituição. Recorde-se que, segundo o que foi apurado, durante longos anos a hierarquia católica - concretamente, os seus bispos - não apenas sabia da prática continuada de abusos sexuais de menores por parte de padres católicos sob sua jurisdição, como «resolvia» as queixas e denúncias transferindo simplesmente os padres envolvidos para outras paróquias onde, naturalmente, prosseguiam as suas perversas actividades. A convivência com estes crimes por parte da hierarquia católica norte-americana é por de mais evidente, pelo que, nesta inevitável onda de suspensões de padres, fica no ar a pergunta, inquieta e inquietante: e então a responsabilidade dos bispos nestes casos concretos de pedofilia, é pura e simplesmente ignorada? Pelos vistos, é. A começar pelo próprio Papa...

se elas também serão acompanhadas das respectivas verbas e recursos financeiros, necessários para o seu funcionamento e que, naturalmente, têm sido até agora gastos e administrados pelos serviços do Estado. Se não, tal «transferência» não passará, pura e simplesmente, da extinção efectiva desses serviços, enquanto o Governo encolhe os ombros dizendo que «não é nada com ele»...

### Projectos

Estes anúncios fê-los Durão Barroso na última assembleia municipal de Valpaços a que presidiu, aproveitando para se dirigir às gentes do Nordeste transmontano, a quem anunciou que, apesar dos tempos de «austeridade» que aí vêm, o seu Governo fará uma «discriminação positiva» das regiões. E especificou: «Quando reavaliarmos os projectos de investimento, tudo faremos para não suspender os investimentos que podem contribuir para a coesão do País.» Ou seja: pelos vistos, Durão Barroso prepara-se para governar segundo o método do saco azul, onde os investimentos são feitos segundo as conveniências e o entendimento do Governo. Tudo em nome da «coesão do País», pois claro...

### Ignomínias

Prossegue a ignomínia no Médio Oriente, com o governo israelita de Ariel Sharon a gozar literalmente com o mundo inteiro, ao mesmo tempo que mantém a brutal ocupação dos territórios palestinos, o terrorismo de Estado sobre as populações palestinas e a brutal ofensiva e agressão a este povo. É óbvio que o objectivo de Sharon é pura e simplesmente destruir qualquer hipótese de paz entre os dois povos e, em última análise, expulsar em definitivo os palestinos do seu território. Obviamente, não o conseguirá e quando finalmente vier à luz do dia o pavoroso número de vítimas da actual ofensiva já será tarde de mais - pelos menos para as vítimas...

### Orçamentos

O Orçamento Rectificativo vai ser aprovado pelo Governo já este domingo, em Conselho de Ministros extraordinário, segundo anunciou o Primeiro-Ministro Durão Barroso, que prometeu igualmente que até final de Junho haverá transferência de competências para o poder local nas áreas do ambiente, licenciamento, saúde e educação. São, como se vê, áreas estratégicas da administração do Estado, onde o poder central consome vastos recursos para serviços cuja degradação não pára de se acentuar, como é do conhecimento geral de todos os utentes. Com esta transferência de competências para as autarquias, vamos a ver

## Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 - Relativos aos Alpes; coisa excelente; filtra. 2 - Extravio; instrumento achatado num dos lados, que serve para fazer avançar na água embarcações pequenas; fruto do coqueiro. 3 - Aversão; salto; salto; animal carnívoro, selvagem, da família dos canídeos. 4 - Emissão de voz; designativo da cor azul-roxo; sinal cabalístico. 5 - Brinquedo de criança; escassa; planta herbácea da família das umbelíferas. 6 - Direcção; azáfama; espécie de sapo da região do Amazonas. 7 - Amerício (s. q.); peça metálica na extremidade do cano de algumas armas de fogo, para regular a pontaria; sete mais um; existe. 8 - Nome de duas espécies de cotovias; tudo o que promove um movimento; tontura. 9 - Desconto no peso de mercadorias, atendendo-se ao vaso ou envoltório em que vão metidas; saco de pano ou couro quase sempre fechado com cadeado; agarra. 10 - Toma rumo; pessoa que não fala; altar cristão. 11 - Red. de motocicleta; pescoco; aro de borracha, com ou sem câmara de ar, que reveste as rodas de certos veículos. 12 - Pateta; cova natural ou artificial, larga e pouco funda, com água para regas; pôr data em. 13 - Espécie de bois selvagem; volta; animal do género antílope, de formas elegantes e graciosas.

**VERTICAIS:** 1 - Depois de; saída impetuosa de um líquido ou de um gás; a tua pessoa. 2 - Que ou o que lê; geme (gir); red. de maior. 3 - Perfeição; toada para adormecer crianças. 4 - Caminhado; prep. que indica várias relações, como companhia, instrumento, ligação, modo, oposição, etc.; narração escrita e autenticada de qualquer acto. 5 - Sódio (s. q.); língua dos Romanos, na Antiguidade; molibdénio (s. q.). 6 - Poeira; perfume agradável; nome da letra grega que corresponde ao platim. 7 - Cair com estrondo e rapidez; fileira; coloração da face. 8 - Terreno onde há meloeiros; a primeira das principais refeições do dia, tomada a meio do dia. 9 - Patrão; curso de água natural; lição. 10 - Contr. da prep. em com o art. def. o; que dá saúde; contr. de prep. de com o art. def. a. 12 - Preparação glutinosa para fazer aderência; discurso em público; serenidade de espírito. 13 - Qualquer animal, objecto, pessoa ou campo usado para fins experimentais; pessoa que ama. 14 - Vazio; o vencimento diário de um soldado; lugar de muita areia. 15 - Contr. da prep. a com o art. def. o; m. q. loisa; vento branco e agradável.

9 - Amor; no; antia. 10 - Not; sadio; do. 11 - Li; alho; da. 12 - Cola; or; paz. 13 - Cobain; amante. 14 - Oce; prt; areal. 15 - Aua. VERTICAIS: 1 - Após; facto; tu. 2 - Ledor; mia; mor. 3 - Primor; arrole. 4 - Idi; com; auto. 5 - Nat; lalim; Ma. 6 - Tar; mal; toma. 7 - Tar; mal; toma. 8 - Tar; mal; toma. 9 - Tar; mal; toma. 10 - Rum; ara. 11 - Mot; col; pncu. 12 - Tolo; po; datar. 13 - Uro; giro; gacel. 14 - Roca; rara; alpo. 15 - Alphi; mand; coa. 2 - Alpha; mand; coa. 3 - Odi; lot; sã. 5 - Roca; rara; alpo. 6 - Rota; rota; raro. 7 - Am; mira; olo; es. 8 - Cia; mola; ota. HORIZONTAIS: 1 - Alphi; mand; coa. 2 - Alpha; mand; coa. 3 - Odi; lot; sã. 5 - Roca; rara; alpo. 6 - Rota; rota; raro. 7 - Am; mira; olo; es. 8 - Cia; mola; ota.

## Apresentação pública do relatório

### «Estratégias de Luta contra a Pobreza e Planos Nacionais de Inclusão Social»

da responsabilidade da deputada no PE Ilda Figueiredo

Segunda-feira, 6, às 14h30,

no Edifício Jean Monet,

Largo Jean Monet, Lisboa - Sala do Parlamento Europeu

### Castelo Branco

Sexta-feira, 3 de Maio, às 21h30

Debate: A situação na Palestina

Salão da Junta de Freguesia de Castelo Branco com Margarida Botelho, do Comité Central

### Queijas, Oeiras

Jantar-convívio, seguido de debate sobre a Situação Política Nacional e Internacional, no CT de Queijas, com Fernanda Mateus, da Comissão Política. Sábado, 4, às 20h00.

### Marinha Grande

Comemorações do 81.º aniversário do PCP, com Noite de Baile - Anos 60/70, no CT da Marinha Grande - Sala 25 de Abril. Intervenções políticas de dirigentes do PCP e de eleitos da CDU. Animação musical de Duo Tele-Ritmo. Sábado, 4, às 22h00.

### Santana da Serra, Ourique

Almoço-convívio aberto a militantes e simpatizantes inserido na preparação da Conferência Nacional, no Salão Vista Alegre, Santana da Serra, com a participação de Paulo Neto, do Comité Central. Sábado, 4, às 13h00.

### Queluz, Sintra

Almoço-convívio comemorativo do 25 de Abril e 1.º de Maio, no CT de Queluz, com a participação de Jorge Cadima. Sábado, 4, às 13h00



## Convívios no 1.º de Maio em Lisboa

- Almoço do Sector Intelectual da ORL

no restaurante «Os Ferreiras» (na Rua de S. Lázaro, n.º 150, com o tel. 218850851

- Almoço do Sector das Comunicações, Água e Energia de Lisboa, no Centro de Trabalho Vitória.

## Viagem às Capitais Nórdicas



Oslo • Copenhaga • Estocolmo  
28 de Julho a 5 de Agosto 2002

Viagem organizada pela DORS do PCP

Informações: cam. Adelaide. Tel 265 521180 - Fax 265 521189



## Reuniões de células e organizações do PCP

### Coimbra

Plenário de militantes da organização concelhia e do Sector Intelectual de Coimbra, inserido na preparação da Conferência Nacional. Sexta-feira, 3, às 21h, no Instituto Português da Juventude, com a participação de Carlos Carvalhas

### Serpa

Encontro de Quadros do Alentejo

Domingo, 5, a partir das 10h, no Cine-Teatro de Serpa, com a participação de Carlos Carvalhas, que intervirá na sessão de encerramento (cerca das 17h30)

### Quinta-feira, 2

#### Lisboa

- Sector da Função Pública da ORL - Reuniões preparatórias da Conferência Nacional do Partido: hoje, às 15h, no CT Vitória, da célula da Dir. do Sindicato da FP, e às 18h da célula da Segurança Social. Outras reuniões com o mesmo objectivo: segunda-feira, 6, das células do LNEC (17h30, CT Vitória) e do Min. Educação (às 18h); terça-feira, 7, dos Aposentados da FP (15h, CT Vitória) e do Executivo da FP (19h); quarta-feira, 8, do IICT (12h, CT de Alcântara), Map/Mie (19h, CT Vitória), Min. Finanças (19h, CT Vitória).

### Sexta-feira, 3

#### Almada

- Plenários de militantes em Cacilhas (Auditório da Junta de Freguesia, 21h) e no Laranjeiro (Centro de Trabalho do Laranjeiro, 21h).

#### Alverca do Ribatejo

- Plenário de militantes, com a participação do camarada Francisco Lopes: às 21h, no Centro de Trabalho.

#### Cascais

- Plenário da Comissão Concelhia sobre a situação política e social e sobre o reforço da intervenção e organização do Partido no Concelho, com a participação do camarada Carlos Chaparro: às 21h, no Centro de Trabalho de Cascais.

#### Seixal

- Plenário de militantes da célula dos trabalhadores comunistas na C.M. do Seixal sobre as eleições para os órgãos sociais da Associação dos Serviços Sociais dos Trabalhadores das Autarquias do Seixal e ainda sobre questões várias de direcção e organização: às 17h30, no Centro de Trabalho, com a participação dos camaradas Zózimo Amado e José Paleta.

#### Vila Franca de Xira

- Debate sobre a América Latina, com a participação do camarada Manuela Bernardino, do CC e da Secção Internacional do PCP: às 21h.

### Sábado, 4

#### Aljustrel

- Plenário concelhio de militantes, para análise da situação política e social e preparação da Conferência Nacional: às 15h, no Centro de Trabalho.

#### Almada

- Plenário de militantes da Costa de Caparica: às 15h, no Grupo dos Amigos da Costa.

### Alverca do Ribatejo

- Plenário de militantes, com a participação do camarada José Seabra: às 16h, no Centro de Trabalho no Bom Sucesso.

### Leiria

- Reunião concelhia de militantes, sobre a situação política e de preparação da Conferência Nacional do Partido: às 15h, no Centro de Trabalho de Leiria.

### Lisboa

- Plenário de militantes da freguesia dos Olivais sobre a situação política e de preparação da Conferência Nacional: às 17h, na SFUCO (junto à piscina dos Olivais).

### Loures

- Assembleia da Organização da Freguesia de Sacavém: às 10h, na sede do Sacavense, com a participação do camarada Francisco Lopes.

- Assembleia da Organização da Célula dos Trabalhadores do Município: às 14h, no Refeitório Municipal, com a participação do camarada António Abreu.

- Assembleia da Organização da Freguesia de Unhos: às 15h, com a participação do camarada Adelaide Pereira.

- Plenário de militantes da freguesia de S. João da Talha: às 15h, na Sala da Assembleia de Freguesia, com o camarada Alexandre Teixeira.

### Porto

- Plenário da célula do PCP da Portcast, às 15h30, no Centro de Trabalho da Boavista.

### Domingo, 5

#### Almada

- Almoço de militantes e simpatizantes da Charneca de Caparica: às 13h, no Centro de Trabalho da Charneca.

### Segunda-feira, 6

#### Aljustrel

Reunião dos comunistas das empresas Pirites Alentejanas e Somincor com o objectivo de discutir: 1. O quadro político e a situação nas empresas e acções a desenvolver; 2. A organização sindical dos mineiros e tarefas a desenvolver; 3. A organização dos comunistas nas empresas (células). Às 20h30, no Centro de Trabalho de Aljustrel.

### Lisboa

- Plenário de militantes da organização dos trabalhadores em estruturas sindicais do Sector Sindical da ORL, de preparação da Conferência Nacional: às 18h30, no CT Vitória, com a participação do camarada Dias Coelho.

## Reunião de novos militantes do PCP na cidade de Lisboa

O.T.: O Partido. Princípios programáticos e organizativos

Com a participação do cam. Aurélio Santos

Quarta-feira, 8, 19h, Centro de Trabalho Vitória

## Desenvolvimento sustentável

Ciclo de debates - Em Lisboa, no CT Vitória promovido pela célula da Ciência, Tecnologia e Ambiente do SI da ORL - Sexta-feira, 3 de Maio, às 21h: «Alterações climáticas»

(1.ª sessão)

### Homenagem a Catarina Eufémia

Excursão a Baleizão

promovida pela Comissão de Freguesia da Amora a 19 de Maio

Partida, às 07h00, do CT da Amora, Évora (pequeno-almoço); Alqueva (barragem); Serpa (almoço); Baleizão. Regresso: Baleizão; Beja; Grândola (lanche); Amora

Inscrição nos CTs de Amora (21 221 2222) e Seixal (21 221 6952)

### Viagem ao Brasil

• Rio de Janeiro

• Angra dos Reis e Cabo Frio

• Búzios

Data prevista - 5 a 13 de Outubro de 2002 (Organiza a Comissão Concelhia de Almada)

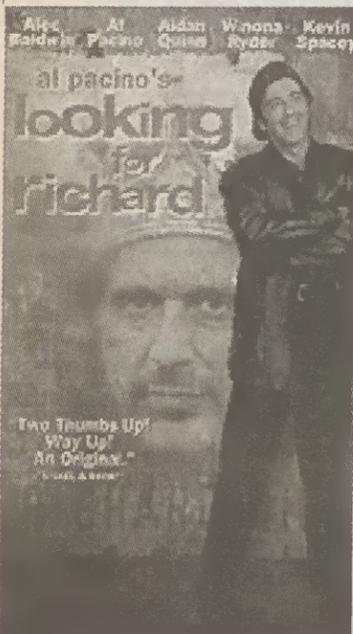
Inscrições e pedido de programa:

Camarada Artur Cabrita

Telefs: 21 275 2777 e 21 275 3939

ATVer

**A Mulher Vampiro:** uma mulher é seduzida por outra (vampira, claro!), que a arrasta para uma intensa e perturbadora relação... lésbica!



Notável realização de Al Pacino, este *À Procura de Ricardo III* é um festival de representação



**Pixote, a Lei do Mais Fraco,** o retrato dos miúdos abandonados das favelas do Brasil, que sobrevivem como podem



**Carta de Uma Desconhecida** foi o segundo filme rodado nos EUA por Max Ophüls e é, possivelmente, o melhor do seu período americano

### Interrogatório

(Sexta-feira, 3.5.02, RTP-1)

**Interrogatório** é um filme singular sobre o confronto entre um torturador e a sua prisioneira política. Escrito e realizado por Radha Bharadwaj, uma autora ligada à Amnistia Internacional, esta ficção tem o louvável e deliberado objectivo de denunciar a prepotência e indignidade da tortura com objectivos políticos. Boas interpretações de Madeleine Stowe e Alan Rickman.

### O Fantasma da Ópera

(Sábado, 4.5.02, RTP-1)

**O Fantasma da Ópera**, célebre romance de Gaston Leroux, tem sido uma inesgotável fonte de inspiração para diversas formas de espectáculo, com realce para o cinema. Esta versão chega-nos de Itália e pelas mãos de Dario Argento, um prolífico realizador de série B nos domínios do fantástico e do terror, sofrendo por isso da «mão pesada» e folclórica que normalmente domina o trabalho deste realizador.

### O Substituto

(Sábado, 4.5.02, RTP-1)

A referência a este **O Substituto** vai toda para o carácter inadvertidamente elucidativo sobre o estado da «grande democracia americana», através da história de um mercenário profissional (Tom Berenger) que, para ajudar a namorada professora, «limpa» um liceu de Miami do tráfico de droga que a dominava. A tiro, pois claro, deixando espantosamente exposto, pela «naturalidade» do enquadramento da ficção, o que é o quotidiano nas escolas socialmente deprimidas dos EUA.

### À Procura de Ricardo III

(Domingo, 5.5.02, TVI)

Notável realização (e interpretação, pois claro!) de Al Pacino, este *À Procura de Ricardo III* é, antes de mais, um festival de representação, filmando em jeito de documentário a peça shakespeariana *Ricardo III*, tendo por pretexto a «tese» (como elemento ficcional, está bem de ver) de que os actores norte-americanos terão mais dificuldade que os ingleses a representar Shakespeare. De caminho, o próprio Al Pacino dá-nos um soberbo desmentido com a sua interpretação no papel de Ricardo III, ali mesmo perante os nossos olhos e representando a própria representação. Um festival!

### A Mulher Vampiro

(Segunda-feira, 6.5.02, RTP-1)

À semelhança do atrás citado Dario Argento, Jesús Franco é também um prolífico realizador (espanhol) de filmes fantásticos de série B, conseguindo aqui ou ali verdadeiros desarrincações. Não é o caso deste **A Mulher Vampiro**, onde uma mulher é seduzida por outra (uma voraz e fatal vampira...), que a arrasta para uma intensa e perturbadora relação lésbica. Claramente influenciado pelos célebres filmes de terror então rodados pelos estúdios britânicos Hammer (o filme é de 1970), a audácia e originalidade de Jesús Franco

está na introdução do lesbianismo nesta trama que, aliás, se segue com curiosidade.

### Pixote, a Lei do Mais Fraco

(Terça-feira, 7.5.02, RTP-1)

Em 1981, o realizador brasileiro Hector Babenco deu-nos este notável **Pixote, a Lei do Mais Fraco**, o retrato dos miúdos abandonados do Brasil que sobrevivem como podem, onde podem, contra tudo e contra todos, sem destino ou futuro, que fazem a escola da marginalidade nos reformatórios e se profissionalizam nas ruas como traficantes, «trombadinhas» ou assassinos e morrem antes de, sequer, serem crianças. Um dos mais importantes filmes brasileiros dos anos 80, protagonizado por miúdos das favelas e onde se destaca a notável intérprete Marília Pera.

### Carta de Uma Desconhecida

(Terça-feira, 7.5.02, RTP-2)

**Carta de Uma Desconhecida** foi o segundo filme rodado nos EUA, em 1948, por Max Ophüls e é, possivelmente, o melhor do seu período americano. Adaptando ao cinema um romance de Stefan Zweig, é um admirável retrato de mulher construído a partir de uma amarga e frustrante história de amor. De realçar a tradicional mobilidade de câmara do cinema de Ophüls, que se passeia por salões, corredores, escadarias e gares e para a notável interpretação de Joan Fontain, geralmente aqui considerada no maior desempenho da sua carreira.

### Tudo em Família

(Quarta-feira, 8.5.02, RTP-1)

Realizado por Richard Pierce e escrito por Billy Bob Thornton e Tom Epperson, **Tudo em Família** é um drama familiar sobre o desejo de um branco do Sul dos EUA conhecer o seu insuspeitado meio-irmão negro. Uma viagem em busca das raízes familiares que desconheceu toda a vida e que se vai transformando num inesperado processo de reciclagem de velhos ódios e preconceitos, bem como a descoberta de uma nova identidade humana e afectiva. Uma hábil realização, que dá todo o espaço de manobra a dois grandes actores: Robert Duvall e James Earl Jones.

### Quinta, 2

#### ▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.15 Um Estranho em Casa  
16.00 Picara Sonhadora  
16.30 Diário de Maria  
17.30 Estação da Minha Vida  
18.20 Quebra-Cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.00 Fábrica das Anedotas  
21.30 Gregos e Troianos  
00.15 Conversas de Mário Soares  
01.15 Operação Triunfo  
01.45 24 Horas  
02.00 «4 Mulheres Apaixonadas» (Filme)

#### ▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 O Homem e a Cidade  
13.30 Sinais do Tempo  
14.30 Via Aberta  
17.00 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Horizontes da memória  
19.55 Clube da Europa  
20.20 Casei com uma Feiticeira  
20.45 Sabrina  
21.15 Dharma e Greg  
21.30 Acontece  
22.00 Jornal 2  
23.00 Rowell  
00.00 «Alice e Martin» (Filme)  
02.00 Serviço Público

#### ▼ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher

### Sexta, 3

#### ▼ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.15 Um Estranho em Casa  
16.00 Picara Sonhadora  
16.30 Diário de Maria  
17.30 Estação da Minha Vida  
18.20 Quebra-Cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.00 Fábrica das Anedotas  
21.30 O Jogo da Espera  
22.15 «Vírus» (Filme)  
24.00 «Interrogatório» (Filme de Radha Bharadwaj, EUA/1991, com Madeleine Stowe e Alan Rickman. Ver Destaque)  
01.45 24 Horas  
02.00 «Infinito» (Filme)

#### ▼ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
12.30 O Homem e a Cidade  
13.30 Retratos  
«Guilhermina Suggia»  
14.30 Via Aberta  
17.00 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.10 2010  
20.20 Casei com uma Feiticeira  
20.40 Sabrina  
21.05 Dharma e Greg  
21.30 Acontece  
22.00 Jornal 2  
23.00 Assassinatos Políticos  
00.40 «Place Vendôme» (Filme)  
02.00 Serviço Público

#### ▼ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três

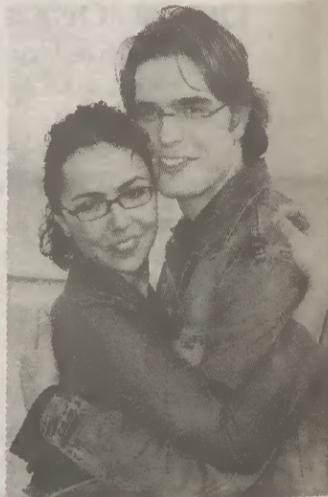
### Sábado, 4

#### ▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Top +  
15.00 O Passeio dos Alegres  
19.30 Contra-Informação  
20.00 Telejornal  
20.55 Hóquei em Patins: F.C.Porto-Benfica  
23.00 «O Substituto» (Filme de Robert Mandel, EUA/1995, com Tom Berenger, Ernie Hudson, Diane Venora. Ver Destaque)  
00.45 24 Horas  
01.00 «O Fantasma da Ópera» (Filme de Dario Argento, It/1998, com Julian Sands, Asia Argento, Andrea di Stefano. Ver Destaque)

#### ▼ RTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Universidade Aberta  
12.00 Iniciativa  
14.00 Parlamento  
15.00 Desporto  
19.30 Horizontes da Memória



«Novidades» constantes só da banda das telenovelas: brasileiras, agora com «Coração de Estudante»...

20.00 Viva o Improviso  
20.30 Bombordo  
21.00 Por Outro Lado  
22.00 Jornal 2  
23.00 O Lugar da História  
«Os Segredos de Victoria»  
00.00 Britcom  
01.05 Artes de Palco  
Bailado: «O Parque»  
02.30 Noites Curtas do Onda Curta (Curtas-metragens)

#### ▼ SIC

08.00 Sic a Abrir  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
13.45 Catarina.com  
14.30 Walker, o Ranger do Texas  
15.45 Air America  
16.45 Walker, o Ranger do Texas  
17.45 «Enquanto Dormias» (Filme)  
20.00 Jornal da Noite  
21.45 Super Sábado  
23.00 «Equipa Mortal» (Filme)  
01.00 Balada de Nova Iorque

#### ▼ TVI

08.45 Animação  
09.45 Gala das Estrelas  
11.45 Lux  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Contra-Ataque  
15.15 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Super Pai  
22.00 O Último Beijo  
23.45 Ilha da Tentação  
01.00 «Passado Infernal» (Filme)  
03.15 Alien Nation: Udara Legacy



«O Parque», um bailado com música de Mozart e interpretação de Isabelle Guérin e Laurent Hilaire à frente do Ballet da Ópera de Paris, para ver domingo na RTP2

18.30 New Wave  
19.15 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 «Duelo Sangrento» (Filme)

#### ▼ TVI

08.15 Animação Infantil  
09.45 As Manhãs de Sofia  
13.00 TVI Jornal  
14.45 Jardins Proibidos  
17.00 Batatoon  
17.45 Anjo Selvagem  
18.30 Academia das Estrelas  
19.00 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Bora Lá Marina  
21.45 Anjo Selvagem  
22.30 Sonhos Traídos  
23.15 Academia de Estrelas  
23.45 Nunca Digas Adeus  
00.45 «Os Excessos da Paixão» (Filme)  
02.45 Ally McBeal

16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.15 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 O Clone  
23.00 O Grande Mestre  
00.30 Sexo e a Cidade  
01.15 Balada de N. York

#### ▼ TVI

08.15 Animação Infantil  
09.45 As Manhãs de Sofia  
13.00 TVI Jornal  
14.45 Jardins Proibidos  
17.00 Batatoon  
17.45 Anjo Selvagem  
18.30 Academia das Estrelas  
19.00 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Bora Lá Marina  
21.45 Anjo Selvagem  
22.30 Sonhos Traídos  
23.15 Academia de Estrelas  
23.45 Nunca Digas Adeus  
00.45 «Tudo por um Sonho» (Filme)

## Domingo, 5

## ▶ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
12.30 Planeta Azul  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 João Baião  
17.15 Melhor É Impossível  
18.15 Domingo Desportivo  
20.00 Telejornal  
21.00 Camilo, o Pendura  
21.30 «O Informador» (Filme)  
00.20 Operação Triunfo  
01.45 24 Horas  
02.00 «Entre o Ódio e o Amor» (Filme)

## ▶ RTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Programa Religioso  
11.30 Horizontes da Memória  
12.00 Turma das Ciências  
13.00 Peregrinações (2)  
14.00 Desporto 2  
18.30 O Jogo Maravilhoso

## Segunda, 6

## ▶ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.15 Um Estranho em Casa  
16.30 Diário de Maria  
17.30 Estação da Minha Vida  
18.20 Quebra-Cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.00 Sorte Grande  
21.15 Fábrica das Aneotas  
21.45 O Jogo da Espera  
22.45 Jogo Falado  
23.45 «Relação Impossível» (Filme)  
01.30 Operação Triunfo  
02.00 24 Horas  
02.15 «A Mulher Vampiro» (Filme de Jesus Franco, Esp-Alem/1979, com Soledad Miranda, Ewa Strömberg. Ver Destaque)

## Terça, 7

## ▶ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.15 Um Estranho em Casa  
16.30 Diário de Maria  
17.30 Estação da Minha Vida  
18.20 Quebra-Cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
20.00 Telejornal  
21.00 Grande Informação  
21.30 Fábrica das Aneotas  
22.00 O Jogo da Espera  
22.45 «Uma Só Noite» (Filme)  
00.30 Operação Triunfo  
01.00 24 horas  
01.15 «Pixote, a Lei do Mais Forte» (Filme de Hector Babenco, Brasil/1981, com Fernando Ramos da Silva, Jorge Julião, Marília Pera. Ver Destaque)

## ▶ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
11.00 Euronews  
13.00 O Homem e a Cidade  
13.00 2010  
14.30 Via Aberta  
17.00 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Onda Curta  
19.30 Caderno Diário  
19.55 Turma das Ciências  
20.20 Casei com uma Feiticeira  
20.40 Sabrina  
21.05 Dharma e Greg  
21.30 Acontece  
22.00 Jornal 2  
23.00 Os Limites do Terror  
00.00 «Carta de Uma Desconhecida» (Filme de Max Ophüls, EUA/1943, com Joan Fontaine, Louis Jourdan. Ver Destaque)  
01.40 Serviço Público

## ▶ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.15 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 Ficheiros Clínicos  
01.00 «Carro em Fuga» (Filme)  
03.00 A Batalha dos Alimentos (3)

## ▶ TVI

08.15 Animação Infantil  
09.30 As Manhãs de Sofia  
13.00 TVI Jornal  
14.30 Jardins Proibidos  
17.10 Batatoon  
19.00 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.15 Anjo Selvagem  
22.00 Sonhos Traídos  
23.00 Gala das Estrelas  
01.30 «Deadly Appearances» (Filme)  
03.45 Os Homens do Presidente

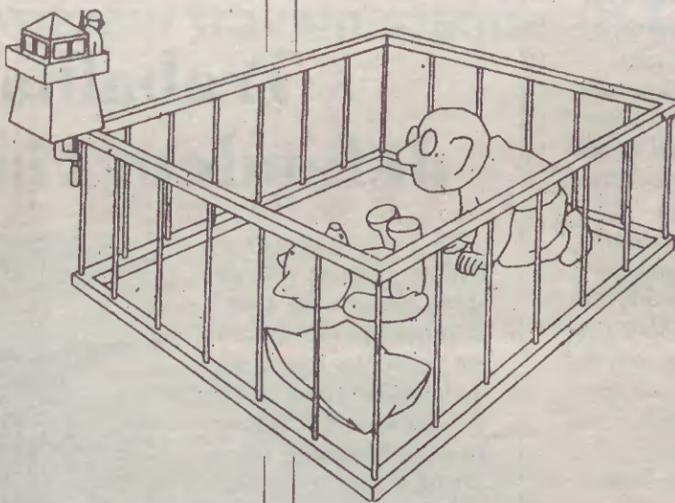
## Quarta, 8

## ▶ RTP 1

07.00 Bom Dia Portugal  
10.00 Praça da Alegria  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Regiões  
14.15 Um Estranho em Casa  
15.30 Diário de Maria  
17.30 Estação da Minha Vida  
18.20 Quebra-Cabeças  
19.15 O Preço Certo em Euros  
19.00 Telejornal  
19.45 Futebol: Final da Taça UEFA  
21.35 Fábrica das Aneotas  
21.40 Jogo da Espera  
22.45 «Segredo de Morte» (Filme)  
00.25 Operação Triunfo  
00.55 24 Horas  
01.10 «Tudo em Família» (Filme de Richard Pearce, EUA/1996, com Robert Duvall, James Earl Jones. Ver Destaque)

## ▶ RTP 2

07.00 Espaço Infantil  
10.00 Euronews  
13.00 O Homem e a Cidade  
13.30 Por Outro Lado  
14.30 Via Aberta  
17.15 Informação Gestual  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Bombordo  
19.45 Caderno Diário  
19.55 Verdadeiramente Insólito  
20.20 Casei com uma Feiticeira  
20.40 Sabrina  
21.05 Dharma e Greg  
21.30 Acontece  
22.00 Jornal 2  
23.00 Conversas de Mário Soares (3)  
00.00 «O Prazer» (Filme)  
01.40 Serviço Público



## ▶ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.15 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
00.00 Hora Extra  
01.00 «A Sombra da Vingança» (Filme)

## ▶ TVI

08.15 Animação Infantil  
09.45 As Manhãs de Sofia  
13.00 TVI Jornal  
14.15 Jardins Proibidos  
16.45 Batatoon  
19.00 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Academia de Estrelas  
21.15 Anjo Selvagem  
22.15 Sonhos Traídos  
23.30 Nunca Digas Adeus  
00.30 «Cobrador de Almas»  
02.30 Os Olhos da Lei

## Nota:

A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

## TVisto

Correia da Fonseca

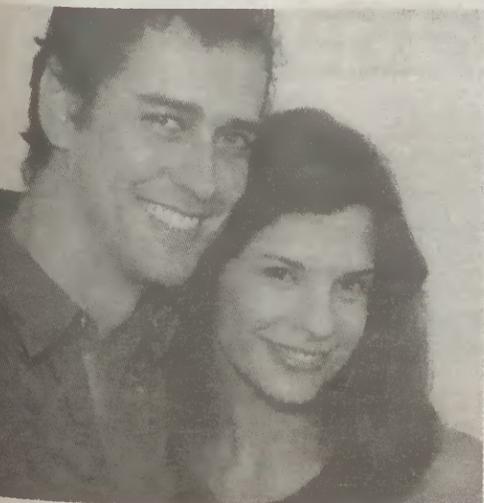
## O maior dos Big Brothers

Era uma vez uma dona de casa cujo filho, obviamente lindo, participou numa festa escolar. Aconteceu, porém, que por sobrecarga nervosa ou por total ausência de talento, a prestação do pequerrucho foi desastrosa. Compreensivelmente, a mamã ficou desolada e resolveu desabafar telefonando a uma velha amiga. Disse ela qualquer coisa como isto: «Calcula, Mary, que a actuação do Danny foi tão má que caiu como uma bomba!» Acontece: por vezes, as mamãs desoladas são excessivas na expressão verbal dos seus desapontamentos. O caso, porém, é que, longe do Danny, do colégio, da mamã, do telefone, um computador atento ouvia a conversa. E a mamã

tinha ficha organizada pelos talentos do Echelon devido à campanha contra as minas antipessoal em que se empenhara e que, como se compreende, contrariava os interesses dos Estados Unidos. Segundo o depoimento de um ex-agente dos serviços secretos canadianos que trabalhara com o Echelon, o «cadastro» da princesa tinha de mais de mil páginas. E, contudo, dificilmente se pode sustentar que Diana trabalhava para uma qualquer organização terrorista ou distribuidora de drogas, actividades que os States agitam como justificação para a permanente violação de soberania e privacidades a que o Echelon se dedica.

## Um show onde estamos todos

Embora seja praticamente certo que o Echelon não foi utilizado para que Jesualdo Ferreira soubesse quais as táticas prescritas por Jaime Pacheco aos jogadores do Boavista, dificilmente pode dizer-se que a existência do Echelon, ilustrada pela estória verdadeira da mamã do Danny ou pelo caso de Diana mas estando longe de se ficar aí, não interessa aos portugueses. A propósito desse interesse, convirá acrescentar que a espionagem comercial e industrial a favor dos interesses norte-americanos é um dos sectores a que o Echelon se aplica, o que não pode deixar-nos indiferentes apesar da nossa pequenês ou, quem sabe?, mais ainda por causa dela. Contudo, se não fora a reportagem da CBS que Mário Crespo fez retransmitir entre nós, pouco ou nada por cá se saberia acerca deste verdadeiramente totalitário sistema de escutas. Sintetizando, disse Crespo: «É o maior dos Big Brothers e o mais real dos reality shows. Todos somos participantes nele, quer queiramos ou não. Basta falar ao telefone ou usar a Internet.» Na verdade, perante isto não será enorme excesso dizer que divulgar um pouco do que é o Echelon é um acto de autêntico patriotismo. Não é que nunca por cá se tenha falado dele: falou-se, sim, mas pouco e escassamente. O Echelon, que diabo!, merecia muito mais. Como agora claramente se vê. E, porque o ficamos a conhecer melhor, isto é, porque ficamos a conhecer melhor as circunstâncias do nosso quotidiano, não venham os fellows do costume bradar que, God!, cá estão os do antiamericanismo primário e jurássico. Ao contrário, a provadíssima intromissão do Echelon na privacidade dos europeus, o constante desrespeito pela soberania dos estados deste lado do Atlântico, é que é sintoma de um antieuropeísmo ianque de que ninguém se lembra. Ou quer lembrar. Se calhar, porque W. Bush não gostaria disso.



... e das portuguesas, com a TVI sempre na vanguarda: «Tudo por Amor» é a última

19.30 Onda Curta  
20.00 Coleccionadores de Arte  
20.30 Futurama  
21.00 Artes e Letras  
«O Século do Cinema»  
22.00 Jornal 2  
23.00 «O Anjo da Guarda» (Filme Português)  
00.40 Sinais do Tempo  
«Abaixo o Ditador»  
01.45 2010 (Rep.)

## ▶ SIC

06.45 SIC a Abrir  
12.00 BBC - Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 «Guerra das estrelas O Regresso de Jedi» (Filme)  
16.00 «O Meu Marciano Favorito» (Filme)  
18.00 «O Patriota» (Filme)  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso



Guilhermina Suggia, que foi grande violoncelista e também uma mulher de forte carácter e muita coragem, é «retratada» nesta sexta-feira na RTP2

21.30 Globos de Ouro  
00.30 «Corrida para o Perigo» (Filme)

## ▶ TVI

08.45 «Um Sedutor em Apuros» (Filme)  
11.00 Cerimónias Religiosas  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Domingo Fantástico  
17.45 «Eraser» (Filme)  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Anjo Selvagem  
22.00 O Último Beijo  
24.00 Academia de Estrelas  
01.30 «A Procura de Ricardo III» (Filme de Al Pacino, EUA/1996, com Al Pacino, Alec Baldwin, Winona Ryder, Kevin Spacey. Ver Destaque)  
03.30 Os Médicos

## ▶ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 As Duas por Três  
16.00 Malhação  
17.30 Desejos de Mulher  
18.30 New Wave  
19.15 Coração de Estudante  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Fúria de Viver  
23.00 O Clone  
24.00 «A Última Dança» (Filme)

## ▶ TVI

08.15 Animação Infantil  
09.45 As Manhãs de Sofia  
13.00 TVI Jornal  
14.15 Jardins Proibidos  
16.45 Batatoon  
19.00 Anjo Selvagem  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Academia de Estrelas  
21.15 Anjo Selvagem  
22.15 Sonhos Traídos  
23.30 Nunca Digas Adeus  
00.30 «O Terror Mora no Lado» (Filme)  
03.15 «The Pentagon Wars» (Filme)

## A talhe de foice

• Henrique Custódio

# Folclores

Vasco Pulido Valente (VPV) vem sofrendo, ao longo das já muitas décadas que escreve para os jornais, de uma obsessão anticomunista tão infrene que não apenas lhe tolda, geralmente, a sua agora celebrada argúcia de cronista em cada vez que disparte sobre o PCP como, sobretudo, o faz disparatar descontroladamente nos textos e contextos que (re)inventa sobre a matéria.

É neste quadro que já embarcou uma porção de vezes nas demenciais exéquias do PCP que outros seus confrades, de pena menos talentosa e por isso mais óbvia, regularmente dão à estampa na fremente ilusão de que um desejo mil vezes escrito se poderá tornar realidade. A insistência e regularidade com que VPV regressa aos «prognósticos» do «fim do PCP» colocam-no, entretanto, ao mesmo nível de todos esses escribas que, no mínimo, não se lêem a si próprios quando, desavergonhadamente, repetem ao longo de anos e décadas a óbvia e cansativa fraude do «desaparecimento» do PCP.

Esse nível é, sem disfarce possível, o do anticomunismo militante. O que vai para além de um «ponto de vista» jornalístico, porque é sobretudo um ponto de partida ideológico. Daí que VPV (na vanguarda destas manobras) não se limite a dar como ponto assente o «fim do PCP» (afinal, também ele permeável à ilusão de que um desejo mil vezes escrito se pode tornar realidade...) e já se dedique, como o fez em crónica no Diário de Notícias, a vituperar os actos do PCP, a sua companhia e, quiçá, a sua própria existência no regime democrático. Falando das comemorações do 25 de Abril – que titula e classifica de «folclore», sem se aperceber que tal sarcasmo se insere ele próprio num outro folclore, só que retintamente reaccionário –, começa por desancar as que ocorreram institucionalmente no interior da Assembleia da República e que, nas suas palavras, «foram a miséria do costume», com os senhores deputados a «fazerem prosa poética». Todavia – continua ele – «à tarde é que as coisas se complicaram».

Porquê?

Porque «pela primeira vez, um secretário-geral do PS, o senhor Ferro, andou pelas ruas de Lisboa de braço dado com o secretário-geral do PCP, o sr. Carvalhas» (temível escândalo!), enquanto «os manifestantes gritaram que “o fascismo não morreu” (uma palavra de ordem comunista) e pediram a cabeça (política) de Le Pen e Ariel Sharon», o que, no entender de VPV, mostra que Ferro Rodrigues «não serve» ao promover esta «unidade “antifascista” com o PC mais fossilizado da Europa», o que por seu lado não passa de «um simples disparate», que «faz rir, quando não faz chorar» e mostra que «o senhor Ferro não percebeu ainda que esta espécie de “regresso à esquerda” empurra o PS para as catacumbas».

Ficamos sem saber se VPV afinal ri ou chora destes acontecimentos, mas para uma coisa as suas palavras servem: dão-nos a medida da sua incomodidade pessoal com o 25 de Abril, que é muita.

Para a suposta sobrançeria de VPV, o tenebroso «regresso à esquerda» do PS já se desenha no simples braço dado das comemorações de Abril com o PCP cujo, apesar de «fossilizado» (além de morto e enterrado não sei quantas vezes), afinal continua um perigo.

De qualquer modo, deduz-se que, para VPV, as comemorações do 25 de Abril já são apenas coisa de comunistas, com quem não convém haver misturas pois tal constitui perigo de... um «regresso às catacumbas».

E nas catacumbas só devem estar mesmo os comunistas, né?

Como se vê, realmente «o fascismo não morreu» – e até ri por trás dos mais opinativos democratas...

Trabalhadores da «Vouga-Têxtil» manifestam-se em Viseu

## Em defesa dos postos de trabalho

**Trabalhadoras da «Vouga-Têxtil», encerrada desde final de Janeiro, manifestam-se esta quarta-feira nas ruas de Viseu. É mais uma etapa da sua luta em defesa dos postos de trabalho e pela reabertura da empresa.**

Os cerca de 300 trabalhadores – a sua maioria mulheres –, após concentração, iniciam um percurso pelas artérias da cidade entre a Avenida Europa e o Rossio.

A decisão de avançar com esta acção de protesto, segundo Carlos João, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores do Sector Têxtil da Beira Alta, surge como resposta ao facto de três meses

passados sobre o seu encerramento ainda não ter sido dada qualquer garantia aos trabalhadores de que a empresa voltaria a abrir e a empregá-los.

**Promessas do Governo ficaram no tinteiro**

Considerada a maior empresa do concelho de Vouzela, a «Vouga-Têxtil» fechou na sequência da demissão do seu único administrador, deixando os trabalhadores com o subsídio de Natal e os salários de

Dezembro e Janeiro em atraso. A justificar a luta e o protesto dos trabalhadores está ainda a circunstância de, até ao momento, não ter sido publicado o alargamento dos benefícios da Portaria 566/97 – que concede medidas especiais de protecção social aos desempregados – às empresas do distrito de Viseu.

Actualmente, recorda-se, antigos trabalhadores de empresas têxteis de Seia, Gouveia, Manteigas, Guarda, Covilhã e Castelo Branco beneficiam daquela portaria, criada devido à crise económica do sector e ao elevado número de desempregados involuntários.

O sindicato tinha recebi-

do a garantia do anterior Governo, nomeadamente da Secretaria de Estado da Segurança Social, de que seria tomada uma decisão na semana a seguir às eleições legislativas, mas tal não veio a concretizar-se.

Desde que a empresa encerrou, vários grupos do Norte do país visitaram as instalações na zona industrial de Vouzela e mostraram-se inicialmente interessados na sua reabertura. Só que acabaram por abandonar a ideia, o mesmo sucedendo com o presidente da Câmara Municipal de Vouzela, que acabou por desistir da luta, após as diligências por si feitas para encontrar investidores.

## Trabalhadores da OGMA defendem viabilidade de empresa

Os trabalhadores da OGMA estiveram, segunda-feira, concentrados frente à empresa, manifestando-se em defesa dos seus postos de trabalho, pelo cumprimento da Lei da Contratação Colectiva, pela aplicação integral do regulamento de carreiras e pelo termo imediato da entrega de trabalho à Litoral e a outras empresas de subcontratação.

Há já vários anos que o Sindicato dos Trabalhadores Civis das Forças Armadas, Estabelecimentos Fabris e Empresas de Defesa – STEFFAS, vêm alertando os sucessivos governos para as situações gravosas que se têm vindo a registar na empresa, sem que nenhuma atitude tenha sido entretanto tomada. Hoje, e por



ausência de uma intervenção adequada, a empresa está numa situação particularmente difícil.

Os trabalhadores manifestaram-se também porque

sabem que a OGMA tem todas as condições para singrar no mercado, pelo seu reconhecido prestígio internacional, e pelas capacidades que possui, quer huma-

nas quer em infra-estruturas. Nesta acção, que reuniu centenas de trabalhadores, participou também Carvalho da Silva, secretário-geral da CGTP-IN.

## Encerramento de empresas em Castelo Branco PCP solidário com trabalhadores

«Um rude golpe social e económico» para o concelho do Fundão, assim classificou o PCP a declaração de falência da empresa ERES e sua deslocalização para o Leste da Europa, deixando no desemprego cerca de 500 trabalhadores, mulheres na sua esmagadora maioria.

A gravidade da situação é tanto maior, na perspectiva dos comunistas, quanto é certo que no distrito de Castelo Branco, num curto espaço de tempo, ocorreu o encerramento de diversas empresas que colocaram no desemprego

mais de 1300 trabalhadores.

Em nota do seu Gabinete de Imprensa, divulgada segunda-feira, onde expressa a sua solidariedade a todas as trabalhadores e trabalhadores atingidos, o PCP não esconde a sua indignação e «protesto pela impunidade com que as multinacionais operam em Portugal», lembrando a propósito os apoios e subsídios de todo o tipo que estas recebem para depois fecharem as portas e abandonarem o País quando entendem, «sobrando para o Estado e para o sistema

de Segurança Social os encargos económicos e sociais resultantes das suas decisões».

Recordado pelo PCP é ainda o facto de, por proposta sua, a Assembleia da República ter aprovado uma Resolução na anterior Legislatura que insta o Governo a «alterar a legislação sobre indemnizações por despedimentos, aumentando os valores a pagar aos trabalhadores que perdem o seu emprego em resultado do processo de deslocalização».

Nesse texto, que também recebeu na ocasião os votos

favoráveis do PSD e do CDS/PP, o Parlamento aconselhava ainda o Governo a adoptar medidas no sentido de aumentar o período com direito ao subsídio de desemprego, sendo igualmente nele defendido um programa público de apoio às autarquias vítimas de prejuízos decorrentes da deslocalização de empresas.

